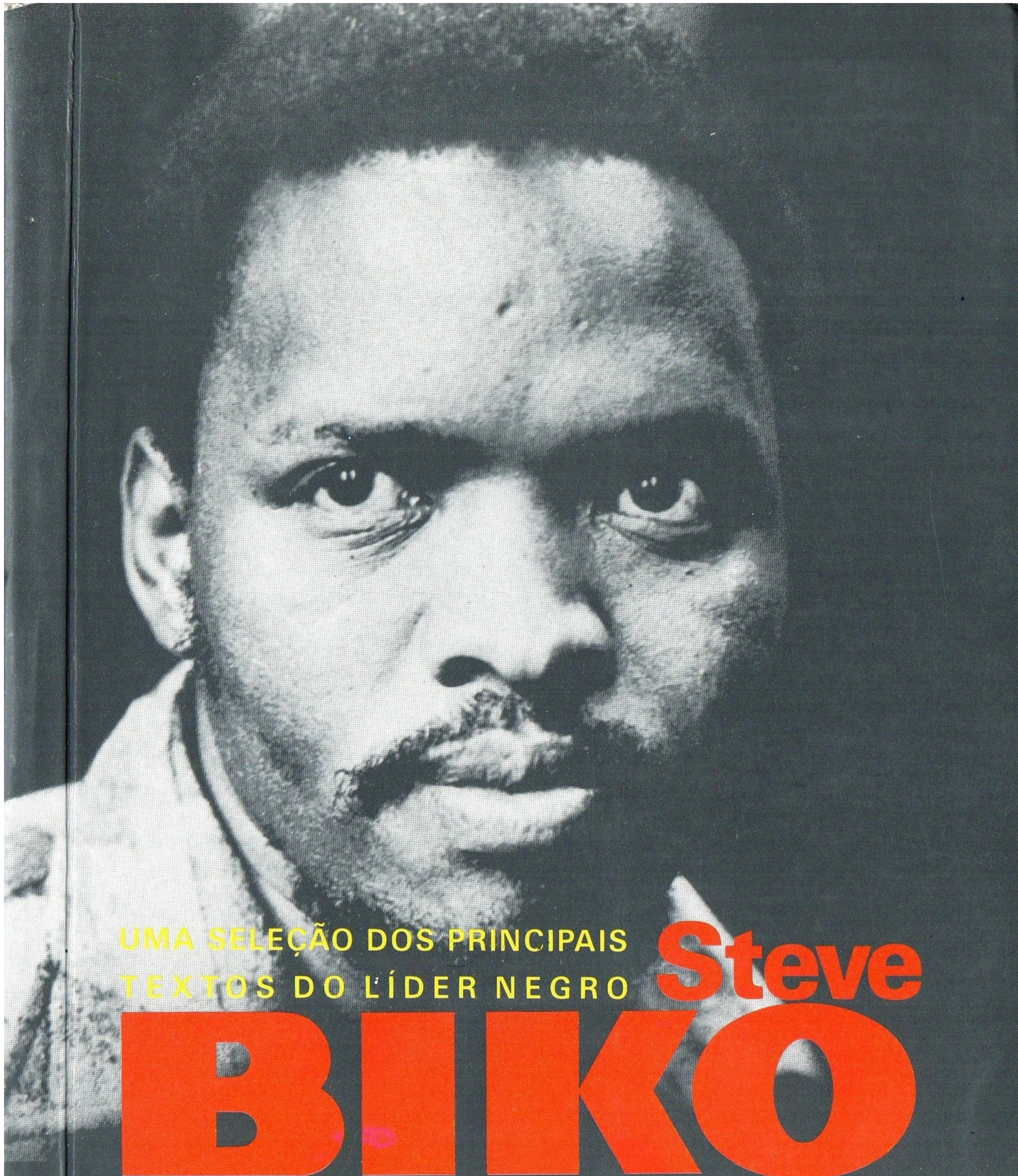


UMA SELEÇÃO DOS PRINCIPAIS TEXTOS DO LÍDER NEGRO

Steve BIKO

ESCREVO O QUE EU QUERO

APRESENTAÇÃO BRASILEIRA
BENEDITA DA SILVA

editora ática

ISBN 85 08 03625 6

"Sou contra a estratificação da sociedade em superior-inferior, branco-negro, que faz do branco um perpétuo professor e do negro um perpétuo aluno (e um mau aluno, além do mais). Sou contra a arrogância intelectual dos brancos que faz com que acreditem que a liderança branca é uma condição **sine qua non** neste país, e que os brancos têm um mandato divino para imporem o seu ritmo ao progresso. Sou contra o fato de que uma minoria de colonizadores imponha todo um sistema de valores ao povo nativo."

Steve Biko

*

"O pensamento de Steve Biko é absolutamente atual no contexto das relações raciais do Brasil. Esperamos que ele seja fonte de inspiração para a reflexão e ação política dos movimentos negros brasileiros e demais setores sociais comprometidos com a defesa dos direitos humanos fundamentais e com a construção de uma ordem social justa e igualitária."

Do prefácio de Benedita da Silva



UMA SELEÇÃO DOS PRINCIPAIS TEXTOS DO LÍDER NEGRO

Steve BIKO

ESCREVO O QUE EU QUERO

APRESENTAÇÃO BRASILEIRA
BENEDITA DA SILVA

editora ática

Este livro reúne os escritos mais importantes de Steve Biko, herói do movimento de libertação do povo da África do Sul, que em 1977 foi torturado e assassinado pela polícia sul-africana. Para os que viram o filme **Grito de liberdade**, é a leitura desses textos que virá dar consistência e profundidade à história desse líder e de sua corajosa atuação.

Por sua apaixonada defesa da solidariedade entre os negros, Steve Biko foi chamado Pai do Movimento de Consciência Negra. Sua lucidez é ainda mais admirável dentro do contexto da sociedade sul-africana, baseada no apartheid — um sistema estruturado de modo a levar o negro a se convencer de que ele não vale nada, de que é um ser inferior. O grande mérito de Steve Biko é que, tendo nascido nessa situação, ele não a aceitou — e não só para si mesmo, mas não a aceitou, ativamente, para todo o seu povo, conclamando-o a reconhecer o valor da negritude.

Os textos aqui publicados, que foram contrabandeados para fora

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO



800
RL

STEVE BIKO

ESCREVO O QUE EU QUERO

TRADUÇÃO:
Grupo Solidário São Domingos

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA:
Benedita da Silva

editora ática

Série
Temas
volume 21
Sociedade e política

Título original: *I write what I like*
Copyright © N. M. Biko, 1978
Seleção e organização: Aelred Stubbs CR

TEXTO
EDITOR
Fernando Paixão
ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Isa Mara Lando
TRADUÇÃO
Grupo Solidário São Domingos
REVISÃO DE TRADUÇÃO
Cid Knipel Moreira
PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS
Carmen Garcez

ARTE
CAPA
Ettore Bottini
PROJETO GRÁFICO (MIOLO)
Milton Takeda
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Tadao Uwagoya
COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO EM VÍDEO
Neide Hiromi Toyota
Dirce Ribeiro de Araújo

ISBN 85 08 03625 6

1990

Todos os direitos reservados
Editora Ática S.A. — R. Barão de Iguape, 110
CEP 01507 — Tel.: (PABX) 278-9322 — Caixa Postal 8656
End. Telegráfico "Bomlivro" — São Paulo — SP

Sumário

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

Apresentação da edição brasileira, por Benedita da Silva 5
Agradecimentos 9
Principais siglas citadas 11
Introdução, por N. Barney Pityana 13
1. Alma negra em pele branca? 31
2. Nós, os negros 39
3. A fragmentação da resistência negra 47
4. Alguns conceitos culturais africanos 55
5. A definição da Consciência Negra 65
6. A Igreja vista por um jovem leigo 71
7. Racismo branco e Consciência Negra 79
8. O medo: um fator decisivo na política sul-africana 93
9. Vamos falar sobre os bantustões 101
10. A Consciência Negra e a busca de uma verdadeira humanidade 109
11. O que é Consciência Negra? 123
12. A justiça de nossa força 147
13. A política americana em relação à Azânia 167
14. Nossa estratégia para a libertação 173
15. Sobre a morte 183

Apresentação da edição brasileira

Benedita da Silva
Deputada Federal

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

A Consciência Negra é, em essência, a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação — a negritude de sua pele — e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua. Procura provar que é mentira considerar o negro uma aberração do "normal", que é ser branco. É a manifestação de uma nova percepção de que, ao procurar fugir de si mesmos e imitar o branco, os negros estão insultando a inteligência de quem os criou negros. Portanto, a Consciência Negra toma conhecimento de que o plano de Deus deliberadamente criou o negro, negro. Procura infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, religião e maneira de ver a vida.

Steve Biko

Enfim chega ao Brasil a voz de mais um dos mártires da luta de libertação do povo negro sul-africano assassinado pelo regime do apartheid da África do Sul. Steve Biko, a exemplo de Nelson Mandela, encarna com sua vida e sua morte o profundo sentimento de liberdade latente em todo homem que se recusa, mesmo ao preço da própria vida, a submeter-se aos mecanismos que tentam subtrair do homem a sua condição humana e sua liberdade.

Contrapondo-se ao processo de desumanização imposto aos negros pelo apartheid, Steve Biko define a Consciência Negra como a única atitude capaz de promover o reencontro do negro consigo mesmo e de resgatá-lo como agente de sua própria libertação, pela recuperação dos valores positivos e essenciais da cultura negra africana fundada nos pressupostos do humanismo africano e da fraternidade.

Profundamente imbuído de um sentimento religioso, o pensamento de Biko recupera para o negro uma identidade metafísica perdida no processo de coisificação determinado pela escravidão e pelas persistentes formas de discriminação racial existentes contra os negros em todas as partes do mundo — discriminação que o sistema do apartheid retrata em toda a sua crueldade.

No entanto, Steve Biko não cai na velha armadilha da vitimização do negro e constrói uma reflexão na qual busca superar o maniqueísmo do algoz branco e da vítima negra, procurando detectar como a opressão tem seu resultado mais eficaz ao produzir no oprimido a consciência de subserviência e impotência para transformar sua situação real; e é justamente essa consciência deformada internalizada pelo negro o alvo principal da reflexão e da ação política de Steve Biko.

Ao condenar o apartheid, Biko tem a coragem de reivindicar a África para os africanos: "Nada pode justificar a presunção arrogante de que um pequeno grupo de estrangeiros tem o direito de decidir sobre a vida da maioria". Porém, observador impiedoso das seqüelas produzidas em seu povo pela opressão racista, Steve Biko não teme afirmar que "a falta de bens materiais já é bastante ruim, mas unida à pobreza espiritual é mortífera. Este último efeito é provavelmente aquele que cria montanhas de obstáculos no curso normal de emancipação do povo negro".

Esquadrinhando os efeitos mortais do racismo, Biko diagnostica a lógica que está por trás da dominação do branco — "Preparar o negro para desempenhar um papel subserviente neste país" — e chega às formas mais desagregadoras do processo de desumanização do negro ao identificar que "bem no fundo, sua raiva cresce com o acúmulo de insultos, mas ele a manifesta na direção errada — contra seu companheiro na cidade segregada, contra coisas que são propriedade dos negros. Ele não confia mais na liderança, [...] e nem há uma liderança em que confiar".

Portanto, a proposta política desenvolvida por Biko a partir do conceito de Consciência Negra implica o reconhecimento da miséria espiritual produzida pela opressão racista e um processo de olhar para dentro, num re-conhecimento da cultura africana esmagada sob a acusação européia de barbárie; retomar as práticas e costumes religiosos, valorizar a herança cultural, "reescrever a história do negro e criar nela os heróis que formam o núcleo do contexto africano".

Lá, como entre nós, Biko explicita a importância da luta ideológica. É necessário construir heróis, instituir datas. Opor os Zumbis aos Domingos Jorge Velhos, os vinte de novembros aos treze de maios. Afirmar os valores positivos das culturas negras em oposição ao dilaceramento da decadente cultura ocidental, contrapor o nosso sentido de comunidade à impessoalidade do mundo ocidental.

A leitura dos textos de Steve Biko torna inevitável o reconhecimento da semelhança entre a situação do negro brasileiro e a do negro sul-africano, pois de um lado eles nos instigam a refletir sobre o nosso compromisso de solidariedade para com a luta do povo negro sul-africano e, de outro, nos obrigam a deter-nos sobre o estágio em que se mantêm as desigualdades existentes entre os grupos raciais no Brasil, tornando evidente que os métodos de segregação racial utilizados no Brasil e na África do Sul, embora diferentes entre si, alcançam resultados iguais. Os bantustões sul-africanos aqui são redefinidos nos conglomerados de favelas, alagados e invasões, compostos majoritariamente por população negra; a lei do passe sul-africana é aqui mascarada na exigência da carteira assinada, violenta e vexatoriamente requisitada pelos policiais brasileiros ao trabalhador negro desempregado e marginalizado. As taxas alarmantes de analfabetismo entre a população negra brasileira expressam no Brasil a "igualdade de direitos e oportunidades" existente entre os cidadãos brasileiros, conforme preconiza a nossa democracia racial.

Essas condições tornam o pensamento de Steve Biko absolutamente atual no contexto das relações raciais do Brasil. Esperamos que ele seja fonte de inspiração para a reflexão e a ação política dos movimentos negros brasileiros e demais setores sociais comprometidos com a defesa dos direitos humanos fundamentais e com a construção de uma ordem social justa e igualitária, compromisso que está inequivocamente presente nos responsáveis pela organização deste livro e na decisão política de oferecê-lo ao público brasileiro.

Agradecimentos

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

O organizador e a editora agradecem às seguintes pessoas e entidades pela valiosa ajuda na compilação deste livro: World University Service, cuja generosa subvenção deu ao Sr. David Mesenbring a possibilidade de reunir grande parte do material aqui apresentado; o próprio David, por sua assistência criativa durante os vários estágios; a bibliotecária e o pessoal da Universidade Nacional de Lesoto; o Comitê de Advogados para os Direitos Civis sob a Lei, de Washington, D. C., por nos fornecer vários artigos escritos por Steve Biko que o comitê possuía; Dra. Gail M. Gerhart; C. Hurst and Co., por permitirem a reprodução de "A Consciência Negra e a busca de uma verdadeira humanidade"; David Philip Publisher (Pty) Ltd., por permitir a reprodução do capítulo intitulado "Racismo branco e Consciência Negra"; The New Republic Inc., pelo capítulo "Sobre a morte"; as organizações Christianity and Crisis e Episcopal Churchmen for South Africa, por permitirem a reprodução de "Nossa estratégia para a libertação"; The International University Exchange Fund; Hugh Levin.

Principais siglas citadas*

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

ANC	African National Congress (Congresso Nacional Africano)
ASB	Afrikaanse Studentebond (Associação dos Estudantes Africânderes)
ASSECA	Association for the Educational and Cultural Development of the African People (Associação para o Desenvolvimento Educacional e Cultural do Povo Africano)
BCP	Black Community Programmes (Programas da Comunidade Negra)
BOSS	Bureau of State Security (Departamento de Segurança do Estado)
BPC	Black People's Convention (Convenção do Povo Negro)
CR	Community of the Resurrection (Anglican) — (Comunidade da Ressurreição — Comunidade religiosa da Igreja Anglicana)
CRC	Coloured Representative Council (Conselho Representativo dos Mestiços)
GSC	General Students' Council (Conselho Geral dos Estudantes)
ICU	Industrial and Commercial Workers Union (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e do Comércio) — uma tentativa mais antiga de organizar um sindicato negro, por Clement Kachalia e outros

* Decidiu-se manter as siglas originais, por serem bastante conhecidas internacionalmente, traduzindo-se apenas o seu significado para possibilitar a compreensão. (N. T.)

IDAMASA	Interdenominational Association of African Ministers of Religion (Associação de Ministros Religiosos Africanos de várias Denominações Cristãs)
NEUM	Non-European Unity Movement (Movimento de União dos Não-Europeus)
NAFSAS	National Federation of South African Students (Confederação Nacional dos Estudantes da África do Sul)
NUSAS	National Union of South African Students (União Nacional dos Estudantes da África do Sul)
OP	Order of Preachers (Ordem dos Pregadores — Dominicanos)
PAC	Pan-Africanist Congress (Congresso Pan-Africanista)
POQO	Ala militante do PAC
SAP	South African Police (Polícia da África do Sul)
SASO	South African Students' Organization (Organização dos Estudantes da África do Sul)
SB	Security Branch of SAP (Divisão de Segurança da Polícia da África do Sul)
SJ	Society of Jesus (Sociedade de Jesus — Jesuítas)
SRC	Student's Representative Council (Conselho Representativo dos Estudantes)
SWAPO	South West African People's Organization (Organização do Povo do Sudoeste da África — Namíbia)
UBC	Urban Bantu Council (Conselho Urbano Bantu)
UCM	University Christian Movement (Movimento Cristão Universitário)
UNB	University of Natal Black (Universidade de Natal para Negros). Anteriormente UNNE: University of Natal Non-European (Universidade de Natal para Não-Europeus)
UNISA	University of South Africa (Universidade da África do Sul)

Introdução: Bantu Stephen Biko em perspectiva

N. BARNEY PITYANA

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

Eu me lembro como se fosse ontem. E já faz dez anos. Não que eu estivesse presente no enterro, para ser transtornado pelo fervor da emoção, e também não tive oportunidade de extravasar minha raiva. Não que tenha visto aquelas fotografias horripilantes que revelaram a extensão da brutalidade que estava ocorrendo dentro das câmaras de tortura da Gestapo sul-africana. Não é nem mesmo que eu tenha assistido à farsa de um inquérito que se vangloriava de ter toda a aparência de um sistema de justiça, só para se expor como uma caricatura de justiça. Para muitos de nós, nossas memórias remontam até a horrível realidade do assassinato de Steve Biko.

No entanto, eu estava na prisão. Uns poucos dias antes de Steve e Peter Jones serem presos naquela barreira na estrada, me encontrava definhando nas celas da delegacia de polícia da Rua Baakens, no centro de Port Elizabeth. A notícia da prisão de Steve me foi dada por um certo major Fisher da Polícia de Segurança, com indisfarçável prazer. Era para eles um golpe importante. Era como se, com o fechar das algemas e o trancar das chaves, eles tivessem imposto com sucesso a autoridade deles sobre as cidades segregadas* para negros na Província Oriental do Cabo. Logo seria provado que estavam enganados.

* Cidades segregadas: *Townships*, no original. Pelo sistema de apartheid, cada assim chamada raça (branca, negra, mestiça, asiática) tem áreas separadas para morar; a expressão *township*, ou seja, cidade segregada, se refere em geral às áreas: cidades ou bairros separados, para uso exclusivo de negros, mestiços ou asiáticos. (N. T.)

O que lembro claramente, porém, é isto: na noite em que Steve morreu, eu estava mergulhado em uma memorável e animada discussão com ele. O episódio pareceu terminar com Steve me confiando o futuro e o bem-estar de seus filhos. Eu me lembro de deixar isso de lado, rindo. Talvez por eu ter a tendência de não levar a sério os últimos desejos de meus amigos. Mas agora sei que aquele era o seu último desejo e seu testamento. É deste Steve que prefiro me lembrar: um homem cheio de vida, alegre, e no entanto alguém que tinha a capacidade de exprimir até os pensamentos mais profundos de um modo jovial. Ele jamais gostou de ser levado muito a sério. Como todos os sonhos, passou tão depressa como veio. Fiquei para descobrir o mistério.

Não levou muito tempo. Na manhã seguinte havia uma atividade febril em torno de minha humilde morada. O guarda mestiço, como eles chamam, foi sumariamente removido. Em seguida, tive o privilégio de ter três guardas brancos vigiando todos os meus movimentos. Aquilo que passava por uma janela, na minha cela, foi tapado com tábuas e fiquei sem ter acesso ao mundo exterior, nem um vislumbre de luz natural. Outro guarda foi postado do lado de fora para interceptar minha comunicação ocasional com as pessoas que passavam e que, incidentalmente, incluíam minha esposa e outros amigos. Dentro de vinte e quatro horas fui removido para a distante cidade de Alexandria. Mas isso não aconteceu antes de eu ter descoberto, por meus próprios meios, que Steve fora assassinado pelas mesmas pessoas que me mantinham prisioneiro.

Eu me pergunto por que tais recordações sombrias são necessárias agora, dez anos mais tarde. A África do Sul nunca esteve numa situação pior, tão conturbada. A atividade política, tanto dentro como fora do país, se encontra num nível crítico. Há uma incrível oscilação na política negra entre militância e dinamismo, oportunismo e puro cansaço, esperança e desespero. Nós nos lembramos agora porque é preciso parar e avaliar, refletir e planejar novas estratégias. Em tudo isso, Bantu Stephen Biko e o legado da Consciência Negra são fatores cruciais.

Aqueles dentre nós que tivemos o privilégio de participar dos acontecimentos históricos da era Biko precisamos prestar atenção a vários aspectos. Como organizadores da tradição, não podemos jamais presumir que somos seus únicos intérpretes e assim retirá-la do domínio do povo. Precisamos evitar a tentação de permitir que nosso olhar sobre o passado se torne uma fixação que nos transforme em estátuas de sal, imóveis, e que não respondem aos desafios sociais do momento presente. Precisamos ter consciência da tendência de romantizar os acontecimentos que têm um lugar especial em nosso coração e de não sermos críticos e criativos em nossa análise. Ao mesmo tempo, devemos observar que boa parte desses dez anos será forçosamente revista com o benefício de um olhar *a posteriori*. Os acontecimentos na África do Sul têm se desenrolado muito depressa e precisamos nos lembrar de que também crescemos e amadurecemos nesse ínterim. Apresento como exemplo minha surpresa ao reler a idéia de Steve a respeito de uma "união nacional de estudantes". Hoje parece que ele estava concedendo à União Nacional dos Estudantes da África do Sul (NUSAS), liderada pelos brancos, um caráter de nacionalidade ao qual, sem os estudantes negros, não tinha direito. Mas preciso lembrar que naquele momento parecia necessário e estratégico limitar nossas áreas de ataque.

Minha tarefa neste ensaio é apresentar uma avaliação de Bantu Stephen Biko e do movimento de Consciência Negra à luz dos acontecimentos políticos na África do Sul hoje. Não foi à toa que o Sínodo Provincial da Igreja da Província da África Austral (Anglicana) discutiu uma moção apresentada por alguns delegados negros pedindo que Steve Biko fosse lembrado no calendário litúrgico da Igreja. Essa moção foi acompanhada de pedidos para que fosse declarado mártir. Já foram escritos livros e realizados documentários de televisão a respeito dele, e agora vai ser lançado um filme inspirado em sua vida*. Seu nome tem sido invocado para apoiar ou justificar uma grande variedade de causas, como, por exemplo, a Consciência Negra defendida pela Organização do Povo de Azânia, a participação no movimento progressista de ativistas anteriormente ligados à Consciência Negra, como Aubrey Mokoena, a reivindicação do Congresso Pan-Africanista (PAC) de que Biko é um "deles", ou o realinhamento de forças progressistas sob o guarda-chuva do Congresso Nacional Africano (ANC). Todas essas causas podem ter uma parcela de verdade. O que provam é que não há um único pensamento, estilo ou organização que possa contê-lo.

Com todo esse entusiasmo, há um perigo real de que Bantu Stephen Biko se torne uma imagem a ser venerada. Muitos que lhe "prestam culto" poderiam ser levados a ter uma ligação pouco saudável e acrítica com ele. Às vezes me pergunto como ele teria

* Trata-se do filme *Um grito de liberdade*, dirigido por Richard Attenborough. (N. E.)

reagido a tudo isso. Não posso deixar de pensar que ele se sentiria extremamente embaraçado. Ele nunca buscou a glória pessoal, mas servia à causa da justiça e da libertação como parte de um movimento dinâmico. Em tom de zombaria, ele muitas vezes se referia a si mesmo como "Filho do Homem".

Este texto tem como objetivo situar Steve Biko dentro da perspectiva do movimento mais amplo de libertação na África do Sul, traçando a evolução das idéias de Consciência Negra. Para compreender isso claramente, em minha opinião é preciso ver Steve como ele era: um ser humano comum.

O dia 18 de agosto de 1978 foi o primeiro aniversário da prisão de Biko e de Jones. Alguns dias antes eu fora solto depois de doze meses na prisão. Minha esposa, minha filha e eu estávamos fugindo de nossa terra para o exílio, quando peguei um jornal em Kingwilliamstown, cidade natal de Steve. Nele, MamCete, a mãe de Steve, descrevia os primeiros estágios da consciência política de Steve. O que ficava claro na entrevista era que uma tradição de ativismo político dentro da família, o fato de aprender em casa a respeito da injustiça e da miséria extrema, por si só não levavam a um engajamento político. O melhor professor continua sendo o apartheid, a maneira como é visto e experimentado, juntamente com uma mente sensível e inquieta. São os Hamlets deste mundo que exclamam:

"Nosso tempo está desnorteado. Maldita a sina
Que me fez nascer um dia para consertá-lo!"

(Hamlet, I, V)*

Biko tinha uma mente muito aguçada. Como estudante era inteligente e, na argumentação, lógico, bem informado e rápido. Ele sabia que a vida política não era um mar de rosas e, o que era mais doloroso, que ele teria de frustrar as ambições de sua família a seu respeito. Menosprezava as pessoas de visão curta. Acreditava, com convicção, que era só pela via política que o futuro da maternidade, da irmandade e da vida familiar poderia ser garantido. Queria muito libertar a mãe da escravidão de tarefas subalternas e recompensar a irmã, que financiara boa parte de sua educação. Infelizmente a irmã morreu cedo.

O lar dos Biko era realmente uma grande família. Todos aprenderam a partilhar e contribuíram para a vida familiar de

* Tradução de Millôr Fernandes. (N. T.)

acordo com suas capacidades. Esse espírito de colaboração deixou uma impressão duradoura em Steve. Ele não foi criado somente com o irmão e as irmãs, pois a mãe, embora tivesse um emprego de tempo integral, também criou filhos de alguns parentes. Steve se impressionava com a atitude filosófica de sua mãe em relação à luta diária pela sobrevivência e seu compromisso total de oferecer toda a ajuda que pudesse, não só para os próprios filhos, mas para todos que a solicitassem na hora da necessidade. Isso era natural. Mas foi a semente da qual nasceu um sistema político que iria transformar toda a cena sul-africana.

Meu relacionamento com Steve remonta ao tempo em que estivemos juntos em Lovedale, uma escola para meninos perto da cidade de Alice, na Província do Cabo Oriental. Provavelmente é justo dizer que, para nós dois, Lovedale foi o berço de nosso envolvimento político posterior. Em 1963 fomos expulsos, juntamente com muitos outros meninos, após uma greve. Depois disso nos separamos, para nos ligarmos de novo apenas em nosso período universitário. Ele estudou na Escola de Medicina da Universidade de Natal e eu estudei em Fort Hare, Alice. A minha instituição era tribal, organizada pelo governo, e a dele era, oficialmente, uma escola multirracial, com tendências liberais; lá a participação dos estudantes na política era a norma geral, ao passo que em Fort Hare, com uma tradição igualmente longa de ativismo radical, os ditames do apartheid eram aplicados sem piedade.

Em 1967 Steve foi passar alguns dias em minha casa, em Port Elizabeth, depois de participar do congresso anual da NUSAS — uma organização liberal, liderada por brancos, — na Universidade de Rhodes, em Grahamstown. Sua eloqüência conquistou a atenção dos meios de comunicação, e sua liderança sobre os delegados negros manifestou-se na imediata articulação destes em torno de sua pessoa. A questão que estava sendo discutida era a da segregação de residências. Durante os debates me dei conta de que Steve não tinha nenhuma esperança de que um dia a frente liberal branca entendesse a questão da orientação radical dos jovens negros da época. Tinha se convencido de que os brancos eram incapazes de compreender satisfatoriamente as aspirações dos negros. Em outra conferência de uma organização multirracial — o encontro do Movimento Cristão Universitário em Stutterheim, em 1968 — essas idéias foram enfocadas de um modo claro e criativo e receberam uma resposta entusiasta da delegação negra, que era muito

maior. A convenção de negros, organizada em Stutterheim, deu origem ao nascimento da Organização dos Estudantes da África do Sul (SASO).

Vivi ainda mais próximo de Steve após 1968, quando foi assumido o desafio de organizar um novo movimento nacional de estudantes e criar uma filosofia política distinta. Seguiram-se cinco anos de intensa atividade e desenvolvimento de idéias criativas. Muito foi realizado devido à energia, à confiança, ao poder de persuasão e otimismo de Steve. Em 1970 sucedi-o na presidência da SASO e mais tarde me tornei secretário-geral da jovem organização, enquanto ele dedicava suas energias à implantação dos Programas da Comunidade Negra (BCP), junto como Bennie Khoapa. Durante esse período moramos juntos em uma casa em Umlazi, perto de Durban, e nossas famílias tornaram-se muito mais amigas. Veio o ano de 1973, e estávamos entre os dezesseis estudantes ativistas, negros e brancos, que foram banidos* pelo assim chamado ministro da Justiça. A injunção não apenas limitava nossas atividades políticas, como também nos obrigava a desocupar nossa casa comum em Durban: Steve foi confinado em Kingwilliamstown e eu em Port Elizabeth.

Quando penso nesse período, três características de Steve me vêm logo à mente. A primeira é a capacidade para o trabalho. Steve era um trabalhador muito ativo e entusiasmado. Durante algum tempo ele manteve a aparência de estar seguindo o curso de medicina, mas logo desistiu para dedicar mais tempo aos vários aspectos de seus interesses políticos. Costumava varar a noite escrevendo panfletos, alguns dos quais são reproduzidos aqui, ou mantendo intensas discussões com companheiros, ao planejarem estratégias. Era um leitor voraz e se mantinha bem informado quanto a teorias e aos acontecimentos do país e do exterior. Sem contar o afluxo de colegas que iam lhe pedir conselhos. A noite era tão cheia de atividades que para ele era difícil manter um horário normal de trabalho. Outro produto dessa vitalidade noturna foram suas cartas minuciosas a amigos e outros correspondentes que o consultavam. Como podemos ver pelas reproduções que constam neste volume, elas revelam por si mesmas o caráter e as idéias políticas de Steve.

* Uma das penas impostas por lei a ativistas na África do Sul é o "banimento": confinamento em determinada área ou cidade, com a conseqüente proibição de se movimentar pelo país. A pena inclui também a proibição de estar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, de publicar qualquer escrito seu, etc. (N. T.)

A segunda característica é a capacidade de amar. Considerando-se que a intensidade de sentimentos tanto pode ser uma força como uma fraqueza, Steve deve ser julgado dos dois modos. Refiro-me aqui ao amor não apenas como um valor sentimental ou um desejo de agradar aos outros, mas também como a fonte do compromisso com pessoas e causas, a capacidade de se abrir aos outros e se identificar completamente com eles. Pode-se dizer que Steve não conseguia controlar sua ânsia de amar. Sempre acolhia as pessoas com verdadeiro calor, fossem elas amigas ou gente necessitada. Preocupava-se com os outros e era atencioso, embora essas virtudes às vezes causassem problemas, como seu costume de trazer convidados inesperados para o jantar ou sua predileção por festas improvisadas. É evidente que isso criava problemas para sua esposa.

Steve sentia-se à vontade em qualquer companhia: entre a gente "esperta" das cidades e dos bairros segregados, com quem estava sempre disposto a brincar; entre esportistas e entre pessoas cultas, com quem gostava de ouvir música; estava sempre ansioso para encorajar a todos a estabelecer ligações políticas. Gostava de receber as pessoas e não perdia uma boa festa. Todo mundo se sentia valorizado, respeitado e compreendido. Por tudo isso, não é de se admirar que fosse muito considerado na comunidade, não como um político local, mas como amigo.

Havia ocasiões em que não sabia julgar corretamente o caráter das pessoas. Isso porque estava sempre pronto a confiar nos outros. Essa ingenuidade às vezes dava certo, porque ele conseguia trabalhar em estreita relação com muitos jovens, fazendo com que dessem o melhor de si mesmos. Era lindo ver a maturidade política se desenvolver. Steve e eu tivemos de assumir uma responsabilidade igual pelo desastre de Themba Sono, meu sucessor como presidente, que logo provou ser indigno desse cargo.

A única vez em que me lembro de ver Steve realmente furioso foi quando um colega, estudante de medicina na Província do Cabo Oriental, tomou atitudes grosseiras, racistas e chauvinistas em relação a nossos companheiros asiáticos que participavam de uma agradável reunião social no quarto de Steve. Não é preciso dizer que o estudante recebeu um tratamento sumário e teve de se retirar às pressas do quarto. O outro lado dessa moeda, no entanto, se revelou na maneira tão delicada com que tratou um companheiro de viagem num trem vindo da Cidade do Cabo. O homem estava bêbado e tinha a tendência a se tornar desagradável, espe-

cialmente porque nós queríamos conversar ou descansar. Mas ele queria por toda a lei ser hospitaleiro e insistia em nos dar alguns de seus sanduíches. Ficava sempre murmurando: "Tá com fome, amigo?". Acabamos por partilhar de sua refeição, embora a princípio tivéssemos relutado. Para Steve, a generosidade do homem era uma lição prática sobre os valores africanos, tão essenciais à promoção da Consciência Negra.

A terceira característica que me marcou em Steve era sua sensibilidade. Talvez não seja uma surpresa que ele fosse uma pessoa que se exprimia de modo muito apaixonado. Podia ficar profundamente magoado com a insensibilidade. Não havia nenhuma amizade entre ele e a Polícia de Segurança que o seguia em Kingwilliamstown, e no entanto era capaz de passar por cima da mesquinhez daqueles homens e brincar com eles. Para Steve, os projetos de desenvolvimento comunitário eram declarações políticas. Expressavam a luta de um povo pela autodeterminação e eram um meio para se utilizar com eficácia os recursos da comunidade. Em um nível ideal, eram empreendimentos cooperativos e não atos de caridade. Era vital, portanto, que o pessoal que trabalhasse neles fosse negro e que eles surgissem a partir da percepção que a própria comunidade tinha de suas necessidades.

No decorrer de tantas atividades, sem dúvida enfrentávamos muitos perigos. Numa ocasião, estávamos viajando em um grupo de Durban para Johannesburgo. Devido à pressão das reuniões, costumávamos viajar à noite. Quando chegamos à cidade segregada de Alexandria, de manhã, a maioria de nós estava atordoada e eu tive de ser levado às pressas para o Hospital Coronation, pois me achava quase inconsciente devido a um envenenamento por monóxido de carbono. Fora uma tentativa de sabotagem. Quando havia perigo, Steve era frio e transmitia segurança. Lembro-me de um acidente no qual estivemos envolvidos, novamente no caminho entre Durban e Johannesburgo. Dessa vez, nosso chofer deve ter cochilado e o microônibus saiu da estrada. Felizmente nenhum de nós sofreu ferimentos sérios, mas perigos como esses nos uniam ainda mais.

Steve era muito leal aos amigos. O choque da morte de Mthuli ka Shezi em circunstâncias misteriosas, em Johannesburgo, não o deixou paralisado. Mthuli foi um dos primeiros mártires da luta. Foi Steve quem promoveu várias moções para homenageá-lo, para sustentar a mãe dele e para fazer uma campanha com o objetivo de tornar públicas as circunstâncias de sua morte. Com Mapetla Mohapi, a coisa chegou ainda mais perto. Mapetla morreu enquanto estava sob custódia da polícia, poucos meses antes da morte do próprio Steve. Tornava-se claro que o movimento precisava enfrentar a realidade da morte de pessoas em suas fileiras. Os julgamentos políticos já representavam uma diminuição dos recursos, mas a morte colocava um ponto final que podia intimidar. Logo após as assembléias do Viva Frelimo em 1974, houve uma grande perseguição aos ativistas da Consciência Negra em todo o país. Estranhamente, Steve foi deixado de fora. Ele nunca deixou de se torturar por isso. Em 1976, como testemunha de defesa no julgamento da SASO, teve a oportunidade de se identificar com os atos supostamente ilegais de seus amigos. Seu testemunho foi um exemplo eloqüente de co-responsabilidade. Seu destino, entretanto, seria pior que o de Strini Moodley, Aubrey Mokoape e outros, que após serem condenados tiveram de passar uma média de sete anos em Robben Island*.

É preciso dizer, porém, que Steve achava muito difícil lidar com as divisões que começaram a aparecer no movimento depois dos levantes de 1976. Havia um abandono da tradição de tolerância e de argumentação racional, que era a característica da política da Consciência Negra. As discussões sobre estratégia e ideologia se tornaram muito acaloradas. Muitos ativistas jovens procuravam a orientação do movimento de Consciência Negra, mas assim mesmo estavam decididos a entrar numa luta armada. Para alguns, o conceito de Consciência Negra já cumprira seus propósitos e precisava ser substituído por uma doutrina ideologicamente sólida. Embora profundamente envolvido nas discussões, Steve era capaz de incentivar a união e as atividades nas bases. Os companheiros confiavam na imparcialidade das suas análises. Foi compelido a visitar a Cidade do Cabo, entre outros motivos, por sentir que tinha a obrigação de unir os dois lados. Além disso, ele sempre tratou as ordens de banimento com desprezo. Apareceu várias vezes em Port Elizabeth e ficava muito alegre por escapar da captura.

É praticamente impossível fazer uma boa análise política da África do Sul de hoje sem mencionar Steve. Isso porque a Consciência Negra fez surgir uma nova era de consciência política, por meio da qual os próprios oprimidos estavam assumindo a respon-

* Robben Island: ilha ao lado da Cidade do Cabo, onde se localiza uma famosa prisão na qual muitos presos políticos cumpriram pena. (N. T.)

sabilidade por seu destino político, e que deu confiança — embora alguns a chamassem de "arrogância" — aos jovens negros, especialmente para que exprimissem suas aspirações. Tudo isso é assunto conhecido. O que está agora em questão, no entanto, é o caráter ideológico da Consciência Negra e a sua relação com as organizações que lutam pela libertação, como o ANC e o PAC. Mais recentemente, parece que os ideais da Consciência Negra, quando confrontados com as mudanças na cena social e política, têm sido inflexíveis e algumas vezes contra-revolucionários. Quero tratar dessas questões principais do modo mais direto possível.

Posso indicar três áreas principais que estão no centro do desenvolvimento da estratégia da Consciência Negra: a responsabilidade do negro, a união e uma estratégia orientada para o povo.

A responsabilidade do negro

Na verdade, a Consciência Negra não trouxe nada de novo. O movimento tinha plena consciência de pertencer a uma longa história de resistência popular. Podia buscar sua inspiração nos movimentos religiosos do Etiopismo e outros movimentos proféticoreligiosos africanos, nas lutas pela terra que deram impulso ao Congresso dos Nativos da África do Sul (como então era conhecido o ANC), nas lutas dos operários do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e do Comércio (ICU) e Anton Lembede, nas tendências africanista e nacionalista dentro da tradição de luta e no reconhecimento do papel e da contribuição dos sul-africanos mestiços e asiáticos. Todas essas tendências tomaram consistência dentro do conceito de Consciência Negra. A Aliança do Congresso, especialmente na fase de não-participação, e os ideais de uma nova África do Sul foram debatidos a fundo e representados dentro da Consciência Negra. Para manter tal amálgama de pontos de vista, é preciso que os objetivos políticos sejam definidos claramente. É preciso também haver um reconhecimento da diversidade e uma disposição de formar alianças com base em um programa comum. Foi exatamente isso o que a Consciência Negra procurou fazer dentro do programa limitado que tinha estabelecido para si mesma.

Numa época em que os movimentos populares tinham sido banidos, o medo era um fator muito real dentro de muitas comunidades negras. Depois das detenções generalizadas, em 1964, e do êxodo para o exílio de muitos dos ativistas mais capazes, o campo parecia livre para aqueles que definíamos como oportunistas: um bando de moderados (como eram chamados) dentre as classes letradas e de pequenos comerciantes, dos quais saíram muitos dos novos líderes. Havia também os líderes dos bantustões*, que não pareciam encontrar nenhuma oposição à reivindicação de serem os verdadeiros porta-vozes do povo. Para explicar essa mudança nas lealdades, apregoou-se a teoria de que os líderes dos bantustões tinham um programa secreto e possuíam a gota d'água que ia entornar o copo. Essa atitude foi em grande parte apresentada na imprensa liberal inglesa e entre os baluartes da ortodoxia liberal sul-africana, como o Instituto Sul-Africano de Relações Raciais (SAIRR), o Partido Progressista e as Igrejas inglesas. O SAIRR, em particular, parecia cortejar esses líderes dos bantustões e dar-lhes uma plataforma em seus conselhos. Enquanto isso, tínhamos a impressão de que uma tradição alternativa estava sendo imposta de forma sutil a nosso povo, e muito em breve diriam que ele apoiava o grande projeto do apartheid. Não estávamos preparados para aceitar que isso acontecesse e também não íamos permitir que os movimentos populares e seus líderes fossem impiedosamente suplantados, quer estivessem na prisão ou no exílio.

A estratégia da Consciência Negra era ressuscitar a verdadeira política de libertação, orientar as pessoas para seus verdadeiros líderes na prisão ou no exílio, e unificar a luta pela libertação. Para que essa estratégia fosse eficaz, era essencial realizar um processo de auto-análise crítica, para que o medo e o fracasso desse empreendimento pudessem ser enfrentados. Os negros foram incentivados a examinar de perto o que estava acontecendo e a rejeitar os pseudolíderes emergentes. Eles precisavam enfrentar o medo e forjar a unidade e plataformas comuns. Para esse fim, não bastava admirar Helen Suzman** — que em última análise não estava defendendo a causa dos negros —, nem a vida do negro iria melhorar por meio do sistema político que era parte da ideologia do desenvolvimento em separado para cada raça. Simplesmente não era suficiente ficar sentado esperando por um milagre, seja vindo do alto ou do movimento de libertação sediado no exterior.

* Bantustão: *bantustan* ou *homeland*, no original. São áreas reservadas para os negros, consideradas pelo governo da África do Sul como países independentes. Os africanos, isto é, os negros, são considerados por lei cidadãos desses bantustões e não da África do Sul. Nenhum outro país os reconhece. (N. T.)

** Helen Suzman: mulher branca que, naquele momento e durante muitos anos, foi o único membro do Parlamento que pertencia ao Partido Progressista. (N. T.)

Grande parte dos escritos de Steve, sob o pseudônimo de "Frank Talk", falava aos negros sobre todas essas questões. Portanto não devemos nos surpreender com a força de sua linguagem, especialmente no que se refere às reivindicações da instituição branca liberal. A chave para essa reviravolta conceitual era uma nova definição da negritude: a que tratava do fato objetivo da experiência de opressão e injustiça e que fazia um apelo às comunidades negras para que assumissem uma nova maneira de entender a negritude, que permitisse uma participação total dos asiáticos e dos mestiços.

É um mérito permanente de Steve o fato de que, apesar de alguns pronunciamentos fortes contra brancos liberais, ele ainda mantinha muitas amizades profundas e leais. Era sempre franco e honesto, mas tinha a capacidade de não fazer com que as pessoas se sentissem insultadas ou diminuídas. Muitos jovens brancos que percebiam que não aprovávamos o envolvimento deles na luta dos negros como tal, mas que apesar disso se sentiam frustrados pelas limitações da política liberal dos brancos, encontraram em Steve um ouvinte receptivo e um bom conselheiro. Hoje, muitos deles se encontram nos sindicatos e em trabalhos de assistência jurídica, ou se tornaram professores que usam seus conhecimentos para promover a causa da libertação. Um deles confessou: "Estou muito feliz por não ser mais um branco liberal. Agora sou um radical".

União

Numa época em que o espírito de luta parecia ter se dissipado, é um mérito do movimento de Consciência Negra ele ter acreditado que sua principal tarefa era reunir todas as contribuições possíveis que pudessem ajudar a acabar com o apartheid. Houve um processo consciente de consultas a pessoas que sabidamente apoiavam as várias organizações como o ANC e o PAC. Depois da tragédia de Sharpeville, parecia que a desunião era um luxo que nosso povo não podia se permitir. Mas essa união precisava ser fundamentada em princípios claros. Estávamos convencidos de que a Consciência Negra fornecia um programa comum, com o qual a totalidade do movimento de libertação podia se identificar. Em segundo lugar — e era essa de fato a única base sobre a qual os militantes do ANC ou do PAC podiam se apoiar para se associar à Consciência Negra —, tínhamos de afirmar que a importância

e a liderança do ANC e do PAC não podiam ser questionadas. E, assim, muitas e muitas vezes reconhecemos tanto a autoridade das organizações de libertação como a liderança autêntica que estava na prisão ou no exílio. Esse fator tinha um enorme efeito psicológico. Dava confiança às pessoas comuns. Elas podiam ver que a nossa política na época dava continuidade à tradição de resistência estabelecida pelo ANC e pelo PAC.

Já disse que a união precisava ser baseada em princípios claros. A definição de negritude excluía deliberadamente os que eram considerados parte do sistema e os que participavam, de várias maneiras, de projetos criados pelo governo. Eram chamados, com desprezo, de "não brancos", porque aceitavam para si mesmos essa definição negativa e a inferioridade racial que formava a base da política do governo. No entanto, isso só ocorreu depois de ardorosos esforços para tirá-los do rumo que os colocava fora das lutas do povo. Fizemos consultas ao Partido Trabalhista, ou a elementos progressistas desse partido, e ao Chefe Gatsha Buthelezi, e fomos totalmente contra a ressurreição do Congresso Indiano de Natal (NIC). Achávamos que a Inkatha* seria um movimento retrógrado, e ficou provado que estávamos certos. Com o tempo conseguimos trabalhar razoavelmente bem com o NIC, que fazia parte da Aliança do Congresso.

Por fim, pusemos em andamento uma consulta às várias organizações comunitárias que operavam entre os negros. De diversas formas elas eram desafiadas a examinar a eficácia de sua atuação nas esferas em que se empenhavam. Sentia-se intensamente a necessidade de um movimento de solidariedade, embora se reconhecesse que havia menos apoio para uma organização de âmbito nacional ou uma organização política com esse caráter. A Convenção do Povo Negro (BPC) surgiu dessas discussões. Outras conseqüências podiam ser notadas na proliferação de associações — comunitárias, de moradores ou ligadas a questões específicas —, que têm caracterizado a atividade política mais recente. O Comitê de Soweto, de dez membros, foi talvez a primeira manifestação dessa tendência.

Um movimento popular

A Consciência Negra radicalizou a política dos negros de vários modos significativos. Ajudou as pessoas a se tornarem mais

* Inkhata: movimento liderado por Gatsha Buthelezi, líder bantu que foi cooptado pelo governo de minoria branca e que o apóia. Atua na região de Natal. (N. T.)

analíticas e articuladas, incentivou-as a deixarem de reconhecer qualquer um que participasse de instituições governamentais e deu a elas ferramentas para organizarem suas próprias vidas. Agora, dez anos depois, pode ser difícil avaliar o avanço que isso representou. Em seus escritos, Steve abordou de maneira direta os elementos necessários para que os negros assumissem mais uma vez sua própria luta.

Como foi que se conseguiu essa transformação? Um dos recursos utilizados foi um programa cuidadoso de se colocar ao lado do povo em sua vida quotidiana: os estudantes realizavam trabalhos comunitários, tais como lecionar, ajudar nas clínicas de saúde e alfabetizar. O programa cultural foi um instrumento muito poderoso. Hoje em dia dificilmente podemos conceber que um povo possa lutar sem as fortes cadências das danças *toyi-toyi** e dos cantos de libertação, ou sem o forte movimento de teatro popular ou da poesia. De todas essas maneiras o povo arrancou de volta sua cultura do monte de lixo da ideologia do apartheid, em que era usada como instrumento de opressão. Não podemos nunca subestimar o efeito que acontecimentos públicos como demonstrações e comícios de protesto tiveram na divulgação das aspirações dos negros. Lembro-me de como eram populares, em Durban, as manifestações do Dia dos Heróis, a leitura de poesias e o teatro radical do Conselho de Teatro de Natal (TECON), dirigido por Strini Moodley e Saths Cooper. Em 1974, a confiança da liderança da SASO era tal que foi capaz de, naquele ano, desafiar uma proibição ministerial da assembléia do Viva Frelimo em Currie's Fountain, Durban. Os acontecimentos em Soweto, naquele dia 16 de junho, são agora parte da história popular. Mas eles significam, de fato, o desenlace da luta.

Hoje as cidades segregadas de negros estão fervilhando de descontentamento. Em todo o país elas parecem zonas de ocupação militar ou campos de concentração nazistas. Dentro delas o povo mantém uma atitude de desafio. O regime de Botha foi obrigado a declarar guerra a seu próprio povo, e assim ficou clara a ilegitimidade do governo baseado no apartheid, no sentido de que é um governo que não tem o consentimento do povo, nenhum desejo de promover o bem comum, e cuja autoridade encontra uma resistência ativa. Agora as alegações de que o regime de apartheid

* *Toyi-Toyi*: tipo de canto-*slogan* sobre a libertação, com um ritmo emocional bem marcado. É cantado e dançado com um simbolismo de luta e vitória. (N. T.)

não tem legitimidade moral estão tendo mais aceitação, mesmo na África do Sul. Jovens negros têm sido dolorosamente sacrificados. O preço da justiça está sendo muito alto. De tempos em tempos aparece uma sensação de cansaço, mas de modo geral não há nenhuma diminuição no ritmo da luta. Como prova desse empenho temos o permanente estado de emergência e a tendência rumo a um estado policial; a sabotagem do parlamento minoritário eleito*, pela presidência executiva ou pelo poder do Conselho de Segurança Nacional; e a censura implacável a qualquer encontro com o ANC.

Sem dúvida existem reações da parte do governo. De um modo confuso, mais que por meio de uma política bem organizada, algumas medidas têm sido tomadas para incorporar africanos em certas estruturas subordinadas do governo. São as chamadas consultorias ou aconselhamentos. Um outro perverso instrumento de repressão também aparece: os grupos de "justiceiros" que aterrorizam as áreas de negros, intimidando eficazmente algumas comunidades. Temos também conhecimento de esquadrões da morte e outras formas de execuções extrajudiciais. Essas medidas tornam difícil qualquer conclusão a respeito do progresso da luta. No entanto, a própria desordem pode ser uma prova de progresso.

Apesar de tudo, o que mais impressiona é a liderança e a capacidade de organização, a habilidade e o julgamento político perspicaz demonstrado por pessoas como Cyril Ramophosa, do Sindicato Nacional dos Mineiros (NUM), pessoas de Igreja tais como o Dr. Allan Boesak, o Rev. Frank Chikane e o Pe. Smangaliso Mkatshwa, a coragem da liderança da Frente Unida Democrática (UDF) e a tenacidade dos jovens companheiros. A greve convocada pelo NUM, quando mais ou menos 340 mil operários suspenderam o trabalho durante duas semanas, em agosto de 1987, é uma prova da coragem e da determinação dos membros e da sofisticada organização da liderança do sindicato. Os mineiros, muitos dos quais estrangeiros ou trabalhadores migrantes, enfrentaram riscos enormes para defender o princípio de um salário justo e de segurança no trabalho. A produção foi reduzida e o governo ficou em situação embaraçosa; a indústria de mineração começou a perceber que não pode mais deixar de se preocupar com seus operários.

* A atual Constituição, que data de 1983, criou uma representação para os mestiços e outra para os asiáticos, ou indianos, tanto no executivo quanto no legislativo. Só que, tanto num caso como no outro, a proporção é de quatro brancos para dois mestiços e um indiano. Nenhum negro tem o direito de votar ou de ser eleito. (N. T.).

O próprio caráter social da África do Sul está sofrendo uma mudança. É inegável que as conseqüências do incentivo para que muitos negros passem a fazer parte da burguesia — objetivo ostensivo da política atual — estão afetando as atitudes políticas. Não podemos mais falar do apartheid como o "grande nivelador", como costumávamos fazer. O "dividir para governar" agora se realiza também por intermédio de melhorias econômicas e materiais para uns poucos e do contínuo empobrecimento da maioria. Já que alguns negros podem ser proprietários de suas casas, eles podem se separar dos mais pobres, indo morar em subúrbios de elite ou até em subúrbios para brancos. No trabalho, a diminuição das exigências nas leis de reserva de empregos significa que muitos negros agora se identificam com a administração. À medida que os negros da classe mais alta mandam seus filhos para escolas multirraciais, as lutas pela qualidade do ensino não os interessam mais e eles deixam de lutar ao lado do restante da comunidade.

Portanto, a definição de Consciência Negra precisa ser revista. Essa revisão permitirá que tenha um apelo mais amplo e um impulso ideológico mais forte. A cor da pele tornou-se um parâmetro superficial e inconsistente. A experiência social é muito mais confiável. Uma nova definição possibilitará que os militantes da Consciência Negra participem plenamente da luta e expressem o ideal de unidade na prática. Desse modo, a retórica da Consciência Negra, que cada vez mais leva em conta os fatores de classe, será reconhecida na vida e na prática de seus seguidores.

Como resultado, teríamos a eliminação de oportunistas como um certo Maqina e seu esquadrão de "justiceiros" AmaAfrika, que espalha o terror nas cidades segregadas da região de Port Elizabeth-Uitenhage. A motivação e a lealdade deles são questionáveis. Por exemplo, como declarar-se seguidor da Consciência Negra alguém cujo ponto de vista se expressa por frases do tipo: "Vereadores, policiais negros e líderes dos bantustões não são parte do problema [...]. Por que não deveria haver policiais nesses locais? Essa é a lei do país" (*City Press*, 19 de julho de 1987; citado no *ANC Newsbriefings*, vol. 11, n.º 28). Pessoas como essa se aproveitam da falta de clareza ideológica na filosofia da Consciência Negra. Se a Consciência Negra quiser continuar a gozar de credibilidade, precisa se desvincular de elementos desse tipo.

Todo programa político que procura participar da luta pela libertação precisa ter consciência do racismo endêmico na sociedade sul-africana ao mesmo tempo que enfrenta as divisões de classe que estão se espalhando rapidamente e que levam à exploração econômica e à inferioridade social. Uma sociedade justa só conquista a credibilidade quando pode ser definida como uma sociedade sem classes e não racista. Para tanto é preciso priorizar o conceito da necessidade de transferir o poder e de maximizar uma participação criativa e significativa no processo político. Quando dizem que a Consciência Negra não tem ideologia, seus críticos alegam que sua retórica e sua análise não revelam nenhum entendimento dessas questões. A observação é procedente. No entanto, não se pode acusar a Consciência Negra de não fazer o que nunca se propôs. Em seu programa limitado, ela se considerava apenas um agente catalisador, um agente que possibilitasse o desabrochar do drama político.

As perguntas que se colocam para aqueles que agora adotam a Consciência Negra com certeza devem ser: Como podemos participar integralmente das lutas de hoje? Será que conseguiremos encontrar uma fórmula para definir a unidade de modo que não fiquemos fora do grande esforço pela libertação? Se estivermos unidos na ação, a solidariedade será construída e as suspeitas que só servem para alimentar os interesses da segurança do apartheid poderão ser removidas. Na Consciência Negra, nenhuma causa, nenhum dano, nenhum ato de desprezo pessoal seria suficiente para nos afastar do objetivo fundamental de conquistar a nova África do Sul.

Ao refletir sobre Steve Biko e o legado da Consciência Negra, encontrei a seguinte declaração, de uma pessoa chamada Theophilus Mzukwa, que exprime de modo comovente tudo aquilo pelo que, acredito, Steve viveu e morreu. Mzukwa, que é da geração de 1976, testemunhava em seu julgamento em defesa própria. Como membro do Umkonto we Sízwe, o braço militar do ANC, ele relata suas experiências no ANC: "Como tínhamos nos comprometido a trabalhar pela liberdade", disse ele, "já nos sentíamos melhor. Não somos mais escravos. Éramos pessoas que lutavam pela liberdade, estávamos lutando por nosso povo. E aqueles que estavam comigo me respeitavam e me amavam. E eu os amava" (*Cape Times*, 6 de junho de 1987; citado no *ANC Newsbriefings*, vol. 11, n.º 23).

Foi essa a mistura de confiança e de paz interior dentro da causa que Steve conseguiu realizar: a liberdade de confiar, de amar e de lutar. O essencial da Consciência Negra é possibilitar e intensificar a participação do povo nas próprias lutas.

Birmingham, agosto de 1987

1. Alma negra em pele branca?

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

Em julho de 1970, no I Conselho-Geral dos Estudantes da SASO, Barney Pityana sucedeu a Steve na presidência. Steve foi eleito coordenador das publicações da SASO. No mês seguinte, o boletim mensal da organização começou a publicar artigos escritos por ele, com o título "Escrevo o que eu quero" (I write what I like) *e assinados: Frank Talk.* * *No julgamento da BPC/SASO, em certo momento o juiz perguntou: "O [acusado] número 9 [Strini Moodley] não é Frank Talk?"; e Steve respondeu: "Não, não, ele nunca foi Frank Talk, eu é que era Frank Talk" (ver pág.134). Este artigo e o seguinte, que foram publicados no boletim nas edições de agosto e setembro de 1970, respectivamente, apresentam uma autêntica exposição da filosofia da Consciência Negra.*

Escrevo o que eu quero

A seguir está o primeiro de uma série de artigos com esse título, que aparecerão regularmente em nosso boletim.

* Frank Talk: pseudônimo usado por Steve Biko. Frank é um nome próprio e significa também "franco". Talk significa "conversa" e pode ser usado como sobrenome. No caso, o pseudônimo seria "Conversa Franca". (N.T.)

Alma negra em pele branca?

A comunidade branca na África do Sul é basicamente homogênea. É um grupo de pessoas acomodadas, que desfrutam de uma posição privilegiada que não merecem, que têm consciência disso, e que por essa razão passam todo o tempo tentando justificar por que são assim. Quando existem diferenças em suas opiniões políticas, mesmo estas tentam justificar sua posição privilegiada e sua usurpação do poder.

Com a teoria de "liberdade em separado para as várias nações dentro do Estado multinacional da África do Sul", os nacionalistas fizeram muito no sentido de dar à maioria branca da África do Sul uma espécie de fundamentação moral para o que ocorre. Todo mundo se satisfaz com a declaração de que "essa gente" — referindo-se aos negros — será libertada quando estiver pronta para dirigir seus próprios negócios em suas próprias áreas. O que mais poderiam querer?

Mas não é com "essa gente" que estamos preocupados. Nosso problema é aquele estranho grupo de não-conformistas que explicam sua participação em termos negativos: aquele grupo de pessoas bem-intencionadas, que têm uma porção de nomes: liberais, esquerdistas etc. São os que alegam não serem responsáveis pelo racismo dos brancos e pela "atitude desumana do país em relação ao negro". São as pessoas que declaram sentir a opressão com a mesma intensidade que os negros e que, por esse motivo, também deveriam se envolver na luta do negro por um lugar ao sol. Em resumo, são as pessoas que dizem que têm a alma negra, dentro de uma pele branca.

O papel do branco liberal na história do negro na África do Sul, é bem curioso. A maioria das organizações negras estavam sob a direção de brancos. Fiéis à sua imagem, os brancos liberais sempre sabiam o que era bom para os negros e diziam isso a eles. O mais incrível é o fato de os negros terem acreditado neles durante tanto tempo. Foi só no fim da década de 50 que os negros começaram a exigir o direito de serem seus próprios guardiões.

Sob nenhum aspecto a arrogância da ideologia liberal é mais evidente que na insistência em afirmar que os problemas do país só podem ser solucionados por uma abordagem bilateral, envolvendo tanto os negros quanto os brancos. De modo geral, tal posição é assumida com toda a seriedade como o *modus operandi* na África do Sul por todos aqueles que declaram que gostariam que

houvesse uma mudança no *status quo*. Por esse motivo vemos organizações e partidos políticos multirraciais e organizações estudantis "não raciais", todos os quais insistem na integração não só como um objetivo final, mas também como um meio.

A integração de que falam é, em primeiro lugar, artificial, antes de tudo por resultar mais de uma manobra consciente do que de uma orientação profunda da alma. Em outras palavras, as pessoas que formam o organismo integrado foram extraídas de várias sociedades segregadas, com seus complexos de superioridade e de inferioridade introjetados, complexos que continuam a se manifestar mesmo na estrutura "não racial" do organismo integrado. Portanto, a integração assim obtida é uma via de mão única, na qual os brancos são os únicos a falar, cabendo aos negros escutar. Apresso-me em dizer que não estou afirmando que a segregação é necessariamente a ordem natural; no entanto, uma vez que um grupo goza de privilégios à custa de outro, torna-se evidente que uma integração arranjada às pressas não pode ser a solução do problema. É o mesmo que esperar que o escravo trabalhe junto com o filho de seu dono para eliminar as condições que o levaram à escravidão.

Em segundo lugar, esse tipo de integração é um meio quase sempre improdutivo. Os participantes gastam muito tempo nas reuniões trocando insultos, tentando provar que A é mais liberal que B. Ou seja, a falta de uma base comum para uma identificação sólida se manifesta o tempo todo nas brigas internas do grupo.

A busca dos negros pela auto-afirmação, numa sociedade que os trata como eternas crianças menores de 16 anos, não deve parecer anacrônica a nenhuma pessoa verdadeiramente interessada numa integração real. Uma verdadeira integração não precisa de planejamento ou estímulo. Quando os vários grupos de uma comunidade se afirmam o suficiente para que haja respeito mútuo, temos então os pontos básicos para uma integração verdadeira e significativa. No coração da verdadeira integração se encontram os elementos para que cada pessoa e cada grupo cresçam e atinjam a identidade almejada. É preciso que cada grupo seja capaz de alcançar seu estilo de vida próprio sem invadir ou ser frustrado por outro. Do respeito mútuo e da total liberdade de autodeterminação com certeza surgirá uma genuína fusão dos estilos de vida distintos. Essa é a verdadeira integração.

Portanto, enquanto os negros estiverem sofrendo de um complexo de inferioridade — conseqüência de trezentos anos de deli-

berada opressão, desprezo e escárnio —, serão inúteis como co-construtores de uma sociedade normal, na qual a pessoa não seja nada mais que um ser humano, para o seu próprio bem. Assim, como prelúdio ao que quer que possa vir em seguida, é necessário estabelecer nas bases uma consciência negra tão forte que os negros possam aprender a se auto-afirmar e a reivindicar seus justos direitos.

Desse modo, ao adotar a linha de uma abordagem não racial, os liberais estão fazendo seu velho jogo. Reivindicam o "monopólio da inteligência e do julgamento moral" e estabelecem o padrão e o ritmo para a realização das aspirações do negro. Eles querem continuar a gozar da simpatia tanto do mundo dos negros como dos brancos. Querem se afastar de todo tipo de "extremismo", condenando "a supremacia branca" por ser tão ruim quanto o "Poder Negro"! Oscilam entre os dois mundos, verbalizando com perfeição as reclamações dos negros ao mesmo tempo que extraem o que lhes convém do conjunto exclusivo de privilégios dos brancos. Mas basta pedir que apresentem um programa concreto e significativo que pretendam adotar, e veremos de que lado realmente estão. Seus protestos são dirigidos à consciência do branco; tudo o que fazem se destina a convencer o eleitorado branco de que o negro também é um ser humano e de que em algum momento no futuro deveria lhe ser dado o acesso à mesa do branco.

O mito da integração proposta pela ideologia liberal precisa ser derrubado e morto, pois ele possibilita que se acredite que algo está sendo feito. Na realidade, porém, os círculos artificialmente integrados são um soporífero para os negros e fornecem uma certa satisfação para os brancos de consciência culpada. Tal mito se baseia na falsa premissa de que, já que neste país é muito difícil reunir raças diferentes, então o simples fato de se conseguir essa reunião é em si mesmo um grande passo para a total libertação dos negros. Nada poderia ser mais irrelevante* e portando enganador. Os que acreditam nisso estão vivendo na ilusão.

Em primeiro lugar, os círculos de brancos e negros são quase sempre uma criação de brancos liberais. Como prova de que se acham completamente identificados com os negros, conforme alegam, eles convidam alguns negros "inteligentes e articulados" para

* *Irrelevant*, no original: termo usado na África do Sul para questionar não a boa intenção de instituições ou atividades, mas a sua eficácia em relação à realidade da opressão sofrida pelos negros. São freqüentes também as palavras "relevante" e "relevância" neste contexto. (N.T.)

"tomar um chá em casa", ocasião em que todos os presentes se fazem a mesma velha e gasta pergunta: "Como podemos provocar mudanças na África do Sul?". Quanto mais chás desse tipo alguém organizar, tanto mais liberal será e tanto mais livre se sentirá da culpa que perturba e amarra sua consciência. A partir de então esse alguém se moverá em seus círculos brancos — hotéis, praias, restaurantes e cinemas só para brancos — com a consciência menos pesada, achando que é diferente das outras pessoas. E, no entanto, no fundo de sua mente existe o constante pensamento de que tudo está muito bem para ele e que, por isso, não deveria se preocupar com mudanças. Embora não vote nos nacionalistas (já que, de qualquer jeito, agora são a maioria), ele se sente seguro sob a proteção oferecida por eles e, inconscientemente, repele a idéia de mudança. Esse é o ponto que separa o liberal do mundo negro.

Os liberais encaram a opressão dos negros como um problema que precisa ser resolvido, algo que enfeia e estraga um panorama que, sem ela, seria muito bonito. De tempos em tempos eles se esquecem do problema ou deixam de olhar para o que enfeia a paisagem. Por outro lado, em sua opressão, os negros experimentam uma realidade da qual nunca conseguem escapar. Lutam para se livrar da situação e não apenas para resolver uma questão secundária, como é o caso dos liberais. Essa é a razão por que os negros falam com muito mais urgência que os brancos.

Os liberais se tornaram mestres no jogo de evasivas deliberadas. A pergunta "O que posso fazer?" surge com muita freqüência. Se lhe pedem para fazer algo como deixar de usar serviços em que haja segregação, para sair da universidade e trabalhar em empregos subalternos como todos os negros, ou ainda denunciar e desafiar os regulamentos que lhe dão privilégios, sempre responde: "Mas isso não é realista!". Embora tal afirmação possa ser verdade, esses exemplos servem apenas para demonstrar que, não importa o que um branco faça, a cor de sua pele — seu passaporte para o privilégio — sempre o colocará quilômetros à frente do negro. Portanto, em última análise, nenhum branco escapa de pertencer ao campo opressor.

"Existe entre as pessoas, porque são seres humanos, uma solidariedade pela qual cada um é corresponsável por toda a injustiça e por todo o erro cometido no mundo, em especial pelos crimes cometidos em sua presença ou os que ele não pode ignorar."

Essa descrição da "culpa metafísica" explica de modo adequado que o fascismo branco "só é possível porque os brancos são

indiferentes ao sofrimento e pacientes em relação à crueldade" com que as pessoas negras são tratadas. Em vez de empenharem todas as suas forças numa tentativa de eliminar o racismo de sua sociedade branca, os liberais desperdiçam muito tempo tentando provar ao maior número possível de negros que são liberais. Tal atitude provém da crença errônea de que estamos diante de um problema de negros. Não há nada de errado com os negros. O problema é o RACISMO BRANCO, e ele está bem no centro da sociedade branca. Quanto mais cedo os liberais perceberem isso, tanto melhor para nós, negros. A presença deles entre nós incomoda e serve para criar transtornos. Faz com que o foco de atenção seja desviado de pontos essenciais para conceitos filosóficos mal definidos, que ao mesmo tempo são irrelevantes para o negro e apenas servem para nos desviar do nosso rumo. Os brancos liberais precisam deixar que os negros cuidem dos próprios assuntos, enquanto eles devem se preocupar com o verdadeiro mal de nossa sociedade: o racismo branco.

Em segundo lugar, os círculos mistos de brancos e negros são círculos estáticos, sem direção nem programa. As mesmas perguntas são feitas e a mesma ingenuidade aparece nas respostas. A verdadeira preocupação do grupo é mantê-lo em funcionamento, mais que torná-lo útil. Nesse tipo de situação podemos ver um exemplo perfeito de como a opressão vem agindo sobre os negros. Fizeram com que eles se sentissem inferiores durante tanto tempo que se sentem consolados em beber chá, vinho ou cerveja com brancos que parecem tratá-los como iguais. Como conseqüência, têm o ego reforçado a tal ponto que se acham superiores aos outros negros que não recebem o mesmo tratamento dos brancos. É esse tipo de negro que constitui um perigo para a comunidade.

Em vez de se dirigirem aos irmãos negros e olharem seus problemas comuns a partir de uma plataforma única, preferem cantar seus lamentos para um auditório aparentemente simpático que se tornou perito em gritar em coro: "Que vergonha!". Esses negros de inteligência obtusa, egocêntricos, são tão culpados pela falta de progresso quanto seus amigos brancos, pois é desse tipo de grupo que a teoria do gradualismo emana e é o que mantém os negros confusos, sempre à espera de que um dia Deus desça do céu para resolver seus problemas. São pessoas de grupos como esses que todos os dias lêem cuidadosamente o jornal, procurando por qualquer sinal de uma mudança pela qual esperam com paciência, sem fazer nada para que ela aconteça. Quando o número de votos obtidos por Helen Suzman cresce em alguns milhares, esse aumento é visto como um marco importante da "mudança inevitável". Ninguém olha para o outro lado da moeda: a remoção de grandes contingentes de africanos das áreas urbanas, o zoneamento iminente de lugares como a Rua Grey, em Durban, e milhares de outras manifestações de uma mudança para pior.

Tais pontos de vista significam que sou contra a integração? Se pela integração se entende a penetração dos negros na sociedade branca, a assimilação e a aceitação dos negros num conjunto de normas já estabelecido e num código de comportamento estatuído e mantido por brancos, então SIM, sou contra. Sou contra a estratificação da sociedade em superior-inferior, branco-negro, que faz do branco um professor perpétuo e do negro um aluno perpétuo (e um mau aluno, além do mais). Sou contra a arrogância intelectual dos brancos, que os faz acreditar que uma liderança branca é uma condição *sine qua non* neste país e que os brancos têm um mandato divino para imporem o ritmo deles ao progresso. Sou contra a imposição de todo um sistema de valores ao povo nativo por parte de uma minoria colonizadora.

Se, por outro lado, a integração significar que haverá uma participação livre de todos os membros de uma sociedade, que haverá condições para a total expressão do ser em uma sociedade que se transforma livremente conforme a vontade do povo, então estou de acordo. Pois não se pode negar que, em qualquer sociedade, a cultura compartilhada pelo grupo majoritário deve determinar as grandes linhas da direção que a cultura conjunta dessa sociedade vai tomar. Isso não deve prejudicar os que sentem de modo diferente, mas, no conjunto, um país na África, onde a maioria do povo é africana, precisa inevitavelmente apresentar valores africanos e ser africano de verdade em seus costumes.

E quanto à reclamação de que os negros estão ficando racistas? Esta queixa é um dos passatempos favoritos de liberais frustrados que sentem que estão perdendo terreno na sua atuação como curadores. Esses autonomeados curadores dos interesses dos negros se vangloriam de seus anos de experiência na luta pelos "direitos dos negros". Eles vêm fazendo coisas para os negros, em favor dos negros e por causa dos negros. Quando estes anunciam que chegou a hora de fazerem coisas para eles mesmos, e inteiramente por eles mesmos, todos os brancos liberais gritam, como se fosse o fim do mundo! "Ei, você não pode fazer isso! Você está sendo racista. Está caindo na armadilha deles."

Aparentemente está tudo bem com os liberais, desde que continuemos presos na armadilha *deles*.

As pessoas bem informadas definem o racismo como a discriminação praticada por um grupo contra outro com o objetivo de dominar ou de manter a dominação. Em outras palavras, não se pode ser racista a menos que se tenha o poder de dominar. Os negros estão apenas reagindo a uma situação na qual verificam que são objeto do racismo branco. Estamos nesta situação por causa de nossa pele. Somos segregados coletivamente — o que pode ser mais lógico que reagir como um grupo? Quando os trabalhadores se unem sob os auspícios de um sindicato para lutar por melhores condições de vida, ninguém no mundo ocidental se surpreende. É o que todo o mundo faz. Ninguém os acusa de terem tendências separatistas. Os professores travam as suas próprias lutas, os lixeiros fazem o mesmo, e ninguém age como curador dos outros. Mas, de algum modo, quando os negros querem agir por si, o sistema liberal parece encontrar nisso uma anomalia. Na verdade, trata-se de uma contra-anomalia. A anomalia se encontra antes, quando os liberais são presunçosos o suficiente para achar que cabe a eles lutar *pelos* negros.

O liberal precisa entender que o tempo do Bom Selvagem já passou, que os negros não precisam de um intermediário na luta pela própria emancipação. Nenhum liberal verdadeiro deveria se ressentir com o crescimento da consciência negra. Antes, todo liberal verdadeiro deveria perceber que é dentro de sua sociedade branca que precisa lutar pela justiça. Se é um verdadeiro liberal, tem de entender que ele mesmo não passa de um oprimido; que, portanto, precisa lutar pela própria liberdade e não pela liberdade daqueles vagos "eles" com quem na verdade não pode dizer que se identifica. O liberal deve se concentrar, com dedicação total, na idéia de ensinar a seus irmãos brancos que num dado momento a história do país poderá ser reescrita e que poderemos viver "num país onde a cor não servirá para colocar um homem num compartimento". Os negros já ouviram demais sobre esse assunto. Em outras palavras, o liberal precisa desempenhar o papel de um lubrificante de modo que, quando mudarmos a marcha à procura de uma direção melhor para a África do Sul, não se ouça o ruído dos metais em atrito, mas o som de um movimento livre e fluido de um veículo bem-cuidado.

FRANK TALK

2. Nós, os negros

Escrevo o que eu quero

No último número fiz um apanhado de um setor da comunidade branca. Hoje me proponho a falar do mundo negro — da validade da nova abordagem.

Nós, os negros

Tendo nascido pouco antes de 1948*, vivi toda a minha vida consciente dentro da estrutura de um "desenvolvimento em separado" institucionalizado. Minhas amizades, meu amor, minha educação, meu pensamento e todas as outras facetas de minha vida foram formados e modelados dentro do contexto da segregação racial. Em vários estágios de minha vida consegui superar algumas idéias que o sistema me ensinou. Agora me proponho, e espero consegui-lo, a dar uma olhada naqueles que participam da oposição ao sistema — não de um ponto de vista distanciado, mas do ponto de vista de um homem negro consciente da premência de se compreender o que está envolvido na nova abordagem: a "Consciência Negra".

* O ano em que o Partido Nacionalista chegou ao poder.

É preciso entender as questões fundamentais antes de se estabelecer os recursos para a melhoria de nossa situação. Algumas das organizações que atualmente "lutam contra o apartheid" trabalham a partir de uma premissa demasiado simplificada. Fizeram uma análise superficial da realidade que está aí e elaboraram um diagnóstico errado do problema. Esqueceram-se quase por completo dos efeitos colaterais e nem sequer levaram em conta a causa mais profunda. Por isso, qualquer coisa que seja improvisada como remédio não conseguirá sanar nossos problemas.

O apartheid — tanto nas questões pequenas como nas grandes — é evidentemente um mal. Nada pode justificar a presunção arrogante de que um pequeno grupo de estrangeiros tem o direito de decidir sobre a vida da maioria. Portanto, mesmo que fosse aplicada de modo fiel e honesto, a política do apartheid mereceria a condenação e a forte oposição do povo nativo do país, como também daqueles que vêem o problema em sua perspectiva correta. O fato de o apartheid estar vinculado à supremacia dos brancos, à exploração capitalista e à opressão deliberada torna o problema muito mais complexo. A falta de bens materiais já é bastante ruim, mas unida à pobreza espiritual é mortífera. E este último efeito é provavelmente aquele que cria montanhas de obstáculos no curso normal da emancipação do povo negro.

Não devemos perder tempo aqui tratando das manifestações da pobreza material do povo negro. Uma ampla literatura já foi escrita sobre esse problema. Talvez se deva dizer algo a respeito da pobreza espiritual. O que faz o negro deixar de reagir? Será que ele se convenceu por si mesmo da própria incapacidade? Será que em sua constituição genética não existe aquela qualidade rara que faz com que um homem esteja pronto a morrer pela realização de suas aspirações? Ou será ele apenas uma pessoa derrotada? A resposta para essas questões não é evidente. No entanto, está mais próxima da última sugestão que de qualquer outra. A lógica que se acha por trás da dominação do branco é a de preparar o negro para desempenhar neste país um papel subserviente. Há pouco tempo tal afirmação costumava ser feita sem constrangimento no Parlamento, até mesmo a respeito do sistema educacional para os negros. E ainda se afirma até hoje, embora numa linguagem muito mais sofisticada. Os malfeitores foram em grande parte bem-sucedidos em produzir, como produto final de sua máquina, uma espécie de homem negro que só é homem na forma. Tal é o ponto a que avançou o processo de desumanização.

Sob o governo de Smuts os negros estavam oprimidos, mas ainda eram gente. Eles deixaram de mudar o sistema devido a várias razões que não vamos analisar aqui. Mas o tipo de homem negro que temos hoje perdeu sua dignidade humana. Reduzido a uma casca serviçal, ele olha com respeito e temor para a estrutura de poder do branco e aceita o que vê como uma "posição inevitável". Bem no fundo, sua raiva cresce com o acúmulo de insultos, mas ele a manifesta na direção errada — contra seu companheiro na cidade segregada, contra coisas que são propriedade dos negros. Ele não confia mais na liderança, porque as prisões em massa de 1963 podem ser atribuídas à inabilidade da liderança, e nem há uma liderança na qual confiar. Na intimidade de seu banheiro contorce o rosto numa condenação silenciosa da sociedade branca, mas suas feições se iluminam ao sair depressa para atender, com a obediência de um cordeiro, ao chamado impaciente de seu amo. No ônibus ou no trem, voltando para casa, junta-se ao coro de vozes que condenam o branco claramente, mas é o primeiro a elogiar o governo na frente da polícia ou de seus patrões. Seu coração almeja o conforto da sociedade branca e ele culpa a si mesmo por não ser "educado" o suficiente para merecer tal luxo. As propaladas realizações dos brancos no campo da ciência — que ele só entende vagamente — servem para convencê-lo, até certo ponto, da inutilidade de resistir e a jogar fora qualquer esperança de que algum dia as coisas mudem. No geral, o homem negro se transformou numa casca, numa sombra de homem, totalmente derrotado, afogado na própria miséria; um escravo, um boi que suporta o jugo da opressão com a timidez de um cordeiro.

Por mais amarga que possa parecer, essa *é* a primeira verdade que temos de aceitar antes de poder iniciar qualquer programa destinado a mudar o *status quo*. Torna-se ainda mais necessário encarar a verdade como ela é se percebermos que o único veículo para a mudança são essas pessoas que perderam a personalidade. O primeiro passo, portanto, é fazer com que o negro se encontre a si mesmo, insuflar novamente a vida em sua casca vazia, infundir nele o orgulho e a dignidade. Lembrar-lhe de sua cumplicidade no crime de permitir que abusem dele, deixando assim que o mal imperasse em seu país natal. É exatamente isso que queremos dizer quando falamos em um processo de olhar para dentro. Essa é a definição de Consciência Negra.

Um escritor ressalta que, no esforço de destruir por completo as estruturas que haviam sido estabelecidas na sociedade afri-

cana e de impor seu imperialismo de forma total e corrosiva, os colonizadores não se satisfizeram apenas em manter um povo em suas garras e esvaziar a mente dos nativos de toda forma e conteúdo, mas se voltaram também para o passado do povo oprimido e o distorceram, desfiguraram e destruíram. Não se fez mais nenhuma referência à cultura africana, que se tornou um barbarismo. A África era o "continente obscuro". As práticas e os costumes religiosos eram considerados superstição. A história da sociedade africana foi reduzida a batalhas tribais e guerras internas. Nenhuma migração de um lugar de moradia para outro foi feita de modo consciente. Não, o que havia era sempre a fuga de um tirano que queria destruir a tribo sem nenhuma razão positiva, mas apenas para eliminá-la da face da Terra.

Não é de estranhar que a criança africana aprenda na escola a odiar tudo o que herdou. A imagem que lhe apresentam é tão negativa que seu único consolo consiste em identificar-se ao máximo com a sociedade branca.

Portanto, não há dúvida de que muito da abordagem para fazer surgir a Consciência Negra precisa ser voltada para o passado, a fim de procurar reescrever a história do negro e criar nela os heróis que formam o núcleo do contexto africano. Quando sabemos que uma vasta literatura a respeito de Gandhi na África do Sul está sendo reunida, podemos afirmar que a comunidade indiana já começou a trabalhar nesse sentido. Mas há muito poucas referências a heróis africanos. Um povo sem uma história positiva é como um veículo sem motor. Suas emoções não podem ser facilmente controladas e canalizadas numa direção clara. Ele vive sempre à sombra de uma sociedade mais bem-sucedida. Por esse motivo, num país como o nosso, ele é obrigado a celebrar feriados como a data de aniversário de Paul Kruger, o Dia dos Heróis, o Dia da República etc., — e todos são ocasiões em que a humilhação da derrota é revivida de imediato.

Além disso, podemos perceber em nossas culturas nativas muitas virtudes positivas que deveriam servir de lição para os ocidentais. A união da comunidade, por exemplo, está no centro de nossa cultura. A facilidade com que os africanos se comunicam entre si não é algo forçado pela autoridade, mas inerente à estrutura do povo africano. Assim, enquanto uma família branca pode permanecer numa determinada área sem conhecer os vizinhos, os africanos desenvolvem um sentimento comunitário depois de pouco tempo de convivência. Muitos funcionários de hospitais se surpreendem com a prática de indianos que levam presentes e lembranças a pacientes cujos nomes mal conseguem recordar. Mais uma vez, essa é uma manifestação do inter-relacionamento entre as pessoas no mundo do negro, em oposição ao mundo altamente impessoal em que vive o branco*. Essas são características que não podemos nos permitir perder. Seu valor só pode ser apreciado por aqueles de nós que ainda não foram transformados em escravos da tecnologia e da máquina. Poderíamos citar uma infinidade de outros exemplos. Nesse caso, a Consciência Negra também procura mostrar aos negros o valor de seus próprios padrões e pontos de vista. Incentiva os negros a julgarem a si mesmos de acordo com esses padrões e a não se deixarem enganar pela sociedade branca, que absolve a si mesma e faz dos padrões brancos a medida pela qual até os negros julgam uns aos outros.

Nessa altura provavelmente é necessário alertar todas as pessoas dos limites de resistência da mente humana. Esse aviso é necessário em especial no caso do povo africano. Sempre há inúmeros motivos para uma revolução em uma situação de miséria absoluta. Podemos prever que, num determinado momento, os negros se sentirão sem nenhuma motivação para viver e gritarão para o Deus deles: "Seja feita a Vossa Vontade". De fato a vontade Dele será feita, mas não terá o mesmo apelo para todos os mortais, simplesmente porque temos versões diferentes quanto à Sua vontade. Se o Deus branco vem falando o tempo todo, em algum momento o Deus negro terá de levantar a voz para Se fazer ouvir acima dos ruídos que vêm de Seu equivalente. O que quer que aconteça então dependerá muito do que tiver acontecido nesse meio tempo. Por isso, a Consciência Negra procura fazer com que os negros encarem seus problemas de modo positivo. Baseia-se no conhecimento de que "odiar o branco" é algo negativo, embora compreensível, que leva a métodos precipitados e violentos que poderão ser desastrosos tanto para o negro como para o branco. Procura canalizar as forças reprimidas da multidão de negros zangados para uma oposição significativa e direcionada, fundamentando toda a sua luta em fatos reais. Procura garantir que haja um único objetivo na mente dos negros e possibilitar um envolvimento total das massas numa luta que, em essência, é delas.

O que dizer da religião do branco, o cristianismo? Parece que as pessoas envolvidas na transmissão do cristianismo aos negros

* *Whitey*, no original: palavra depreciativa para se referir ao branco. (N.T.)

decididamente se recusam a extirpar a fundamentação podre que muitos dos missionários criaram quando vieram para cá. Os negros até hoje não encontram na Bíblia nenhuma mensagem que lhes interesse diretamente, pois nossos sacerdotes ainda estão muito preocupados com trivialidades morais. Eles as exageram como se fossem as questões mais importantes que Jesus tinha a dizer ao povo. Eles incentivam constantemente as pessoas a encontrarem defeitos em si mesmas e assim prejudicam a essência da luta na qual elas se encontram envolvidas. Privados de um conteúdo espiritual, os negros lêem a Bíblia com uma credulidade chocante. Enquanto cantam em coro "mea culpa", os grupos brancos se unem a eles cantando uma versão diferente: "Tua culpa". O anacronismo de um Deus bem-intencionado que permite que as pessoas sofram continuamente debaixo de um sistema obviamente imoral não passa despercebido aos jovens negros, que continuam a abandonar a Igreja às centenas. Há gente demais envolvida com a religião para que os negros possam ignorá-la. É óbvio que o único caminho que nos resta é redefinir a mensagem contida na Bíblia e torná-la relevante para as multidões que lutam. Não se pode ler na Bíblia a pregação de que toda a autoridade é uma instituição divina. Ao contrário, ela precisa pregar que é um pecado alguém se deixar oprimir. É necessário mostrar o tempo todo que a Bíblia tem algo a dizer ao negro que o sustente na longa caminhada em direção à auto-realização. Essa é a mensagem que se encontra implícita na "Teologia Negra". A Teologia Negra procura acabar com a pobreza espiritual dos negros. Quer demonstrar o absurdo da pretensão dos brancos em afirmar que o "culto aos ancestrais" era necessariamente uma superstição e que o cristianismo é uma religião científica. Embora se baseie na mensagem cristã, a Teologia Negra procura mostrar que o cristianismo é uma religião adaptável que se ajusta à situação cultural do povo a quem se dirige. A Teologia Negra procura apresentar Jesus como um Deus lutador, que considerou o câmbio de dinheiro romano — a moeda do opressor — no templo de Seu Pai um tal sacrilégio que mereceu uma violenta reação da Sua parte, isto é, do Filho do Homem.

Assim, em todos os aspectos, a Consciência Negra procura falar ao negro em sua própria linguagem. Apenas por intermédio do reconhecimento da situação básica que existe no mundo do negro chegaremos a perceber a necessidade urgente de despertar as multidões adormecidas. A Consciência Negra tem esse objetivo. Nem é preciso dizer que será o povo negro quem terá de cuidar, ele mesmo, desse programa, pois Sékou Touré tinha razão ao dizer:

Para participar da revolução africana não basta escrever uma canção revolucionária; é preciso forjar a revolução junto com o povo. E se nós a forjarmos junto com o povo, as canções surgirão por si mesmas e delas mesmas.

Para realizar uma ação verdadeira, é necessário ser parte viva da África e de seu pensamento; é preciso ser um elemento da energia popular que é totalmente convocada para a libertação, o progresso e a felicidade da África. Fora dessa luta não há lugar para o artista ou para o intelectual que não esteja, ele mesmo, preocupado e totalmente identificado com o povo na grande batalha da África e da humanidade sofredora.

FRANK TALK

3. A fragmentação da resistência negra

Este artigo, extraído do boletim da SASO de junho de 1971, aborda o problema enfrentado pelos líderes negros, fossem eles africanos, mestiços ou indianos, de ter de trabalhar "dentro do sistema" (entendendo-se por "sistema" toda a estrutura de apartheid branca e racista, organizada pelos nacionalistas a partir de 1948). O padrão de resistência às estruturas criadas pelo apartheid é sempre o mesmo: de início, há uma rejeição aberta e desafiadora; depois, uma aceitação de má vontade e uma colaboração relutante; e, por fim, a capitulação e a corrupção. O sistema opera de modo implacável e cruel, até mesmo por meio de subornos; daí vem o "sucesso" do partido governante do Chefe Matanzima, no Transkei, ao qual Steve faz menção num dos últimos parágrafos.

Particularmente interessante aqui é a referência feita no antepenúltimo parágrafo à quantidade de "trabalho comunitário que precisa ser feito para promover um espírito de autoconfiança". Este artigo foi escrito um ano antes de Steve resolver dedicar-se com exclusividade a esse tipo de trabalho, participando dos Programas da Comunidade Negra.

Para se ter uma idéia da coerência da posição de Steve com relação à questão-chave do trabalho "dentro do sistema", seria instrutivo comparar seus escritos e atitudes com os pronunciamentos de qualquer outro político negro durante um período de tempo comparável.

Escrevo o que eu quero

A fragmentação da resistência negra

Quem, exatamente, pode ser considerado o representante da opinião do negro na África do Sul? Essa pergunta surge muitas vezes em minha mente, durante as conversas que tenho com pessoas em todo o país e ao ler nos jornais vários relatos sobre aquilo que os negros têm a dizer sobre assuntos atuais. Essa questão foi enfocada mais uma vez durante o debate sobre a celebração ou não do décimo aniversário da "República" da África do Sul. De um lado o Sr. Pat Poovalingam, em Durban, incentivava os indianos a celebrarem, enquanto, de outro, pessoas como o Sr. Mewa Ramgobin e o Partido Trabalhista defendiam a não celebração. Na Zululândia, o Chefe Gatsha Buthelezi declarou que os zulus celebrariam a data, enquanto em outras áreas foram distribuídos panfletos vindos de várias fontes negras que lembravam às pessoas que elas estariam celebrando os incontáveis pecados do governo nacionalista. O fato mais interessante, naturalmente, foi o conspícuo silêncio dos africanos urbanos, com exceção das objeções silenciadas do Conselho Urbano Bantu (UBC) de Soweto. Em nenhum momento pessoa alguma manifestou uma opinião representativa.

Nenhuma pessoa que esteja na África do Sul ficará inteiramente surpresa com isso. É provável que a opinião política tenha uma posição clara a respeito de questões dessa natureza, em especial entre os africanos. No entanto, desde o banimento dos partidos políticos negros e a perseguição contra eles, criou-se um vácuo perigoso. O Congresso Nacional Africano e, mais tarde, o Congresso Pan-Africanista foram banidos em 1960; o Congresso Indiano foi destruído e desde então não houve nenhuma opinião coordenada proveniente dos grupos negros. Talvez a Kliptown Charter* — por mais censuráveis que possam ser as circunstâncias em torno dessa declaração — tenha sido a última tentativa de manifestar alguma convicção ao afirmar categoricamente o que os negros sentiam a respeito das questões políticas na terra de seus antepassados.

* Kliptown Charter: Em 1955, representantes de todo o povo reuniram-se em Kliptown, uma favela perto de Soweto, e como conclusão do encontro foi redigido um manifesto que ficou conhecido como a Carta da Liberdade (Freedom Charter), Carta do Povo ou Carta de Kliptown. (N.T.)

Depois do banimento dos partidos políticos negros na África do Sul, o coração das pessoas ficou cheio de maus presságios e temeroso em relação a qualquer assunto político. Não só a política era um assunto desconhecido, como em todas as esquinas as pessoas se cumprimentavam com uma apatia semelhante à de um escravo e que muitas vezes chegava às raias da timidez. Qualquer um que vivesse no mundo dos negros poderia discernir a raiva e a perturbação escondidas no rosto e nas ações dessas massas sem voz, embora nunca fossem verbalizadas. Até mesmo a fase ativa, de banditismo e vandalismo, voltava-se contra as pessoas do próprio grupo, numa clara manifestação de frustração. Para tornar as coisas ainda piores, a produção das universidades negras, recentemente criadas, não oferecia nenhuma esperança real. Tanto os pais quanto os filhos estavam preocupados em conseguir um lugar numa situação da qual não viam nenhuma esperança de escapar.

Depois desse breve período de silêncio, durante o qual a atividade política foi realizada principalmente pelos liberais, os negros começaram a brincar com uma teoria perigosa: a de trabalhar dentro do sistema. Tal atitude foi explorada a fundo pelo partido nacionalista. Assim, a respeitabilidade do Transkei de Matanzima aumentou com a decisão de Ndamse de se unir a ele. Por ser um ex-banido, Ndamse, por sua decisão, convenceu muitas pessoas de que havia algo a ser conseguido dessas instituições do apartheid. Logo depois disso, nasce o Partido Trabalhista dos Mestiços, operando com uma plataforma antiapartheid para se opor ao Partido Federal — favorável ao apartheid — dentro do Conselho Representativo dos Mestiços (CRC), formado apenas por mestiços. A lógica das pessoas ficou estranhamente deturpada. Um membro do Partido Democrata do Transkei, de oposição, disse: "Sabemos que o Parlamento do Transkei é um órgão pelego. Pedimos que nos eleja para esse órgão pelego!".

Mas parece que nada foi mais definitivo para que as pessoas "aceitassem" a teoria de "trabalhar dentro do sistema" que a decisão do Chefe Gatsha Buthelezi de se juntar à Autoridade Territorial Zulu e liderá-la. Durante muito tempo o Chefe Gatsha Buthelezi fora considerado o baluarte da resistência à instituição de uma autoridade territorial em Zululândia. Então, certa manhã um jornal insinuou que ele poderia aceitar o cargo, e dentro de poucas semanas o posto de chefe executivo da Autoridade Territorial Zulu era seu.

Logo após a capitulação do Chefe Gatsha Buthelezi, houve uma explosão de atividades dentro dessas instituições do apartheid. De um lado, o Partido Trabalhista fazia pleno uso da plataforma consagrada — o CRC — para apresentar suas queixas contra o governo, e, de outro, o Chefe Gatsha se tornava rapidamente um estorvo para o governo devido ao tipo de declarações que fazia.

Acredito que foi exatamente aqui que começou a confusão a respeito de quem são os líderes do mundo negro. Devido à crescente verbalização das queixas do negro, as pessoas — particularmente o mundo branco — começaram a achar que essas várias vozes falavam como os líderes do mundo negro e em nome deles. Tal imagem foi minuciosamente construída pela imprensa inglesa, que acompanhava em detalhes tudo o que as pessoas, como o Chefe Gatsha Buthelezi, faziam e diziam. Naturalmente, dada a inexistência de uma opinião organizada, até mesmo algumas pessoas negras começaram a achar que isso era verdade. O fato de Matanzima também aderir à plataforma de exigências dos militantes, que pareciam ter o sucesso garantido, fez com que todos ficassem sentados, aplaudindo. As pessoas argumentam que os nacionalistas foram derrotados em seu próprio jogo. O leão negro começa a levantar a voz. Mas essa afirmação é uma simplificação grosseira.

Na verdade, o que acontece é que o mundo negro começa a se fragmentar por completo e as pessoas estão usando uma linguagem de política setorial. Eu preferiria acreditar que o Partido Nacionalista previu essa fragmentação há muito tempo e que na verdade ela faz parte do programa. Depois do tipo de barulho feito por Buthelezi, pelo Partido Trabalhista e ultimamente por Matanzima, quem pode dizer que na África do Sul a opinião do negro está sendo reprimida? Além do mais, qualquer visitante é levado a ver que essas pessoas estão lutando para obter mais concessões em sua própria área (treze por cento do território). Eles aceitam que o resto da África do Sul destina-se aos brancos. Ao mesmo tempo, nenhum deles considera que está lutando por todos os negros. Os xhosas querem o seu Transkei; os zulus, a sua Zululândia etc. Os mestiços alimentam a esperança secreta de ser classificados como "africânderes morenos"* e assim merecerem entrar no reduto dos brancos, enquanto os indianos poderiam receber o direito ao voto para aumentar a zona de proteção entre os brancos e os

* Africânder: sul-africano branco, em geral descendente dos colonizadores holandeses. (N.T.)

africanos. É claro que essas promessas nunca serão cumpridas — ao menos não imediatamente —, e enquanto isso o inimigo cavalga a África do Sul como um gigante, rindo alto das tentativas fragmentadas das massas impotentes, que fazem apelos a seus ouvidos surdos.

"O Transkei é o calcanhar-de-aquiles dos nacionalistas", declaram políticos intelectuais que logo encontram uma brecha, mesmo numa parede de ferro com dois palmos de espessura. Essa é uma lógica falsa. O Transkei, o CRC, a Zululândia e todas as outras instituições do apartheid são redutos de tipo moderno, atrás dos quais os brancos desse país se esconderão ainda durante muito tempo. O tapete está sendo puxado lentamente debaixo de nossos pés, e nós, como negros, logo acreditaremos piamente que nossos direitos políticos se encontram de fato em nossas "próprias" áreas. Daí em diante vamos verificar que não temos mais nenhum fundamento em que nos basear para exigir qualquer direito na "parte principal da África do Sul branca", que, incidentalmente, vai abranger mais de três quartos da terra de nossos antepassados.

Na minha opinião, o perigo maior com que a comunidade negra se defronta no momento atual é o de estar sendo condicionada de tal modo pelo sistema que até nossa resistência mais bem planejada acaba se adequando a ele, tanto em termos de meios quanto de objetivos. Uma prova disso é a nova tendência encontrada entre os líderes da comunidade indiana em Durban. (Devo admitir que faço tal afirmativa com dor no coração.) Desde que se ouviu dizer que o Conselho Indiano será eleito num futuro próximo, um bom número de pessoas inteligentes está pensando em ressuscitar o Congresso Indiano e deixar que ele forme algum tipo de oposição dentro do sistema. Essa é uma forma perigosa de pensamento retrógrado, ao qual não se deveria dar espaço para crescer. As instituições do apartheid estão engolindo um número grande demais de pessoas dignas, que seriam úteis em um programa significativo de emancipação dos negros.

Assim, quem são os líderes do mundo negro, já que não se encontram no interior da instituição do apartheid? Evidentemente, os negros sabem que seus líderes são as pessoas que agora se acham em Robben Island, ou foram banidas, ou estão no exílio — voluntário ou não. As pessoas como Mandela, Sobukwe, Kathrada, M. D. Naidoo e muitos outros sempre terão um lugar de honra em nossa mente, como os verdadeiros líderes do povo. Podem ter sido chamados de comunistas, sabotadores ou coisas do gênero —

na verdade, podem ter sido condenados por ofensas semelhantes, em tribunais de justiça, mas isso não diminui a essência verdadeira de seu valor. São pessoas que agiram com uma dedicação sem paralelo nos tempos modernos. A preocupação com nossa condição lamentável como negros levou-os a conquistar o apoio natural da massa do povo negro. Podemos discordar de algumas atitudes que tomaram, mas sabemos que falaram a língua do povo.

Será que isso quer dizer que eu não vejo absolutamente nenhuma vantagem na situação atual? A menos que a astúcia política das pessoas negras envolvidas nessas diferentes instituições do apartheid se torne mais aguçada, tenho medo de que estejamos chegando rapidamente a um impasse. A nova geração pode estar certa ao nos acusar de contribuir para nossa própria destruição. Na Alemanha, os funcionários subalternos que decidiam quais judeus deveriam ser levados embora também eram judeus. No fim, as gangues de Hitler também foram buscá-los. Logo que os elementos dissidentes que não pertencem às instituições do apartheid forem completamente silenciados, eles virão buscar aqueles que fazem barulho dentro do sistema. Quando isso acontecer, as fronteiras de nosso mundo serão para sempre a circunferência dos "pontos negros", que representam treze por cento.

Talvez devamos ser um pouco categóricos nesse ponto. Desaconselho totalmente a iniciativa de pessoas de esquerda de ingressarem nas instituições do apartheid. Ao planejar uma estratégia, muitas vezes temos de tomar conhecimento da força do inimigo e, até onde posso julgar, todos dentre nós que querem lutar no interior do sistema estão subestimando por completo a influência que o sistema exerce sobre nós. O que me parece lógico, nesta etapa, é a esquerda fazer uma pressão contínua sobre as várias instituições do apartheid para testarem os limites das possibilidades dentro do sistema, para provar que o jogo todo é uma fraude e para se desligar do sistema. Tomo o exemplo do Partido Trabalhista porque parece ser o grupo dissidente mais bem-organizado no interior do sistema.

O Partido Trabalhista dos Mestiços se apresentou às eleições com uma plataforma antiapartheid e conquistou a maioria das cadeiras votadas. Além disso, ele não perdeu tempo em declarar sua posição antiapartheid e ressuscitou em grande parte a atividade política dentro da comunidade dos mestiços. Na verdade, a crescente consciência da possibilidade de uma ação política entre os mestiços se deve ao Partido Trabalhista. Daqui a pouco, o partido

vai perceber que está repetindo o mesmo estribilho e tudo o que diz não terá mais valor de novidade. Nesse meio tempo, Tom Swartz começará a fazer exigências em favor dos mestiços e é provável que obtenha algumas concessões. Os mestiços perceberão que na verdade uma atitude positiva como a de Tom Swartz é mais bem-vinda que uma atitude negativa como a do Partido Trabalhista, que continua a repetir as mesmas falas. E então o Partido Trabalhista começará a cair em desgraça.

Tal afirmação não é mera teoria. Já aconteceu no passado com Matanzima e Guzana no Transkei. O partido de Guzana, que um dia foi o orgulho dos dissidentes do Transkei que queriam demonstrar sua rejeição ao sistema, agora foi relegado a último plano, operando até mesmo à direita do partido de Matanzima — cujas exigências militantes estão sendo consideradas uma oposição significativa ao sistema, mais que uma nova forma do velho debate sobre a proteção dos interesses dos brancos no Transkei.

Portanto, acredito que o verdadeiro valor do Partido Trabalhista reside em revitalizar suas forças agora, organizando-as e retirando-se do Conselho Representativo dos Mestiços juntamente com o apoio de todos os mestiços. Quanto mais tempo permanecerem no CRC, mais se arriscam a tornar-se irrelevantes. A pergunta seguinte seria: "Retirar-se e fazer o quê?". Há muito trabalho comunitário que precisa ser feito para promover a autoconfiança e a consciência negra entre todas as pessoas negras na África do Sul.

Acredito que é o que o Partido Trabalhista deveria começar a fazer. Por ora, já deram provas suficientes de que os mestiços rejeitam o CRC. Continuar a operar dentro do sistema só pode levar à castração política e à criação da postura "Sou-um-mestiço", que será um retrocesso para o programa de emancipação do negro e que criará grandes obstáculos à implantação de uma sociedade não racial, uma vez solucionados os nossos problemas. Para mim, essa é a única maneira de transformar uma desvantagem em vantagem. Não tem valor apenas para o Partido Trabalhista, mas também para todos os negros conscientizados que agora operam dentro do sistema.

Assim, num esforço para manter nossa solidariedade e relevância dentro da situação, precisamos resistir a todas as tentativas de fragmentação de nossa resistência. Os negros precisam reconhecer nas várias instituições do apartheid aquilo que elas de fato são: mordaças, que visam levar os negros a lutarem separa-

damente por certas "liberdades" e "conquistas" que foram determinadas para eles há muito tempo. Precisamos nos recusar a aceitar como inevitável o fato de que o único caminho para a ação política dos negros é por intermédio dessas instituições.

Mesmo que pareça mais atraente e até mais seguro juntar-se ao sistema, precisamos reconhecer que agindo assim estaremos bem perto de vender nossa alma.

FRANK TALK

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO

4. Alguns conceitos culturais africanos

Este é um trabalho apresentado por Steve em uma conferência convocada pela Associação de Ministros Religiosos Africanos de várias Denominações Cristãs (IDAMASA) e pela Associação para o Desenvolvimento Educacional e Cultural do Povo Africano (ASSECA), realizada em 1971, no Centro Ecumênico de Treinamento de Leigos em Edendale, Natal. A conferência reunia várias organizações negras potencialmente interessadas em uma ligação mais estreita. Entre os diversos trabalhos apresentados, incluía-se um do Chefe Gatsha Buthelezi. Esta conferência se revelou um marco no caminho para a formação da Convenção do Povo Negro, que se realizou em Johannesburgo, em dezembro do mesmo ano.

Alguns conceitos culturais africanos

Uma das missões mais difíceis hoje em dia é falar com autoridade sobre qualquer assunto relacionado com a cultura africana. De algum modo, não se espera que os africanos tenham uma compreensão profunda da própria cultura ou até de si mesmos. Outras pessoas se tornaram autoridades a respeito de todos os aspectos da vida africana ou, para ser mais preciso, da vida BANTU. Assim, temos os mais volumosos trabalhos sobre os assuntos mais estranhos — até mesmo "Os hábitos alimentares dos africanos

urbanos", uma publicação de um grupo bastante "liberal", o Instituto de Relações Raciais.

Em minha opinião, não é necessário falar com os africanos sobre a cultura africana. No entanto, à luz do que afirmei de início, verificamos que tanta confusão foi semeada — não somente entre eventuais leitores não africanos, mas até entre os próprios africanos — que talvez se deva fazer uma tentativa sincera de que os próprios africanos enfatizem os aspectos culturais autênticos de seu povo.

Desde aquela data infeliz — 1652 — temos experimentado um processo de aculturação. Talvez seja uma presunção chamá-lo de "aculturação", pois essa expressão implica uma fusão de culturas diferentes. Em nosso caso, tal fusão vem sendo extremamente unilateral. As duas grandes culturas que se encontraram e se "fundiram" foram a cultura africana e a cultura anglo-bôer*. Enquanto a cultura africana era simples e sem sofisticação, a cultura anglo-bôer apresentava toda a pompa de uma cultura colonialista e, portanto, dispunha de equipamento pesado para a conquista. Quando podiam, conquistavam por persuasão, valendo-se de uma religião altamente exclusivista que condenava todos os outros deuses e exigia a observância de um código estrito de comportamento em relação à vestimenta, à educação, ritual e hábitos. Quando era impossível converter, as armas de fogo estavam ao alcance da mão e eram usadas com vantagem. Por isso a cultura anglo-bôer era a mais poderosa em quase todos os aspectos. Foi então que o africano começou a perder o controle sobre si mesmo e sobre seu meio ambiente.

Assim, ao examinar os aspectos culturais do povo africano, é inevitável que se façam comparações. Isso se dá, basicamente, por causa do desprezo que a cultura "superior" demonstra em relação à cultura nativa. Para justificar o fato de se basear na exploração, a cultura anglo-bôer sempre atribui um *status* inferior a todos os aspectos culturais do povo nativo.

Sou contra a opinião de que a cultura africana está presa ao tempo, à noção de que, com a conquista do africano, toda a sua cultura foi apagada. Também sou contra a idéia de que, quando falamos de cultura africana, nos referimos necessariamente à cultura pré-Van Riebeeck. Sem dúvida a cultura africana vem suportando golpes duros e é possível que tenha sido tão espancada pelas

* Bôer: palavra derivada da expressão holandesa que designa "fazendeiro". Usada para se referir aos descendentes dos holandeses radicados na África do Sul. (N.T.)

culturas agressivas com as quais colidiu que quase perdeu sua forma; entretanto, em sua essência, até hoje percebemos no africano contemporâneo os aspectos fundamentais de sua cultura pura. Por isso, ao examinar a cultura africana, estarei me referindo também àquilo que chamo de moderna cultura africana.

Um dos aspectos essenciais de nossa cultura é a importância que damos ao homem. Nossa sociedade sempre foi centrada no homem. Os ocidentais muitas vezes se surpreendem com nossa capacidade de falar uns com os outros — não com o objetivo de chegar a alguma conclusão específica, mas apenas para gozar da comunicação em si mesma. A intimidade é algo que não existe exclusivamente entre amigos chegados, mas se aplica a todo um grupo de pessoas que se encontram reunidas, seja no trabalho, ou por exigências de moradia.

Na verdade, na cultura africana tradicional não existe a amizade apenas entre duas pessoas. Os grupos de conversa eram determinados de forma mais ou menos natural pela idade e pela divisão de trabalho. Assim, todos os meninos cuja tarefa era cuidar do gado se encontravam periodicamente em locais populares para conversar sobre o seu gado, as namoradas, os parentes, os heróis etc. Todos partilhavam seus segredos, alegrias e tristezas. Ninguém sentia que estava se intrometendo desnecessariamente nos assuntos de outra pessoa. A curiosidade manifestada era bem-vinda. Ela brotava de um desejo de compartilhar. O mesmo padrão era encontrado em todos os grupos etários. A visita à casa de outros sempre fez parte do modo de vida das pessoas mais velhas. Não havia necessidade de um motivo para a visita. Tudo fazia parte do profundo interesse que tínhamos uns pelos outros.

Tais hábitos não se vêem na cultura do ocidental. Uma pessoa que faz uma visita à casa de outra, a menos que se trate de um amigo, é sempre recebida com a pergunta: "O que posso fazer por você?". Essa atitude de considerar as pessoas não por elas mesmas, mas como agentes com uma função específica, seja contra nós ou a nosso favor, é estranha para nosso povo. Não somos uma raça desconfiada. Acreditamos na bondade inerente ao homem. Gostamos das pessoas por elas mesmas. Consideramos o fato de vivermos juntos não como um acidente infeliz que justifica uma interminável competição entre os indivíduos, mas como um ato deliberado de Deus para fazer de nós uma comunidade de irmãos e irmãs, envolvidos juntos na busca de uma resposta abrangente para os vários problemas da vida. Portanto, em tudo aquilo que faze-

mos, colocamos o homem em primeiro lugar e, por isso, nossa ação em geral é uma ação comum, mais orientada para a comunidade solidária do que para o individualismo, que é a marca registrada da abordagem capitalista. Sempre evitamos usar as pessoas como degraus para subir. Em vez disso, estamos dispostos a um progresso muito mais lento, num esforço de garantir que todos caminhemos no mesmo ritmo.

Não há nada que mostre de modo tão intenso o ânimo dos africanos em se comunicar uns com os outros como o seu amor pela música e pelo ritmo. Na cultura africana, a música se encontra presente em todos os estados emocionais. Quando vamos trabalhar, partilhamos os encargos e as alegrias do trabalho que fazemos por intermédio da música. É estranho notar que essa característica singular se filtrou através do tempo, até hoje. Os turistas sempre assistem espantados à sincronia entre música e ação quando os africanos que trabalham numa estrada usam suas pás e picaretas, acompanhando com grande precisão um canto que marca o ritmo. Os cantos de luta eram uma característica da longa marcha para a guerra, nos velhos tempos. Meninas e meninos, sempre que brincavam, usavam música e ritmo como base da brincadeira. Em outras palavras, para os africanos a música e o ritmo não eram um luxo mas parte integrante de nosso modo de nos comunicarmos. Qualquer sofrimento que suportássemos tornava-se muito mais real por meio do canto e do ritmo. Não há dúvida de que os chamados *spirituals* (cantos religiosos), cantados pelos escravos negros nos Estados Unidos enquanto labutavam sob a opressão, indicavam a sua herança africana.

O aspecto mais importante a ser notado em nossos cantos é que nunca eram feitos para ser cantados por uma única pessoa. Todos os cantos africanos são grupais. E, embora muitos deles tenham palavras, elas não são o ponto mais importante. As melodias eram adaptadas para se adequar à ocasião e tinham o efeito maravilhoso de fazer com que todos entendessem as mesmas coisas a partir da experiência comum. Na guerra, os cantos tranqüilizavam aqueles que tinham medo, acentuavam a determinação do regimento de ganhar uma batalha e tornavam muito mais urgente a necessidade de acertar as contas; no sofrimento, como no caso dos escravos negros, ajudavam a extrair a força do sentimento de união; no trabalho, o ritmo que une faz com que o fardo se torne mais leve para todos, e assim os africanos podem continuar a trabalhar por horas a fio graças a essa energia extra.

A atitude dos africanos em relação à propriedade também mostra quão pouco individualistas eles são. Como todos aqui sabem, a sociedade africana tem como base a comunidade da aldeia. Os africanos sempre acreditaram que era melhor ter muitas aldeias com um número controlável de pessoas em cada uma delas do que o contrário. Isso era, obviamente, um requisito adaptado às necessidades de uma sociedade baseada na comunidade e centralizada no homem. Portanto, quase tudo era propriedade comum do grupo; por exemplo, não havia propriedade individual da terra. A terra pertencia ao povo e estava apenas sob o controle do chefe local, em nome do povo. Quando o gado ia pastar, ia para um campo aberto e não para a fazenda de uma determinada pessoa.

A lavoura e a agricultura, embora com base em famílias individuais, tinham muitas características de esforços comuns. Por meio de um simples pedido e a realização de uma cerimônia especial, qualquer pessoa podia convidar os vizinhos para trabalhar em seus campos. Esse serviço era retribuído em espécie e nunca havia nenhuma remuneração.

A pobreza era um conceito estranho a eles. Isso só podia realmente acontecer para toda a comunidade e devido a um clima adverso durante uma determinada estação. Se alguém estivesse em dificuldades, nunca era considerado desagradável pedir ajuda aos vizinhos. Quase sempre havia ajuda entre os indivíduos, entre as tribos, entre os chefes etc., mesmo quando enfrentavam uma guerra.

Outro aspecto importante da cultura africana é nossa atitude mental diante das dificuldades apresentadas pela vida em geral. Enquanto o ocidental está programado para pensar sobre a solução dos problemas partindo de análises muito delimitadas, nossa atitude é experimentar situações. Cito um trecho escrito pelo Dr. Kaunda para ilustrar esse ponto:

> O ocidental tem uma mentalidade agressiva. Quando vê um problema, não descansa enquanto não formular uma solução para ele. Não consegue viver com idéias contraditórias na mente; precisa concordar com uma ou com outra, ou então desenvolver em sua mente uma terceira idéia que harmoniza ou reconcilia as outras duas. E ele é rigorosamente científico ao rejeitar soluções para as quais não há fundamento na lógica. Faz uma distinção clara entre o natural e o sobrenatural, entre o racional e o não racional, e com muita

freqüência descarta o sobrenatural e o não racional como superstição...

Os africanos, sendo um povo pré-científico, não reconhecem nenhuma separação conceitual entre o natural e o sobrenatural. Antes, experimentam uma situação, mais que enfrentam um problema. Com isso quero dizer que eles permitem que tanto os elementos racionais como os não racionais provoquem um impacto sobre eles, e qualquer ação que empreendem pode ser descrita mais como uma resposta da totalidade de seu ser a uma situação específica que o resultado de algum exercício mental.

Acredito que essa é uma análise muito apropriada da diferença essencial entre as maneiras de cada um desses dois grupos encarar a vida. Como comunidade, estamos preparados para aceitar que a natureza tenha seus enigmas, cuja solução está além de nossa capacidade. Muitas pessoas interpretam essa atitude como falta de iniciativa e energia; no entanto, apesar de entender que há uma grande necessidade de experimentações científicas, não posso deixar de sentir que se deveria gastar mais tempo ensinando os homens a viver juntos e que a personalidade africana, com sua atitude de dar menos ênfase ao poder e mais ênfase ao homem, vem fazendo grandes progressos no sentido de solucionar nossos problemas de confrontação.

Todas as pessoas concordam que os africanos são uma raça profundamente religiosa. Nas várias formas de culto encontradas em toda a parte sul de nosso continente havia pelo menos uma base comum. Todos acreditávamos, sem dúvida nenhuma, na existência de um Deus. Tínhamos nossa própria comunidade de santos. Acreditávamos — o que era coerente com nossa maneira de encarar a vida — que todas as pessoas que morriam tinham um lugar especial junto a Deus. Achávamos que uma comunicação com Deus só podia ser feita por intermédio dessas pessoas. Nunca soubemos nada sobre o inferno; não acreditamos que Deus possa criar as pessoas só para castigá-las eternamente, depois de um curto período na terra.

Outro aspecto de nossas práticas religiosas era as motivações para o culto. Mais uma vez, não pensávamos que a religião pudesse ser retratada como parte separada de nossa existência na terra. Ela se manifestava em nossa vida cotidiana. Agradecíamos a Deus, por meio de nossos antepassados, antes de beber cerveja, antes

de casar, de trabalhar etc. Seria extremamente artificial criar ocasiões especiais para o culto. Tampouco achávamos lógico ter um prédio especial no qual todos os cultos seriam realizados. Acreditávamos que Deus estava sempre se comunicando conosco e, portanto, merecia nossa atenção em todo e qualquer lugar em que estivéssemos.

Foram os missionários que confundiram nosso povo com sua nova religião. Por alguma lógica estranha eles argumentavam que a religião deles era científica, e a nossa, mera superstição, apesar das discrepâncias biológicas tão evidentes na base de sua religião. Eles foram mais adiante, pregando a teologia da existência do inferno, amedrontando nossos pais e nossas mães com histórias a respeito de chamas eternas que queimavam, dentes que rangiam e ossos que eram triturados. Essa religião fria e cruel era estranha para nós, mas nossos antepassados ficaram com tanto medo da ira ameaçadora desconhecida que acreditaram que valia a pena tentar aceitá-la. E lá se foram nossos valores culturais!

No entanto, é difícil matar a herança africana. Apesar das semelhanças superficiais entre uma pessoa "destribalizada" e um ocidental, ainda existem muitas características cuturais que identificam aquele "destribalizado" como um africano. Não defendo aqui a separação baseada nas diferenças culturais. Tenho orgulho suficiente para acreditar que, em condições normais, os africanos podem conviver em harmonia com pessoas de outras culturas e são capazes de contribuir para as culturas comuns das comunidades às quais se juntaram. Contudo, o que quero dizer é que, mesmo numa sociedade pluralista como a nossa, ainda há alguns traços culturais — dos quais podemos nos vangloriar — que conseguiram resistir ao processo de abastardamento deliberado. Trata-se de aspectos da cultura africana moderna — uma cultura que usa conceitos do mundo branco para se expandir, baseando-se em características culturais inerentes.

Assim, vemos que na área da música o africano ainda se expressa com convicção. A grande popularidade do *jazz* vem do fato de que os artistas africanos convertem meras notas em música significativa, que exprime sentimentos reais. O *monkey jive*, o *soul* etc. são aspectos de um tipo de cultura africana moderna que exprime os mesmos sentimentos originais. Solos, como os de Pat Boone e Elvis Presley, nunca poderiam encontrar uma expressão dentro da cultura africana, pois não está em nós ouvir passivamente notas musicais puras. No entanto, quando o *soul* chegou com seu ritmo

contagiante, imediatamente cativou e agitou centenas de milhões de corpos negros em todo o mundo. Eram pessoas que liam o verdadeiro significado do *soul* — a mensagem provocadora: "Fale alto! Sou negro e tenho orgulho de ser negro!". Isso está se tornando rapidamente nossa cultura moderna. Uma cultura de desafio, de auto-afirmação, de orgulho e solidariedade grupal. Essa é uma cultura que provém de uma experiência comum de opressão. Assim como se expressa agora por intermédio de nossa música e de nossa roupa, vai se alastrar para outros aspectos. É a nova e moderna cultura negra, para a qual demos uma contribuição importante. É a cultura negra moderna que é responsável por restaurar nossa autoconfiança e que por isso oferece uma esperança quanto ao rumo que estamos tomando a partir daqui.

Assim, na totalidade, a cultura africana nos identifica como pessoas particularmente próximas da natureza. Como diz Kaunda, nosso povo pode ser iletrado e seus horizontes físicos podem ser limitados, no entanto eles "habitam um mundo mais amplo que o do ocidental sofisticado, que ampliou seus sentidos físicos por meio de artifícios inventados, muitas vezes às custas de excluir a dimensão do espiritual". A íntima proximidade com a natureza permite que o componente emocional que existe em nós se torne muito mais rico, no sentido de possibilitar que, sem nenhuma dificuldade aparente, nos sintonizemos com as pessoas e nos identifiquemos facilmente com elas em qualquer situação emocional proveniente do sofrimento.

A chegada da cultura ocidental mudou nossa perspectiva de modo quase drástico. Não podíamos mais dirigir nossos próprios assuntos. Exigia-se que nos adaptássemos como pessoas toleradas, com muitas restrições, numa sociedade de tipo ocidental. Fomos tolerados simplesmente porque nossa mão-de-obra barata é necessária. Por isso, somos julgados por padrões pelos quais não somos responsáveis. Sempre que a colonização se estabelece com sua cultura dominante, devora a cultura nativa e deixa atrás de si uma cultura abastardada, que só pode se desenvolver na medida e segundo o ritmo que lhe é permitido pela cultura dominante. Foi o que aconteceu com a cultura africana. Chamam-na subcultura unicamente porque os africanos nos complexos urbanos estão arremedando o branco sem muita vergonha.

Ao rejeitar os valores ocidentais, portanto, rejeitamos tudo aquilo que para nós é não apenas estrangeiro, mas também aquilo que procura destruir a nossa crença mais querida — a de que a

pedra fundamental da sociedade é o próprio homem, e não apenas a sua prosperidade, o seu bem-estar material; mas somente o homem, com todas as suas ramificações. Não aceitamos a sociedade baseada no poder, a sociedade desse homem ocidental que parece sempre preocupado em aperfeiçoar seu conhecimento tecnológico, enquanto perde terreno em sua dimensão espiritual. Acreditamos que a longo prazo a contribuição especial que a África dará ao mundo será no campo do relacionamento humano. As grandes potências podem ter realizado maravilhas ao conferir ao planeta um aspecto industrial e militar, mas o grande dom ainda virá da África — dar ao mundo uma face mais humana.

5. A definição da Consciência Negra

Redigido provavelmente em dezembro de 1971, este escrito destinava-se a um curso de treinamento para lideranças da SASO, incluído aqui como um exemplo do que Steve dizia aos membros de sua própria organização, portanto do que brotava do cerne de sua própria experiência e da deles.

A definição da Consciência Negra

Em nosso manifesto político definimos os negros como aqueles que, por lei ou tradição, são discriminados política, econômica e socialmente como um grupo na sociedade sul-africana e que se identificam como uma unidade na luta pela realização de suas aspirações. Tal definição manifesta para nós alguns pontos:

1. Ser negro não é uma questão de pigmentação, mas o reflexo de uma atitude mental;
2. Pela mera descrição de si mesmo como negro, já se começa a trilhar o caminho rumo à emancipação, já se está comprometido com a luta contra todas as forças que procuram usar a negritude como um rótulo que determina a subserviência.

A partir dessas observações, portanto, vemos que a expressão negro não é necessariamente abrangente, ou seja, o fato de

sermos todos *não brancos* não significa necessariamente que todos somos *negros*. Existem pessoas não brancas e continuarão a existir ainda por muito tempo. Se alguém aspira ser branco, mas sua pigmentação o impede, então esse alguém é um *não branco*. Qualquer pessoa que chame um homem branco de "Baas"*, qualquer um que sirva na força policial ou nas Forças de Segurança é, *ipso facto*, um não branco. Os negros — os negros verdadeiros — são os que conseguem manter a cabeça erguida em desafio, em vez de entregar voluntariamente sua alma ao branco.

Assim, numa breve definição, a Consciência Negra é em essência a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação — a negritude de sua pele — e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem a uma servidão perpétua. Procura provar que é mentira considerar o negro uma aberração do "normal", que é ser branco. É a manifestação de uma nova percepção de que, ao procurar fugir de si mesmos e imitar o branco, os negros estão insultando a inteligência de quem os criou negros. Portanto, a Consciência Negra toma conhecimento de que o plano de Deus deliberadamente criou o negro, negro. Procura infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, sua religião e sua maneira de ver a vida.

A inter-relação entre a consciência do ser e o programa de emancipação é de importância primordial. Os negros não mais procuram reformar o sistema, porque isso implica aceitar os pontos principais sobre os quais o sistema foi construído. Os negros se acham mobilizados para transformar o sistema inteiro e fazer dele o que quiserem. Um empreendimento dessa importância só pode ser realizado numa atmosfera em que as pessoas estejam convencidas da verdade inerente à sua condição. Portanto, a libertação tem importância básica no conceito de Consciência Negra, pois não podemos ter consciência do que somos e ao mesmo tempo permanecermos em cativeiro. Queremos atingir o ser almejado, um ser livre.

O movimento em direção à Consciência Negra é um fenômeno que vem se manifestando em todo o chamado Terceiro Mundo. Não há dúvida de que a discriminação contra o negro em todo o planeta tem origem na atitude de exploração, por parte do homem branco. Através da História, a colonização de países brancos pelos brancos resultou, na pior das hipóteses, numa simples fusão cultural ou geográfica, ou, na melhor, no abastardamento da linguagem. É verdade que a história das nações mais fracas é moldada pelas nações maiores, mas em nenhum lugar do mundo atual vemos brancos explorando brancos numa escala ainda que remotamente semelhante ao que ocorre na África do Sul. Por isso somos forçados a concluir que a exploração dos negros não é uma coincidência. Foi um plano deliberado que culminou no fato de até mesmo os chamados países independentes negros não terem atingido uma independência real.

* "Senhor", na língua africâner. Tratamento que os brancos exigem dos negros. (N.T.)

Com esse contexto em mente, temos de acreditar então que essa é uma questão de *possuir* ou *não possuir*, em que os brancos foram deliberadamente determinados como os que *possuem*, e os negros os que *não possuem*. Entre os brancos na África do Sul, por exemplo, não existe nenhum trabalhador no sentido clássico, pois até mesmo o trabalhador branco mais oprimido tem muito a perder se o sistema for mudado. No trabalho, várias leis o protegem de uma competição por parte da maioria. Ele tem o direito de voto e o utiliza para eleger o governo nacionalista, uma vez que os considera os únicos que, por meio das leis de reserva de empregos, se esforçam em cuidar de seus interesses contra uma competição por parte dos "nativos".

Devemos então aceitar que uma análise de nossa situação em termos da cor das pessoas desde logo leva em conta o determinante único da ação política — isto é, a cor — ao mesmo tempo que descreve, com justiça, os negros como os únicos trabalhadores reais na África do Sul. Essa análise elimina de imediato todas as sugestões de que algum dia pode haver um relacionamento efetivo entre os verdadeiros trabalhadores, ou seja, os negros, e os trabalhadores brancos privilegiados, já que mostramos que estes últimos são os maiores sustentáculos do sistema. Na verdade o governo permitiu que se desenvolvesse entre os brancos uma atitude antinegro tão perigosa que ser negro é considerado quase um pecado, e por isso os brancos pobres — que economicamente são os que estão mais próximos dos negros — assumiram uma postura extremamente reacionária em relação a eles, demonstrando a distância existente entre os dois grupos. Assim, o sentimento antinegro mais forte se encontra entre os brancos muito pobres, a quem a teoria de classes convoca para se unirem aos negros na luta pela emancipação. É esse tipo de lógica tortuosa que a abordagem da Consciência Negra procura erradicar.

Para a abordagem da Consciência Negra, reconhecemos a existência de uma força principal na África do Sul. Trata-se do racismo branco. Essa é a única força contra a qual todos nós temos de lutar. Ela opera com uma abrangência enervante, manifestando-se tanto na ofensiva quanto em nossa defesa. Até hoje seu maior aliado vem sendo nossa recusa em nos reunirmos em grupo, como negros, pois nos disseram que essa atitude é racista. Desse modo, enquanto nos perdemos cada vez mais num mundo incolor, com uma amorfa humanidade comum, os brancos encontram prazer e segurança em fortalecer o racismo branco e explorar ainda mais a mente e o corpo da massa de negros que não suspeitam de nada. Os seus agentes se encontram sempre entre nós, dizendo que é imoral nos fecharmos num casulo, que a resposta para nosso problema é o diálogo e que a existência do racismo branco em alguns setores é uma infelicidade, mas precisamos compreender que as coisas estão mudando. Na realidade esses são os piores racistas, porque se recusam a admitir nossa capacidade de saber o que queremos. Suas intenções são óbvias: desejam fazer o papel do barômetro pelo qual o resto da sociedade branca pode medir os sentimentos do mundo negro. Esse é o aspecto que nos faz acreditar na abrangência do poder branco, porque ele não só nos provoca, como também controla nossa resposta a essa provocação. Devemos prestar muita atenção neste ponto, pois muitas vezes passa despercebido para os que acreditam na existência de uns poucos brancos bons. Certamente há uns poucos brancos bons, do mesmo modo que há uns poucos negros maus.

Mas o que nos interessa no momento são as atitudes grupais e a política grupal. A exceção não faz com que a regra seja mentirosa — apenas a confirma.

Portanto, a análise global, baseada na teoria hegeliana do materialismo dialético, é a seguinte: uma vez que a tese é um racismo branco, só pode haver uma antítese válida, isto é, uma sólida unidade negra para contrabalançar a situação. Se a África do Sul deve se tornar um país em que brancos e negros vivam juntos em harmonia, sem medo da exploração por parte de um desses grupos, esse equilíbrio só acontecerá quando os dois opositores conseguirem interagir e produzir uma síntese viável de idéias e um *modus vivendi*. Nunca podemos empreender nenhuma luta sem oferecer uma contrapartida forte às raças brancas que permeiam nossa sociedade de modo tão efetivo.

Precisamos eliminar de imediato a idéia de que a Consciência Negra é apenas uma metodologia ou um meio para se conseguir um fim. O que a Consciência Negra procura fazer é produzir, como resultado final do processo, pessoas negras de verdade que não se considerem meros apêndices da sociedade branca. Essa verdade não pode ser revogada. Não precisamos pedir desculpas por isso, porque é verdade que os sistemas brancos vêm produzindo em todo o mundo grande número de indivíduos sem consciência de que também são gente. Nossa fidelidade aos valores que estabelecemos para nós mesmos também não pode ser revogada, pois sempre será uma mentira aceitar que os valores brancos são necessariamente os melhores. Chegar a uma síntese só é possível com a participação na política de poder. Num dado momento, alguém terá de aceitar a verdade, e aqui acreditamos que nós é que temos a verdade.

No caso de os negros adotarem a Consciência Negra, o assunto que preocupa principalmente os iniciados é o futuro da África do Sul. O que faremos quando atingirmos nossa consciência? Será que nos propomos a chutar os brancos para fora do país? Eu pessoalmente acredito que deveríamos procurar as respostas a essas perguntas no Manifesto Político da SASO e em nossa análise da situação da África do Sul. Já definimos o que para nós significa uma integração real, e a própria existência de tal definição é um exemplo de nosso ponto de vista. De qualquer modo, nos preocupamos mais com o que acontece agora que com o que acontecerá no futuro. O futuro sempre será resultado dos acontecimentos presentes.

Não se pode subestimar a importância da solidariedade dos negros com relação aos vários segmentos da comunidade negra. No passado houve muitas insinuações de que uma unidade entre os negros não era viável porque eles se desprezam um ao outro. Os mestiços desprezam os africanos porque, pela proximidade com estes últimos, podem perder a oportunidade de serem assimilados pelo mundo branco. Os africanos desprezam os mestiços e os indianos por várias razões. Os indianos não só desprezam os africanos mas, em muitos casos, também os exploram em situações de trabalho e de comércio. Todos esses estereótipos provocam uma enorme desconfiança entre os grupos negros.

O que se deve ter sempre em mente é que:

1. Somos todos oprimidos pelo mesmo sistema;

2. Ser oprimidos em graus diferentes faz parte de um propósito deliberado para nos dividir não apenas socialmente, mas também com relação às nossas aspirações;
3. Pelo motivo citado acima, é preciso que haja uma desconfiança em relação aos planos do inimigo e, se estamos igualmente comprometidos com o problema da emancipação, faz parte de nossa obrigação chamar a atenção dos negros para esse propósito deliberado;
4. Devemos continuar com nosso programa, chamando para ele somente as pessoas comprometidas e não as que se preocupam apenas em garantir uma distribuição equitativa dos grupos em nossas fileiras.
 Esse é um jogo comum entre os liberais. O único critério que deve governar toda nossa ação é o compromisso.

Outras preocupações da Consciência Negra dizem respeito às falsas imagens que temos de nós quanto aos aspectos culturais, educacionais, religiosos e econômicos. Não devemos subestimar essa questão. Sempre existe uma interação entre a história de um povo, ou seja, seu passado, e a fé em si mesmo e a esperança em seu futuro. Temos consciência do terrível papel desempenhado por nossa educação e nossa religião, que criaram entre nós uma falsa compreensão de nós mesmos. Por isso precisamos desenvolver esquemas não apenas para corrigir essa falha, como também para sermos nossas próprias autoridades, em vez de esperar que os outros nos interpretem. Os brancos só podem nos enxergar a partir de fora e, por isso, nunca conseguirão extrair e analisar o etos da comunidade negra. Assim, e para resumir, peço a esta assembléia que procure o Manifesto Político da SASO, que apresenta os pontos principais da Consciência Negra. Quero enfatizar novamente que temos de saber com muita clareza o que queremos dizer com certas expressões e qual o nosso entendimento quando falamos de Consciência Negra.

6. A Igreja vista por um jovem leigo

Esta palestra foi apresentada em maio de 1972, na Conferência dos Ministros Religiosos Negros organizada pelos Programas da Comunidade Negra e realizada no Centro Ecumênico de Treinamento de Leigos, em Edendale, Natal. Um ocidental secularizado dificilmente conseguirá compreender a importância que os ministros religiosos têm na sociedade negra. Ao mesmo tempo, eles sofrem uma enorme pressão para se conformar com o status quo. *Steve e Ben Khoapa, diretor executivo dos BCP, perceberam a importância de se buscar uma "conscientização" desse setor-chave da comunidade negra. A atitude tradicionalmente conservadora desses ministros por fim sofreu uma grande transformação. Em 1978, cinco antigos estudantes da Faculdade de Teologia (Anglicana) de Saint Peter haviam sido banidos ou presos, o que nos dá uma pequena medida dessa mudança. Essa situação seria inimaginável dez anos antes. Em 1987, com Desmond Tutu como metropolita da Igreja Anglicana na África do Sul, Frank Chikane como secretário-geral do Conselho de Igrejas da África do Sul e Stanley Mogoba como secretário da Igreja Metodista, a Igreja já tinha a capacidade — se realmente quisesse — de mudar o modelo branco, transformando-o "num modelo que apreciamos, amamos, compreendemos e que é relevante para nós". (Ver pág. 77.) Não é a isso que se refere a liderança do arcebispo Desmond? E para* todos os membros *da Igreja!*

A Igreja vista por um jovem leigo

Tenho consciência de que hoje me dirijo a um grupo de pessoas de quem me distingo em dois aspectos: em primeiro lugar, sou um leigo falando para um grupo de ministros religiosos; em segundo, sou um jovem diante de uma platéia relativamente idosa.

Essas duas diferenças talvez sejam responsáveis por eu estar aqui. É fundamental que se procure diminuir a lacuna entre as duas gerações ao se reexaminar uma situação, até então ortodoxa, que parece se tornar cada vez mais obsoleta na mente dos jovens. Também é importante e necessário tornar comum o conceito de religião, em especial o do cristianismo, cuja compreensão se torna cada dia mais um monopólio dos chamados teólogos. Por essa razão tratarei do assunto de um modo leigo.

De acordo com meu ponto de vista, a religião pode ser definida como uma tentativa do homem de se relacionar com um ser supremo ou uma força suprema a que atribui toda a criação. Nosso modelo específico, neste momento, é o cristianismo. Não está muito claro até que ponto é importante que todas as religiões existentes no mundo se tornem uniformes. No entanto, uma questão é certa: todas as religiões possuem características semelhantes:

1. Todas formam a consciência moral do homem. Em outras palavras, toda religião contém um conjunto de normas morais que governam o bem-estar espiritual de um povo específico, dentro de um determinado contexto;
2. Todas tentam explicar a origem e o destino do homem. Todas concordam que o homem, em sua forma humana, é um ser de passagem no mundo; e que a origem do homem provém de alguma força, cuja natureza precisa é definida de modo diferente por cada uma. O ponto em que as religiões tendem a se diferenciar é o enunciado do destino do homem;
3. Todas as religiões reivindicam, ou quase, um monopólio da verdade a respeito da natureza do ser supremo e a respeito da maneira de se identificarem com o propósito original deste ser em relação aos homens.

Toda religião é altamente ritualista. Através de anos de prática, ela desenvolve um certo padrão e certos procedimentos que mais tarde se tornam inseparáveis de sua mensagem central.

Se considerarmos a religião apenas o que ela é, ou seja, uma instituição social que tenta explicar aquilo que não pode ser conhecido cientificamente a respeito da origem e do destino do homem, então desde o começo poderemos perceber a necessidade da religião. Todas as sociedades, na verdade todos os indivíduos, antigos ou modernos, jovens ou velhos, se identificam com uma determinada religião e, quando não há nenhuma, criam uma. Na maioria dos casos, a religião está intimamente ligada aos demais traços culturais de uma sociedade, o que, em certo sentido, torna a religião uma parte integrante do padrão de comportamento dos indivíduos. Assim, devido à forte identificação que têm com ela, as pessoas são cerceadas pelos limites de seus ensinamentos. Quando as pessoas são submetidas a uma religião em desacordo com suas características culturais, logo se pode notar entre seus membros atitudes de descontentamento e, às vezes, até mesmo uma oposição aberta. Por isso podemos dizer que a maioria das religiões é específica e, quando deixam de observar as exigências da especificidade, precisam ser suficientemente adaptáveis para transmitir mensagens relevantes a pessoas diferentes, em situações diferentes. Pois, na verdade, cada religião tem uma mensagem para as pessoas entre as quais está operando.

Essas são talvez algumas das questões que nunca foram priorizadas por aqueles que trouxeram o cristianismo para a África do Sul. Embora o cristianismo tenha sofrido uma rigorosa adaptação cultural a partir da antiga Judéia, passando por Roma, Londres, Bruxelas e Lisboa, de algum modo chegou ao Cabo* com uma aparência bastante rígida. Chegou transformado no ponto central de uma cultura que trouxe consigo um novo estilo de roupa, novos hábitos, novas formas de etiqueta, novas abordagens da medicina e talvez novas armas. Com a difusão do cristianismo por aqui, as pessoas tiveram de jogar fora suas roupas nativas, seus hábitos e suas crenças, que eram todos considerados pagãos e bárbaros.

O uso da lança se tornou símbolo de selvageria. Em pouco tempo a nossa gente foi dividida em dois campos — os convertidos (*amagqobhoka*) e os pagãos (*amaqaba*). A diferença entre as roupas usadas por esses dois grupos fez o que poderia ser apenas uma diferença religiosa transformar-se, algumas vezes, numa guerra interna. Despojados do cerne de seu ser e tornados estrangeiros um ao outro por causa de suas diferenças, os africanos foram transformados em joguetes dos colonialistas. A história nos mostra que

* Cabo da Boa Esperança: primeiro ponto do território sul-africano tocado pelos brancos. (N. T.)

aquele que traz consigo uma nova ordem a conhece melhor e, por esse motivo, se converte no professor perpétuo daqueles a quem a nova ordem foi imposta. Se aos olhos do povo os missionários brancos estavam "certos" a respeito do Deus que traziam consigo, então a única atitude que os africanos podiam ter era aceitar tudo o que esses novos mentores oniscientes tivessem a dizer a respeito da vida. A aceitação do cristianismo, em sua versão corrompida pelo colonialismo, marcou o ponto crítico na resistência do povo africano.

Desse modo, a Igreja e sua atuação na África do Sul nos tempos atuais precisam ser analisadas da perspectiva de como essa instituição foi introduzida no país. Mesmo agora, depois de tanto tempo, podemos constatar a espantosa irrelevância da interpretação dada às Escrituras. Num país cheio de injustiças e comprometido fanaticamente com a prática da opressão, da intolerância e da crueldade gritante, provocadas pela perseguição racial; num país em que os negros são forçados a se ver como os enteados indesejáveis de um Deus cuja presença não podem sentir; num país em que pai e filho, mãe e filha, dia a dia todos se transformam em neuróticos pela absoluta incapacidade de pensar no futuro, uma vez que se vêem num desamparo arrasador, a Igreja colabora para aumentar ainda mais a insegurança deles por sua definição intimista do conceito de pecado e por encorajar a atitude do "mea culpa".

Todos os domingos, ministros de expressão severa sobem ao púlpito para colocar uma pesada carga de culpa sobre os negros que vivem nas cidades segregadas, por causa de seus roubos, invasões de domicílio, facadas, assassinatos, adultérios etc. Ninguém jamais tenta relacionar todas essas faltas com a pobreza, o desemprego, a superpopulação, a falta de escolaridade e a mão-de-obra migrante. Ninguém deseja ser conivente com um comportamento abominável, mas muitas vezes é preciso que analisemos as situações com maior profundidade.

Porque os missionários brancos descreviam os negros como ladrões, preguiçosos, ávidos por sexo etc., e porque eles identificaram com a brancura tudo o que era valioso, nossas Igrejas, por intermédio de nossos ministros, não consideram todas as faltas que mencionei manifestações de crueldade e de injustiça a que somos submetidos pelo homem branco, mas acreditam que são uma prova de que, afinal de contas, o branco estava certo quando nos descrevia como selvagens. Assim, se ao ser *introduzido* o cristianismo foi corrompido pela inclusão de aspectos que o tornaram a religião ideal para a *colonização* de povos, hoje ele é, em sua *interpretação*, a religião ideal para manter esses mesmos povos *subjugados*.

É preciso lembrar também que a Igreja na África do Sul, assim como em toda a parte, vem sendo estragada pela burocracia. Ela não é mais apenas a expressão dos sentimentos religiosos de um povo, mas tornou-se altamente institucionalizada — não como uma única unidade, mas como várias unidades poderosas, que talvez não difiram tanto em relação à interpretação das Escrituras e sim quanto aos objetivos institucionais. Hoje é impossível pensar na África do Sul sem uma Igreja Católica Romana, uma Igreja Metodista ou uma Igreja Anglicana, apesar de que o metodista médio que anda na rua dificilmente sabe em que ele difere de um anglicano ou de um congregacionalista. Essa burocracia e essa institucionalização levam a Igreja a se afastar de suas prioridades mais importantes e a se concentrar em funções secundárias e terciárias como os aspectos estruturais, financeiros etc. Por esse motivo, a Igreja se tornou muito irrelevante; na verdade, transformou-se numa "torre de marfim", como alguns a denominam.

A par da burocratização e da institucionalização da Igreja, existe um problema específico que também torna a Igreja extremamente irrelevante — a concentração dessa burocracia e dessa institucionalização nas mãos das pessoas brancas. É sabido que, exceto nas Igrejas africânderes, na maioria das Igrejas 70, 80 ou 90 por cento de seus membros pertencem ao mundo negro. É sabido também que na maioria das Igrejas 70, 80 ou 90 por cento do poder de controle estão nas mãos dos brancos. E, ainda, que as pessoas brancas simplesmente não conhecem as pessoas negras e, na maioria dos casos, não tomam a peito os interesses dessas últimas.

Portanto, pode-se concluir que ou as Igrejas dos negros são governadas por uma pequena minoria de estrangeiros não-simpatizantes, ou então um número excessivo de pessoas negras está freqüentando Igrejas estrangeiras. Não está bem claro qual dessas duas afirmações é correta, mas vamos presumir que seja a primeira, uma vez que a maioria das pessoas neste país é negra.

Nesse caso, as pessoas negras que são cristãs, não só estão sendo coniventes com a natureza até agora irrelevante do cristianismo — conforme é apresentada pelas Igrejas —, como também permitem que uma minoria não-simpatizante, que não tem interesse em tornar o cristianismo relevante para o povo, permaneça no controle das atividades das Igrejas. Essa é uma situação in-

sustentável e, se permitirmos que continue por muito mais tempo, o número já reduzido de pessoas que vão à igreja aos domingos diminuirá ainda mais.

Outro ponto importante a ressaltar é a tendência dos cristãos em fazer das interpretações religiosas uma tarefa para especialistas. O resultado dessa postura é a apatia geral, num mundo que se afasta rapidamente de qualquer identificação com o misticismo. Hoje em dia os jovens gostariam de sentir que podem interpretar o cristianismo e tirar dele mensagens relevantes para si e para sua realidade, sem serem reprimidos por limitações de ortodoxia. É por essa razão que a Igreja Católica, com suas dúzias de dogmas, precisa se ajustar depressa a um mundo em transformação, ou estará correndo o risco de perder sua clientela jovem. Em vários aspectos, essa afirmativa se aplica a todas as Igrejas do mundo cristão.

Antes de sugerir algumas mudanças no interior da Igreja, permitam-me resumir o que considero minhas principais críticas a ela:

1. Ao se dirigir a um povo necessitado, ela enfatiza demais o cristianismo como uma religião de "oferecer a outra face";
2. Seu desenvolvimento é impedido pela burocracia e pela institucionalização;
3. Manifesta em suas estruturas uma aceitação tácita do sistema, ou seja, ser "branco equivale a um valor positivo";
4. É limitada por um excesso de especialização.

A questão mais importante que talvez devêssemos enfocar é conseguir a conquista do controle dentro dessas Igrejas, controle que por direito cabe a nós. Para isso, precisamos estar de acordo que de fato temos um propósito comum, um objetivo comum, um problema comum. Do mesmo modo, é preciso que concordemos que, por viverem em uma sociedade privilegiada e por pertencerem a um sistema corrupto, os cristãos brancos, nossos equivalentes, embora irmãos em Cristo, não provaram ser irmãos na África do Sul. Devemos convir também que, de modo tácito ou explícito, deliberada ou inconscientemente, os cristãos brancos no interior da Igreja a impedem de assumir seu caráter natural no contexto sul-africano e, portanto, impedem que ela seja relevante à situação do negro.

Muitos clérigos negros dizem que os brancos se encontram no poder dentro das Igrejas porque elas seguem modelos ocidentais que os brancos conhecem melhor. Então, para sermos capazes de mudar as Igrejas, primeiro temos de conseguir uma ascendência sobre eles dentro desse modelo branco e a partir daí transformá-lo num modelo que apreciamos, amamos, compreendemos e que é relevante para nós. Só posso salientar aqui que é inconcebível que todos os brancos que estão em cargos de controle nas Igrejas tenham sido eleitos por outras pessoas brancas. É óbvio que alguns conseguem seus cargos porque eles convencem negros que têm direito a voto, para que eles os elejam para essas posições. Está mais do que na hora de os negros aprenderem o método já tão consagrado de angariar votos para colocar outros negros no controle das Igrejas em que tenham algum interesse em jogo. É óbvio que os negros assim eleitos terão de cumprir seu mandato segundo expectativas claramente explicitadas pelo mesmo grupo negro que os colocou no poder.

A segunda questão que merece bastante atenção de nossa parte é a necessidade de uma compreensão profunda do que muitos, até agora, vêm desprezando: a Teologia Negra. Há uma certa verdade quando se diz que muitas pessoas podem afirmar uma mesma coisa de modos diferentes porque a encaram de ângulos diferentes. Mas o cristianismo não pode esperar que consiga permanecer abstrato e distante dos problemas do povo. Para que seja aplicado ao povo, é necessário que tenha significado para ele em sua situação específica. Se se trata de uma gente oprimida, o cristianismo tem de ter algo a dizer sobre a opressão que ela sofre.

Assim, a Teologia Negra constitui uma interpretação do cristianismo diretamente ligada a uma situação. Procura relacionar o negro de hoje com Deus, dentro do contexto específico do sofrimento do negro e de suas tentativas de sair dele. Ela enfatiza de outro modo as obrigações morais do homem: em vez da necessidade de se evitar a ofensa a falsas autoridades, não perdendo os documentos, não roubando comida quando se está com fome e não enganando a polícia quando se vai preso, a ênfase passa a ser colocada no compromisso de se eliminar toda a causa do sofrimento provocado pela morte de crianças por inanição, pelas epidemias que se alastram nas áreas pobres ou pela existência do banditismo e do vandalismo nas cidades segregadas. Em outras palavras, ela transfere a ênfase de pecados triviais para grandes pecados no interior da sociedade, deixando assim de ensinar as pessoas a "sofrerem pacificamente".

Se os ministros religiosos negros quiserem impedir que o cristianismo entre em conflito com os negros, em especial com os jo-

vens negros, eles têm de começar a falar seriamente sobre esses assuntos. É chegada a hora de nossos teólogos erguerem as lanças nessa luta, restituindo um significado e uma direção à compreensão que o negro tem de Deus. Nenhuma nação pode vencer uma batalha sem fé, e se a nossa fé em Deus foi destruída pela imposição de vê-lo por intermédio dos olhos daqueles contra quem estamos lutando, então sem dúvida há algo de muito errado nessa relação.

Por fim, gostaria de relembrar aos ministros negros, e na verdade a toda a gente negra, que Deus não costuma descer do céu para resolver os problemas das pessoas aqui na Terra.

7. Racismo branco e Consciência Negra

O Instituto Abe Bailey de Estudos Inter-raciais patrocinou uma reunião de estudantes que teve lugar na Cidade do Cabo, em janeiro de 1971. A idéia era fazer um encontro de líderes estudantis de todas as principais organizações nacionais de estudantes, desde a Associação dos Estudantes Africânderes (ASB), de direita, até a NUSAS e a SASO, de esquerda. Steve e Barney foram convidados a participar como conferencistas, e seus trabalhos foram publicados mais tarde no Student Perspectives on South Africa (Perspectivas dos estudantes sobre a África do Sul, *editado por Hendrik W. van der Merwe e David Welsh e publicado por David Philip, Cidade do Cabo, 1972). O texto que segue é de Steve.*

Racismo branco e Consciência Negra

A abrangência do poder branco na África do Sul

"Nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência e da força, e há lugar para todos nós no ponto de encontro da vitória." Não creio que Aimé Césaire estivesse pensando na África do Sul ao pronunciar essas palavras. Os brancos neste país enveredaram por um caminho sem retorno. A prática do racismo bran-

co é tão flagrantemente exploradora em termos mentais e físicos que nos perguntamos se, aqui, os interesses dos negros e os dos brancos não se tornaram mutuamente excludentes a ponto de eliminarem a possibilidade de haver "lugar para todos nós no ponto de encontro da vitória".

A busca do homem branco pelo poder levou-o a destruir com absoluta crueldade tudo o que se coloca em seu caminho. Num esforço de dividir o mundo negro quanto às suas aspirações, os poderes constituídos desenvolveram uma filosofia que o estratifica e proporciona um tratamento preferencial para certos grupos. Mais que isso, eles criaram vários casulos tribais, na expectativa de incrementar os sentimentos hostis entre as tribos e desviar as energias dos negros para a conquista de falsas "liberdades" fixadas pelo governo. Esperava-se ainda que os negros pudessem ser encerrados nesses vários casulos de repressão, denominados pelo eufemismo de "bantustões". Entretanto, em algum momento os poderes constituídos tinham de começar a definir o campo de atividade dessas instituições do apartheid. Desde o início a maioria dos negros desconfiou que se tratava de uma promessa vazia e, agora, eles perceberam que foram enganados. Do mesmo modo que o Conselho de Representantes dos Nativos se transformou num fracasso político que deixou seus criadores embaraçados, posso antever que virá o tempo em que esses organismos pelegos provarão ser muito onerosos, não apenas em termos de dinheiro, mas também porque a história que os nacionalistas estão tentando vender perderá a credibilidade. Enquanto isso, os negros começam a perceber a necessidade de uma união em torno da causa de seu sofrimento — sua pele negra — e de ignorarem as falsas promessas provenientes do mundo branco.

A legislação cada vez mais rigorosa, que vem sendo registrada nos códigos sul-africanos, está convencendo as pessoas do mal inerente ao sistema de apartheid. Nem toda a propaganda feita na Rádio Bantu nem as promessas de liberdade a ser concedida a algum bantustão desértico conseguirão, algum dia, persuadir os negros de que o governo tem boas intenções, ao menos enquanto estiverem experimentando manifestações da falta de respeito pela dignidade do homem e por sua propriedade, como as que têm ocorrido durante as remoções em massa de africanos das áreas urbanas. Os tormentos desnecessários infligidos aos africanos pela polícia, tanto nas cidades como dentro das cidades segregadas, e a impiedosa aplicação desse flagelo do povo — as leis de passe — são lembretes constantes de que o branco está por cima e de que os negros são apenas tolerados — com as maiores restrições. Não é preciso dizer que qualquer pessoa que sofra uma crueldade tão deliberada (e injustificada) deverá por fim se perguntar: "O que tenho a perder?" E é isso que os negros começam a perguntar a si mesmos.

Soma-se a isso o fato de que as fileiras da oposição foram atiradas ao caos e à confusão. Todos os partidos de oposição precisam satisfazer as exigências básicas da política. Eles querem o poder e, ao mesmo tempo, querem ser *justos*. Nunca lhes ocorre que a maneira mais garantida de ser injusto é impedir o acesso da população nativa ao poder. Por isso, finalmente chegamos à conclusão de que não há uma diferença real entre o Partido Unido e o Partido Nacionalista. Se houver alguma diferença, é mais provável que o Partido Unido esteja à direita dos nacionalistas. Basta olhar para o seu famoso *slogan* "Supremacia branca para a totalidade da África do Sul", para perceber até que ponto a busca do poder pode obscurecer até mesmo características supostamente imortais, tais como a noção de "jogo limpo" dos ingleses. Há muito tempo os africanos descartaram o Partido Unido como uma grande fraude política. Em seguida, os mestiços fizeram o mesmo. Se o Partido Unido estiver conseguindo algum voto novo é exatamente por estar se tornando mais explícito em sua política racista. Eu até diria que a medida mais inadiável na política branca da África do Sul é uma fusão entre o Partido Unido e o Partido Nacionalista.

O namoro entre o Partido Progressista e os negros foi bruscamente interrompido pela legislação. Alguns negros argumentam que, naquele momento, os progressistas desperdiçaram sua única oportunidade de conseguir alguma aparência de respeitabilidade: por não terem preferido antes se dissolver do que perder seu eleitorado negro. Apesar disso não consigo deixar de sentir que os progressistas saíram dessa prova mais purificados. Eles nunca representaram uma esperança verdadeira para os negros e, no fundo, sempre foram um partido branco, lutando por uma maneira mais duradoura de preservar os valores brancos neste extremo sul da África. Não demorará muito para que os negros relacionem em termos concretos sua pobreza à sua negritude. Devido à tradição imposta ao país, os pobres serão sempre os negros. Não é surpreendente, portanto, que os negros desejem se ver livres de um sistema que tranca a riqueza do país nas mãos de uns poucos. Sem dúvida Rick Turner estava pensando nisso quando declarou, em seu

artigo "The Relevance of Contemporary Radical Thought" (A relevância do pensamento radical contemporâneo), que "qualquer governo negro será provavelmente socialista".

Falemos agora daqueles que há mais tempo gozam da confiança do mundo negro — os liberais, que incluem grupos radicais e esquerdistas. O maior erro que o mundo negro já cometeu foi presumir que qualquer pessoa que se opusesse ao apartheid era uma aliada. Durante muito tempo o mundo negro vem concentrando toda a sua raiva apenas no partido do governo, e não na estrutura global de poder. Num certo sentido até o vocabulário político de que os negros se servem é uma herança dos liberais. Assim, é compreensível que as alianças com esse setor tenham se dado com tanta facilidade.

Quem são os liberais na África do Sul? Aquele estranho grupo de não-conformistas que explicam sua participação em termos negativos; aquele grupo de pessoas bem-intencionadas que têm uma porção de nomes: liberais, esquerdistas etc. São os que alegam não serem responsáveis pelo racismo dos brancos e pela "atitude desumana do país em relação ao negro". São as pessoas que declaram sentir a opressão com a mesma intensidade que os negros e que, por esse motivo, também deveriam se envolver na luta do negro por um lugar ao sol. Em resumo, são as pessoas que dizem que têm a alma negra dentro de uma pele branca.

Os liberais começaram a agir com a máxima eficiência. Estabeleceram como dogma político o princípio de que todos os grupos que se opusessem ao *status quo* teriam de ser não-raciais em sua estrutura. Afirmavam que aqueles que defendiam um princípio de não-racismo não podiam de modo algum adotar o que consideravam diretrizes políticas racistas. Chegaram até mesmo a definir para as pessoas negras o objetivo por que deveriam lutar.

Com esse tipo de influência atrás deles, a maioria dos líderes negros tendia a dar demasiada importância aos conselhos dos liberais. Na verdade, durante muito tempo a tarefa da liderança era "acalmar o povo" enquanto se dedicavam a uma negociação infrutífera com o *status quo*. Toda a sua ação política era na realidade de um curso programado da arte da persuasão suave, por meio de protestos e boicotes limitados, e o resto poderia ser deixado por conta da consciência perturbada do imparcial povo inglês.

É claro que essa situação não podia perdurar. Uma nova espécie de líderes negros começava a ter uma visão pessimista do envolvimento dos liberais numa luta que eles consideravam essen-

cialmente sua, quando os movimentos políticos dos negros eram banidos ou então perseguidos até a extinção. De novo o campo ficava livre para que os liberais continuassem o trabalho de "lutar pelos direitos dos negros".

Nunca ocorreu aos liberais que a integração, na qual insistiam, vendo-a como um modo eficaz de se opor ao apartheid, era inviável na África do Sul. Só podia ser artificial, porque estava sendo impingida a dois partidos cuja formação global fora orientada para apoiar a mentira de que uma raça era superior, e as outras inferiores. É imprescindível que haja uma reforma em todo o sistema da África do Sul, para podermos esperar que brancos e negros se dêem as mãos em oposição a um inimigo *comum*. Da maneira como estão as coisas, tanto os negros quanto os brancos participam de um círculo integrado organizado às pressas, levando consigo as sementes que destruirão esse mesmo círculo — seus complexos de inferioridade e superioridade.

O mito da integração proposta pela ideologia liberal precisa ser derrubado e morto, porque leva as pessoas a acreditarem que algo está sendo feito. Na realidade, porém, os círculos artificialmente integrados são um soporífero para os negros e fornecem uma certa satisfação para os brancos de consciência culpada. O mito se baseia na premissa falsa de que, já que neste país é muito difícil reunir pessoas de raças diferentes, então o simples fato de se conseguir essa reunião é em si mesmo um grande passo para a libertação total dos negros. Nada poderia ser mais enganador.

Quantas pessoas brancas estão lutando pela mudança que elas querem para a África do Sul motivadas por uma preocupação verdadeira e não por um sentimento de culpa? Obviamente é uma suposição cruel imaginar que não existam brancos sinceros; entretanto, os métodos adotados por alguns grupos muitas vezes sugerem a falta de um compromisso real. A essência da política é dirigir-se ao grupo que exerce o poder. A maioria dos grupos dissidentes tem consciência da força que está nas mãos da estrutura branca de poder. Eles conseguem citar depressa as estatísticas que mostram como o orçamento para a defesa é grande. Têm conhecimento da eficácia com que a polícia e o exército são capazes de controlar multidões de negros que protestam — seja de modo pacífico, ou não. Sabem até que ponto a polícia de segurança se infiltrou no mundo negro. Por isso estão inteiramente convencidos da impotência do povo negro. Por que, então, persistem em falar aos negros? Já que têm consciência de que o problema deste país é o

racismo branco, por que não se dirigem ao mundo branco? Por que teimam em falar aos negros?

Num esforço de responder a essas perguntas, chegamos à penosa conclusão de que o liberal está de fato acalmando a própria consciência ou, na melhor das hipóteses, quer provar sua identificação com o negro, mas apenas até onde isso não provoque uma ruptura de seus laços com parentes do outro lado da fronteira racial. Sendo branco, ele possui um passaporte natural para o conjunto de privilégios exclusivos dos brancos, do qual não hesita em extrair aquilo que lhe convém. No entanto, uma vez que se identifica com os negros, ele se movimenta dentro de seus círculos brancos — praias, restaurantes e cinemas só para brancos — com a consciência menos pesada, sentindo que não é como os outros. Mas no fundo de sua mente existe o constante pensamento de que tudo está bem para ele assim como está, e que, por isso, não deve se preocupar com mudanças. Embora não vote nos nacionalistas (de qualquer maneira, agora são a maioria), se sente seguro sob a proteção oferecida por eles e, inconscientemente, repele a idéia de mudança.

As limitações que acompanham o envolvimento dos liberais na luta do negro têm sido as maiores responsáveis pela falta de progresso. Devido ao complexo de inferioridade, os negros tendem a levar a sério o que os liberais têm a dizer. Ao mesmo tempo, a arrogância em assumir "o monopólio da inteligência e do julgamento moral" faz com que esses autonomeados curadores dos interesses negros continuem a estabelecer o padrão e o ritmo para a realização das aspirações dos negros.

Não estou zombando dos liberais e do envolvimento deles. Nem estou sugerindo que são eles os principais responsáveis pela má situação do negro. Apenas tento ilustrar que, num sistema que obriga um grupo a gozar de privilégios e viver à custa do suor do outro, é impossível uma total identificação com o grupo oprimido. A sociedade branca, como um todo, tem uma dívida tão grande para com os negros que nem mesmo um único membro deve contar com o perdão face à condenação total que com certeza virá do mundo negro. Não que os brancos gozem de privilégios apenas quando apóiam o partido governante. Na verdade eles já nasceram com privilégios e são alimentados e educados dentro de um sistema de impiedosa exploração da energia do negro. O liberal branco de 20 anos de idade que espera ser recebido de braços abertos certamente está superestimando a capacidade de perdão das

pessoas negras. Por mais que as motivações de um liberal sejam genuínas, ele precisa aceitar que, embora não tenha escolhido nascer com privilégios, os negros têm de suspeitar de seus motivos.

O liberal deve lutar por si mesmo e para si mesmo. Se é um liberal autêntico, precisa entender que também não passa de um oprimido e que tem de lutar pela própria liberdade e não pela liberdade daqueles vagos "eles" com quem na verdade não pode dizer que se identifica.

O que tentei mostrar é que na África do Sul o poder político sempre esteve com a sociedade branca. Os brancos são culpados não apenas por estarem na ofensiva, mas porque, com algumas manobras hábeis, vêm conseguindo controlar as reações dos negros frente às provocações. Assim, além de darem pontapés no negro, também dizem a ele como reagir. Há muito tempo o negro ouve com paciência os conselhos sobre a melhor maneira de enfrentar as agressões. Com uma dolorosa lentidão, ele agora começa a dar mostras de que é seu direito e seu dever reagir ao pontapé *do modo que achar melhor*.

Consciência Negra

"Nós, mestiços, neste momento específico da evolução histórica, conseguimos apreender de maneira consciente e em todas as suas dimensões a noção de nossa singularidade, a noção exata de quem somos, do que significamos e de que estamos prontos para assumir as responsabilidades provenientes desta tomada de consciência em todos os níveis e em todos os campos. A peculiaridade de nosso lugar no mundo não pode ser confundida com a de nenhuma outra pessoa. A peculiaridade de nossos problemas, que não devem ser reduzidos a formas subordinadas de nenhum outro problema. A particularidade de nossa história, cheia de desgraças terríveis que não pertencem a nenhuma outra história. A especificidade de nossa cultura, que tencionamos viver e fazer viver de um modo ainda mais real." (Aimé Césaire, 1956, em sua carta de demissão do Partido Comunista Francês.)

Mais ou menos na mesma época em que Césaire escrevia essas palavras, surgia na África do Sul um grupo de jovens negros zangados que começavam a "apreender a noção de (sua) singularidade" e que estavam ansiosos por definir quem eram e o que significavam. Eram os elementos que tinham se desapontado com a

direção imposta ao Congresso Nacional Africano pelo grupo da "velha-guarda" que pertencia à liderança. Esses jovens questionavam vários aspectos, entre eles a atitude de "ir devagar" adotada pela liderança e a facilidade com que essa mesma liderança aceitava coalizões com organizações que não eram dirigidas por negros. A "Carta do Povo", adotada em 1955, em Kliptown, era uma prova desse questionamento. Num certo sentido, esses eram os primeiros sinais verdadeiros de que os negros na África do Sul começavam a se conscientizar da necessidade de agir sozinhos e de desenvolver uma filosofia baseada nos negros e dirigida por eles. Em outras palavras, lentamente a Consciência Negra ia se manifestando.

Pode-se dizer que, na frente política mais ampla, os negros na África do Sul não têm demonstrado nenhum sinal evidente de um novo modo de pensar desde que seus partidos políticos foram banidos, e nem foi dada uma verdadeira oportunidade para que os sinais de desapontamento em relação ao mundo branco se cristalizassem numa abordagem positiva. Por outro lado, os estudantes negros iniciaram uma reavaliação das alianças entre negros e brancos. O surgimento da SASO e a política rígida de não-envolvimento com o mundo branco levaram a novas linhas de pensamento. Tratava-se de um desafio à velha tradição sul-africana de que a simples oposição ao apartheid era uma qualidade suficiente para que os brancos fossem aceitos pelo mundo negro. Apesar dos protestos e das acusações de racismo por parte de estudantes brancos liberais, os estudantes negros permaneceram firmes em sua recusa ao princípio de alianças profanas entre negros e brancos. Um representante da Confederação Nacional dos Estudantes da África do Sul (NAFSAS), um novo grupo de centro-direita, recebeu uma amostra desse novo modo de pensar quando um estudante negro lhe disse: "Nós mesmos vamos nos liderar, seja para o mar, para a montanha ou para o deserto; não nos envolveremos com estudantes brancos".

A importância da posição da SASO não se encontra na organização por si mesma — pois ela tem as limitações naturais de ser um organismo de estudantes cujos quadros se alteram com freqüência. Sua importância reside antes na brecha que essa nova abordagem criou no pensamento tradicional, fazendo com que os negros abrissem os olhos e refletissem. Ela anunciou uma nova era, em que os negros começam a cuidar dos próprios interesses e a ver mais claramente a magnitude de sua responsabilidade.

O chamado para a Consciência Negra é o apelo mais positivo que surgiu de qualquer grupo do mundo negro durante muito tempo. Esse chamado é mais que uma rejeição reacionária dos brancos pelos negros. Em última instância, constitui a compreensão dos negros de que, para se saírem bem nesse jogo de poder político, eles precisam utilizar o conceito de poder grupal e dotá-lo de um sólido fundamento. Uma vez que se trata de um grupo deserdado e empobrecido histórica, política, social e economicamente, dispõe da mais consistente fundamentação para, a partir dela, agir.

A filosofia da Consciência Negra, portanto, exprime o orgulho grupal e a determinação dos negros em se erguer e conseguir a auto-realização desejada. Na essência desse modo de pensar está a compreensão de que a mente do oprimido é a arma mais poderosa nas mãos do opressor. Uma vez que ela seja manipulada e controlada com eficácia pelo opressor, a ponto de o oprimido acreditar que ele é responsabilidade do homem branco, então nada que ele faça amedrontará realmente os poderosos senhores. Por isso, pensar segundo a linha da Consciência Negra faz com que o negro se considere um ser completo em si mesmo e não como a extensão de uma vassoura ou uma alavanca a mais de qualquer máquina. Ao final desse processo, ele não mais permitirá que tentem aviltá-lo como ser humano. Quando chegar a esse ponto, saberemos que a pessoa real que está dentro do negro está começando a transparecer.

Venho falando da Consciência Negra como se alcançá-la fosse uma tarefa fácil. Mas embora neste momento possa ser uma afirmação exagerada, a verdade é que vários grupos negros aos poucos se tornam cada vez mais conscientes de si mesmos. Gradualmente, estão começando a se libertar das noções que os aprisionaram e que são a conseqüência do controle de suas atitudes pelos brancos. Devagar estão rejeitando o "argumento de moralidade" que os impedia de agir sozinhos e agora aprendem que a exclusão dos brancos das instituições negras pode lhes trazer muitos benefícios.

Claro que não nos surpreende o fato de que os brancos não têm muita consciência dessas forças que estão surgindo, uma vez que tal consciência é essencialmente um processo de introversão. Está se tornando uma prática comum neste país as pessoas consultarem os jornais, para verificarem o que dizem os "líderes negros" — expressão que para eles significa os líderes das várias instituições do apartheid. Embora muitas vezes alguns indivíduos se

aproveitem desses organismos para dizer algumas verdades, certamente não podem servir de parâmetro para se conhecer a opinião dos negros sobre qualquer assunto.

O crescimento da conscientização entre os negros sul-africanos muitas vezes é atribuído à influência do movimento negro nos Estados Unidos. Para mim, contudo, tal desenvolvimento parece ser conseqüência da independência conquistada em tão pouco tempo por tantos países africanos. Na verdade, lembro que quando seguia o curso secundário, o Dr. Hastings Kamuzu Banda ainda militava e era o herói de um amigo meu. Havia uma declaração sua muito citada: "Este é um país dos negros; qualquer branco que não goste dele deve fazer a mala e ir embora". Naquele estágio, o mito da invencibilidade do branco fora desnudado. Num momento em que companheiros africanos falavam desse modo, como poderíamos ainda alimentar idéias de uma servidão contínua? Sabíamos que o branco não tinha nenhum direito de estar lá; queríamos eliminá-lo de nossa mesa, tirar dela todos os enfeites que ele colocava, decorá-la no verdadeiro estilo africano, nos acomodar e então convidá-lo a se juntar a nós sob nossas próprias condições, se ele quisesse. Era o que Banda estava dizendo. O fato de que muitas vezes se usa uma terminologia americana para exprimir nossos pensamentos acontece simplesmente porque todas as idéias novas parecem receber muita publicidade nos Estados Unidos.

Para se adquirir uma consciência de nacionalidade e difundi-la na África do Sul, é preciso lutar contra alguns fatores. Primeiro, há os tradicionais complexos, depois o vácuo existente no passado do nativo e, por fim, a questão da dependência negro-branco. Os tradicionais complexos (inferior-superior, negro-branco) são criações propositais do colonialista. Por meio do trabalho dos missionários e do estilo de educação adotado, os negros foram convencidos a ver o homem branco como uma espécie de Deus, de cuja palavra não se podia duvidar. Como diz Fanon: "O colonialismo não se satisfaz apenas em manter um povo em suas garras e esvaziar a mente do nativo de toda forma e conteúdo; por uma espécie de lógica pervertida, concentra-se no passado do povo oprimido e o distorce, desfigura e destrói". No final de tudo, os negros não têm nada em que se apoiar, nada que os anime no momento presente e muito a temer no futuro.

A atitude de alguns camponeses africanos que são contra a educação muitas vezes é mal compreendida, até mesmo pelo intelectual africano. No entanto, as razões apresentadas por essas pes-

soas refletem a consciência da dignidade e do valor que possuem. Consideram a educação a maneira mais rápida de destruir a essência da cultura africana. Queixam-se com amargura da destruição do padrão de vida, do desrespeito aos costumes e do fato de que aqueles que não seguem a tradição caçoam constantemente dos outros, uma vez que tenham freqüentado uma escola. Na tradição africana, a falta de respeito pelos mais velhos é um pecado capital e imperdoável. No entanto, como se pode impedir que a criança perca o respeito pelo pai, se os professores brancos sabichões ensinam a ela que não deve levar em conta os ensinamentos de sua família? Como pode um africano manter o respeito por sua tradição, quando na escola toda a sua cultura é sintetizada numa única palavra: barbarismo?

Para acentuar ainda mais o peso da educação de inspiração branca, a história inteira do povo negro é apresentada como uma longa lamentação de sucessivas derrotas. Por mais estranho que pareça, agora todo mundo aceita que a história da África do Sul começa em 1652. Sem dúvida, essa noção só serve para sustentar a mentira reiterada de que os negros chegaram a este país quase na mesma época que os brancos. Desse modo, se quisermos nos ajudar no processo de conscientização, como negros temos de valorizar nossa história. Precisamos reescrevê-la e contar sobre os heróis que formaram o núcleo da resistência contra os invasores brancos. Há mais fatos a revelar e a enfatizar nas tentativas bem-sucedidas de construção nacional por parte de pessoas como Shaka, Moshoeshoe e Hintsa*.

Nossa cultura tem de ser definida em termos concretos. Devemos relacionar o passado com o presente e demonstrar uma evolução histórica do africano moderno. É preciso rejeitar as tentativas dos poderes estabelecidos de projetar uma imagem truncada de nossa cultura. Essa não é a totalidade de nossa cultura. Deliberadamente eles paralisaram nossa cultura no estágio tribal, para perpetuar o mito de que os africanos eram quase canibais, sem ambições autênticas na vida e preocupados apenas com sexo e bebida. Na verdade, o vício generalizado que muitas vezes se encontra nas cidades africanas segregadas é conseqüência da interferência do homem branco na evolução natural da verdadeira cultura nativa. "Onde quer que exista colonização, a cultura nativa começa a apodrecer, e no meio das ruínas vê-se o nascimento de algo que é

* Chefes tribais famosos dos zulus, basothos e xhosas, respectivamente.

condenado a existir dentro dos limites permitidos pela cultura européia." É através da evolução de nossa cultura genuína que nossa identidade poderá ser redescoberta na totalidade.

É necessário restituir ao povo negro a ênfase que dávamos aos relacionamentos humanos; salientar para eles que na era pré-Van Riebeeck tínhamos muita consideração pelas pessoas, por sua propriedade e pela vida em geral, a fim de minimizar o domínio da tecnologia sobre o homem e de reduzir o materialismo que lentamente penetra no caráter do africano.

"Haverá alguma maneira de meu povo usufruir dos benefícios da tecnologia sem ser devorado pelo materialismo e sem perder a dimensão espiritual de sua vida?", pergunta o Presidente Kaunda e, a seguir, falando de uma típica comunidade tribal africana, afirma:

> Essas pessoas que dependem da natureza e com ela vivem no mais íntimo relacionamento têm consciência da atuação dessas forças: o pulsar de suas vidas se harmoniza com o pulsar do Universo. Podem ser pessoas simples e iletradas e seus horizontes podem ser bastante estreitos, mas acredito que habitam um mundo mais amplo que o do ocidental sofisticado, que ampliou seus sentidos físicos por meio de artifícios inventados, muitas vezes pagando o preço de eliminar a dimensão do espiritual.

Os negros da África do Sul, a fim de dar os passos necessários na nova direção que estão concebendo, precisam considerar com muito cuidado como usar em seu favor o poder econômico que possuem. Na situação de hoje, o dinheiro proveniente do mundo negro tende a fluir apenas para a sociedade branca. Os negros compram nos supermercados dos brancos, nas quitandas dos brancos, nas lojas de bebidas e nas farmácias dos brancos e, por fim, os que podem usam bancos cujos proprietários são brancos. Nem é preciso dizer que eles vão para o trabalho nos trens de propriedade do governo ou em ônibus de propriedade de brancos. Dessa forma, se usarmos o pouco que temos para melhorar nossa sorte, o resultado só pode ser uma conscientização maior do poder que temos como grupo. A campanha "Compre dos Negros", promovida por alguns indivíduos na área de Johannesburgo, não deve ser ridicularizada.

Dizem muitas vezes que os adeptos da Consciência Negra estão se encerrando num mundo fechado, preferindo chorar um no ombro do outro e, assim, eliminando qualquer diálogo útil com o resto do mundo. Entretanto, sinto que os povos negros do mundo, ao rejeitarem o legado do colonialismo e da dominação branca e ao construírem em torno de si mesmos seus próprios valores, os próprios padrões e perspectivas de vida, finalmente estabeleceram uma base sólida de cooperação mútua significativa na batalha mais ampla do Terceiro Mundo contra as nações ricas. Cabe aqui citar as palavras de Fanon: "Adquirir autoconsciência não é fechar a porta à comunicação [...]. A consciência da nacionalidade, que não é nacionalismo, é o único fator que nos dará uma dimensão internacional". Esse é um sinal animador, pois está claro que a luta pelo poder entre negros e brancos na África do Sul não é mais que um microcosmo do confronto global entre o Terceiro Mundo e as ricas nações brancas do planeta, que com o passar dos anos se manifesta cada vez com maior intensidade.

Assim, nos dias de hoje não podemos deixar de receber com satisfação o desenvolvimento de uma perspectiva positiva no mundo negro. As feridas infligidas a ele e os insultos da opressão, acumulados através dos anos, inevitavelmente provocariam uma reação dos negros. Agora, quando pessoas como Barnett Potter afirmam com aparente satisfação e com um sentimento sádico de triunfo que o erro do negro se encontra em seus genes — enquanto o restante da sociedade branca responde "Amém" —, podemos ouvi-los sem nenhum tipo de raiva revanchista. Temos força de vontade suficiente para atravessar esse tempo de provação. Através dos anos, obtivemos grande superioridade moral sobre o homem branco; vamos olhar enquanto o tempo destrói seus castelos de cartas e saberemos, então, que todas essas brincadeiras não passavam de tentativas desesperadas de pessoas medíocres e assustadas que queriam se convencer de sua capacidade de controlar indefinidamente a mente e o corpo dos nativos africanos.

8. O medo: um fator decisivo na política sul-africana

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

No julgamento da BPC/SASO, o juiz Boshoff fez a seguinte afirmação: "[...] Biko, sob o pseudônimo de 'Frank Talk', escreveu um artigo com o título 'O medo: um importante fator na política sul-africana', em que de fato condenou a sociedade branca [...]. A reivindicação dos brancos pelo monopólio do conforto e da segurança havia sido sempre tão exclusiva que os negros viam nos brancos o maior obstáculo em sua caminhada em direção à paz, à prosperidade e a uma sociedade sadia".

Esse comentário foi feito no final de 1976, enquanto Steve escreveu o artigo em questão em 1971. Naquela ocasião, a teoria da Consciência Negra ainda estava sendo desenvolvida por meio de discussões e escritos. Neste artigo Steve tentava provar que, desde que o branco chegou como colonizador na África Austral, ele criou e depois preservou para si uma posição especial, privilegiada. Essa posição foi criada e conservada pela violência e pelo medo, mas o uso desses métodos eram em si mesmo conseqüência do medo que o branco tinha da população negra.

Escrevo o que eu quero

O medo: um fator decisivo na política sul-africana

Na África do Sul, parece que buscar uma lógica nas atitudes do governo branco é pura perda de tempo. Mesmo que não hou-

vesse nenhum outro exemplo, a usurpação constante da liberdade das pessoas negras por si só já denota um total desprezo por esse setor da comunidade.

Sempre parti do princípio de que as pessoas negras em nenhum momento deveriam se surpreender com as atrocidades do governo. A meu ver, elas são uma conseqüência lógica da condição de minoria colonizadora que os brancos ocupam, tendo, assim, o direito de ser os senhores supremos. Se eles puderam ser cruéis o bastante para intimidar os nativos pela força bruta e se instalar como governantes perpétuos numa terra estrangeira, então qualquer outra atitude que tenham contra esse mesmo povo negro se torna lógica em relação à crueldade inicial. Esperar justiça por parte deles, em qualquer momento, é muita ingenuidade. É quase um dever para com eles próprios e para com seu "eleitorado" mostrar que ainda dominam os negros. Só há um modo de mostrar essa dominação: quebrando sem piedade a espinha dorsal da resistência do povo negro, por mais insignificante que ela seja.

Basta olhar para a enorme força de segurança que a África do Sul possui. As pessoas que nela trabalham sempre têm de relatar a seus senhores algo que justifique seus empregos. Não basta dizer: "Estive em Pondoland, e os nativos se comportam bem. Estão calmos e parecem satisfeitos". Não é o suficiente, pois os malfeitores têm consciência da crueldade de seu sistema e, portanto, não esperam que os nativos estejam satisfeitos. Dessa forma, os rapazes da segurança são enviados de volta a Pondoland, para descobrir quem é o porta-voz que declara que as pessoas estão satisfeitas e para surrá-lo até fazê-lo admitir que está insatisfeito. Nesse momento, ele é banido ou encaminhado a julgamento por ter violado alguma lei. Em alguns processos o Estado constrói sua acusação em evidências tão infantis que tenho a impressão de que ele é capaz, até mesmo, de prender um grupo de meninos brincando de esconde-esconde e acusá-lo de alta traição.

É nesse contexto que devemos encarar os inúmeros julgamentos políticos neste país. É como se o Estado achasse que algo estava perigosamente errado, caso no período de um ano não fosse realizado nenhum julgamento político importante. Parece que alguém seria acusado por seu superior por não realizar o seu trabalho. O mais estranho é que as pessoas são presas por quase nada, para serem julgadas por violação das leis mais odiosas, como por exemplo o Decreto sobre Terrorismo.

É também nesse contexto que precisamos avaliar a recente pena de banimento e prisão domiciliar imposta ao Sr. Mewa Ramgobin. Nenhum tipo de argumento, da parte de quem quer que seja, me convencerá de que Ramgobin tinha preparado algo sinistro. Para todos os que o conheciam, Mewa era a última pessoa que poderia significar uma séria ameaça a alguém — muito menos para um Estado poderoso com um exército de cerca de 10 mil homens, entre forças de segurança e informantes. Mas, como foi dito, a lógica é uma palavra que essa gente não conhece.

Aimé Césaire disse uma vez: "Quando ligo meu rádio, quando ouço que os negros foram linchados nos Estados Unidos, digo que mentiram para nós: Hitler não morreu. Quando ligo meu rádio e ouço que na África o trabalho forçado foi instituído e regulamentado por leis, digo que certamente mentiram para nós: Hitler não morreu".

Para que o quadro esteja completo, talvez devamos acrescentar apenas o seguinte: "Quando ligo meu rádio, quando ouço que alguém foi espancado e torturado na floresta de Pondoland, digo que mentiram para nós: Hitler não morreu. Quando ligo meu rádio, quando ouço que alguém na cadeia escorregou num pedaço de sabão, caiu e morreu, digo que mentiram para nós: Hitler não morreu, e é provável que se encontre em Pretória".

Procurar casos de crueldade dirigida contra os que caíram em desgraça com a Polícia de Segurança talvez seja procurar longe demais. Não é preciso tentar provar que os negros na África do Sul têm de lutar para sobreviver. Isso se revela por si mesmo em muitos outros aspectos de nossas vidas. Só a existência numa cidade segregada já torna um milagre alguém atingir a idade adulta. Vemos aí uma situação de carência absoluta, na qual um negro mata outro para sobreviver. É esse o fundamento do vandalismo, do assassinato, estupro e pilhagem que continuam a ocorrer, enquanto a verdadeira causa do mal — a sociedade branca — toma sol em praias exclusivas ou relaxa em seus lares burgueses.

Enquanto alguns negros que se dão ao trabalho de abrir a boca, num fraco protesto contra o que está ocorrendo, são periodicamente intimidados com visitas da Polícia de Segurança e eventuais ordens de banimento e prisões domiciliares, o restante da comunidade negra vive mergulhado num medo total da polícia. Em nenhum momento um negro comum pode ter certeza absoluta de que não está infringindo uma lei. Há tantas leis que governam a vida e o comportamento dos negros que às vezes sentimos que basta

o policial folhear ao acaso o código, para que encontre uma lei na qual pode enquadrar uma vítima.

A filosofia por trás da ação da polícia neste país parece ser: "Atormentá-los! Atormentá-los!" E precisamos acrescentar que essas palavras são interpretadas de um modo bem extravagante. Assim, até mesmo jovens policiais de trânsito, pessoas em geral conhecidas por seus bons modos, de vez em quando acham correto dar tapas em negros adultos. Algumas vezes parece óbvio, aqui, que o grande plano é manter os negros completamente intimidados e perpetuar a imagem da "super-raça" do branco, se não em termos intelectuais, ao menos quanto à força. Os brancos, agindo por intermédio de sua vanguarda — a Polícia Sul-Africana —, chegaram a perceber a verdade da famosa regra: "Se não consegue fazer com que alguém o respeite, faça com que tenha medo de você".

Sem dúvida os negros não podem respeitar os brancos, ao menos não neste país. Em tudo o que é feito em nome do branco há uma aura tão evidente de imoralidade e crueldade nua que nenhum negro, por mais intimidado que seja, jamais poderá ser obrigado a respeitar a sociedade branca. No entanto, apesar de seu evidente desprezo pelos valores cultivados pelos brancos e apesar do preço que é pago pelo conforto e pela segurança dos brancos, acredito que os negros foram intimidados com sucesso pelo tipo de brutalidade que emana desse setor da comunidade.

É esse medo que corrói a alma do povo negro da África do Sul — um medo alimentado deliberadamente pelo sistema, por meio de uma multidão de funcionários do governo, sejam eles empregados do correio, policiais, funcionários do Departamento de Investigações Criminais, soldados uniformizados, membros da Polícia de Segurança, ou até um eventual fazendeiro ou comerciante branco que gosta de atirar. É um medo tão determinante nas atitudes dos negros que os impede de se comportarem como gente — quanto mais como gente livre. O medo transparece claramente em sua postura, desde a atitude de um empregado para com seu patrão até a atitude de um negro que está sendo atendido por um branco numa loja. Como essas pessoas podem estar preparadas para resistir a uma opressão global exercida contra elas, se nas situações individuais não conseguem fazer com que sua condição de seres humanos seja respeitada? Essa é uma pergunta que muitas vezes ocorre a visitantes de outros continentes, sensíveis o bastante para perceberem que nem tudo vai bem na terra do sol e do leite.

Entretanto, esse é um tipo perigoso de medo, porque é apenas superficial. Ele esconde uma raiva imensa que muitas vezes ameaça irromper. E, debaixo dessa raiva, acha-se um ódio claro contra um grupo que não merece absolutamente nenhum respeito. Ao contrário das antigas colônias francesas ou espanholas, onde as oportunidades de assimilação não impediram que os negros aspirassem a ser brancos, na África do Sul a brancura sempre foi associada à brutalidade e à intimidação da polícia, às batidas policiais na madrugada à procura de transgressões à lei do passe, a uma intimidação geral dentro e fora das cidades segregadas — motivos suficientes para que nenhum negro aspire realmente a ser branco. A reivindicação dos brancos pelo monopólio do conforto e da segurança foi sempre tão exclusiva que os negros vêem nos brancos o maior obstáculo em sua caminhada em direção à paz, à prosperidade e a uma sociedade sadia. A associação da brancura com todos esses aspectos negativos faz com que tenha sido tão maculada que é impossível reconhecê-la. Na melhor das hipóteses, os negros a vêem como um fator que justifica o desprezo deles, o ódio, a vontade de vê-la destruída e substituída por uma aspiração que tenha um maior conteúdo humano. Na pior das hipóteses, eles invejam a sociedade branca pelo conforto que ela usurpou, e no centro dessa inveja se encontra o desejo — ou melhor, a determinação secreta — presente no mais profundo da mente da maioria dos negros que pensam assim — de chutar os brancos para fora daquelas confortáveis cadeiras de jardim (que podem ser vistas quando se passa de ônibus, fora das cidades) e reivindicá-las para si mesmos. Dia a dia, mais nos convencemos de que Aimé Césaire não podia estar certo quando disse: "Nenhuma raça possui o monopólio da verdade, da inteligência e da força, e há lugar para todos nós no ponto de encontro da vitória".

Talvez algumas pessoas se surpreendam por eu falar dos brancos em geral, quando na verdade apenas um setor específico — isto é, o governo — põe em prática essa vendeta injustificada contra os negros.

Há brancos que vão negar que tenham qualquer responsabilidade pelo tratamento desumano dispensado aos negros pelo país. Essas são as pessoas governadas pela lógica durante quatro anos e meio, mas pelo medo na época da eleição. O Partido Nacionalista talvez tenha muito mais votos de ingleses que imaginamos. Todos os brancos, coletivamente, reconhecem nele um forte baluarte contra o exagerado *swart gevaar**. Não devemos subestimar o

* *Swart gevaar*: em africâner, "perigo negro".

medo profundo que a sociedade branca nutre em relação ao negro. Os brancos sabem — até demais — exatamente o que eles vêm fazendo contra o negro, e logicamente encontram motivos para que ele esteja zangado. Entretanto, a insegurança deles não é maior que sua ambição desmedida pelo poder e pela riqueza, e por isso se preparam para reagir contra essa raiva em vez de dissipá-la por meio da abertura e do jogo limpo. Esta interação entre o medo e a reação estabelece assim um círculo vicioso, que itensifica tanto o medo quanto a reação. É isso o que torna totalmente impossível uma coalizão significativa entre negros e brancos. É isso também o que faz os brancos agirem como grupo e, por isso, se tornarem culpados como grupo.

De qualquer modo, mesmo que entre os brancos houvesse diferenças fundamentais quanto ao modo de ver os negros, apenas o fato de os brancos descontentes continuarem a desfrutar dos benefícios do sistema já bastaria por si só para condená-los no tribunal de Nuremberg. Ouçamos o que Karl Jaspers escreveu sobre o conceito de culpa metafísica:

> Existe entre os homens, porque são homens, uma solidariedade pela qual cada um tem uma parcela de responsabilidade por toda a injustiça e por todo o mal cometido no mundo, e em especial pelos crimes cometidos na sua presença ou os que ele não pode ignorar. Se eu não fizer o possível para impedi-los, então serei cúmplice deles. Se eu não arrisquei a vida para impedir o assassinato de outros homens, se eu permaneci em silêncio, irei me sentir culpado, num sentido que não pode ser entendido de modo adequado nem juridicamente, nem politicamente nem moralmente [...] O fato de eu ainda estar vivo depois de esses atos serem praticados pesa em mim como uma culpa que não pode ser expiada.
>
> Em algum lugar, no centro das relações humanas, um mandamento absoluto se impõe: no caso de um ataque criminoso ou de condições de vida que ameacem o bem-estar físico, aceite a vida para todos juntos ou para ninguém.

Assim, se os brancos em geral não gostam do que acontece com os negros, eles têm nas mãos o poder para fazer com que isso pare imediatamente. Nós, por outro lado, temos todas as razões para juntá-los e culpá-los em conjunto.

Não há dúvida de que os negros também são culpados por permitirem que essa situação exista. Ou, para irmos mais a fundo na questão, podemos salientar que há policiais negros e agentes do Serviço Especial que são negros. Referindo-me primeiro ao último ponto, preciso declarar categoricamente que não existe e nem pode existir um policial negro. Qualquer negro que apóie ativamente o sistema perdeu o direito de ser considerado parte do mundo negro: vendeu sua alma por trinta moedas de prata e, então, descobre que na verdade não é aceito por essa sociedade branca à qual queria se juntar. Esses são lacaios incolores dos brancos, que vivem num mundo marginal de infelicidade. São uma extensão do inimigo em nossas fileiras. Por outro lado, o resto do mundo negro continua reprimido exclusivamente devido à sua impotência.

A impotência gera uma raça de mendigos que sorriem para o inimigo e, por outro lado, o xingam na inviolabilidade de seus banheiros; que gritam "Baas" voluntariamente durante o dia e nos ônibus, ao voltarem para casa, chamam o branco de cachorro. Mais uma vez, o conceito de medo está no âmago desse comportamento ambivalente dos negros subjugados.

Esse conceito de medo agora adquiriu uma dimensão diferente. Muitas vezes ouvimos alguém dizer sobre uma prisão ou um banimento: "Onde há fumaça, há fogo"; ou se a pessoa costuma dizer o que pensa: "Não me surpreende. Ele estava pedindo por isso". Num certo sentido, isso é quase divinizar a Polícia de Segurança; eles não podem errar; se foram capazes de desbaratar a conspiração de Rivônia*, o que poderá fazer com que tenham medo de alguém a ponto de bani-lo, a menos que haja alguma coisa — algo que não sabemos? Esse tipo de lógica, que pode ser encontrada em graus variados entre os africânderes, os ingleses e as comunidades negras, é perigosa porque não enfoca a questão central e reforça uma ação irracional por parte da Polícia de Segurança.

A verdade nisso tudo é que o governo e suas forças de segurança também são governados pelo medo, apesar de seu imenso poder. Do mesmo modo que qualquer indivíduo que vive morto de medo, ocasionalmente eles recorrem a ações irracionais na esperança de que uma demonstração de força, mais que o uso adequado da inteligência, possa amedrontar satisfatoriamente os que resistem a eles. Essa é a base das operações de segurança na África

* Conspiração de Rivônia: caso famoso, pelo qual Nelson Mandela foi condenado. (N. T.)

do Sul, na maioria das ocasiões. Se eles sabem que há uns três missionários que são perigosos para seus interesses, mas cuja identidade é desconhecida, preferem deportar uns oitenta missionários e esperar que os três estejam entre eles, em vez de usar o cérebro e descobrir quem são esses três. Essa foi também a base para a prisão de umas 5 mil pessoas durante os chamados reides "Poqo*", em 1963. E, é claro, as leis que asseguram o poder da Polícia de Segurança são tão vagas e amplas que permitem todos esses absurdos. Portanto, conclui-se que o sistema sul-africano de segurança é orientado para a força, em vez de para a inteligência. Podemos acrescentar ainda que, neste país, esse tipo de mentalidade se estende desde a segurança nacional até o estilo de rúgbi que os brancos adotam. Tornou-se o seu estilo de vida.

Assim, ninguém se surpreenderá se for muito difícil aceitar que "há lugar para todos nós no ponto de encontro da vitória". O sistema tripartite de medo — em que os brancos temem os negros, os negros temem os brancos e o governo tem medo dos negros e procura diminuir o temor dos brancos — torna difícil um entendimento entre os dois segmentos da comunidade. O fato de viverem separados acrescenta ao problema uma dimensão diferente e talvez mais séria: faz com que as aspirações dos dois grupos sejam diametralmente opostas. A estratégia que os brancos vêm usando até agora é quebrar a resistência dos negros de maneira sistemática, até eles aceitarem as migalhas da mesa dos brancos. Mas nós já mostramos que rejeitamos, sem sombra de dúvida, essa estratégia e, assim, o palco agora se acha pronto para um interessante desenrolar dos acontecimentos.

FRANK TALK

* Poqo: organização ilegal, ala militante do banido Congresso Pan-Africanista. (N. T.)

9. Vamos falar sobre os bantustões

O conceito de "bantustões", ou "pátrias" africanas independentes/autônomas, é a pedra fundamental da política do governo nacionalista para os "nativos". O governo se baseia na teoria de que a África do Sul é formada por muitos grupos étnicos e que a coexistência pacífica só pode ser alcançada dando a cada grupo a possibilidade de se desenvolver a seu modo, em sua própria área. Introduzida na prática no início dos anos 60, essa política tentou voltar atrás no tempo e "repatriar", devolvendo a suas alegadas "pátrias" povos em grande parte já destribalizados. Depois de um quarto de século, o custo em termos de sofrimento humano é incomensurável, principalmente para as pessoas "rejeitadas", arrancadas de comunidades já estabelecidas, com uma economia de subsistência, e removidas para áreas empobrecidas totalmente incapazes de sustentá-las. Não é nenhum exagero dizer que essa política é uma forma de genocídio lento.

Além do mais, o fato de alguns dos "bantustões" terem recebido a "independência" (em 1987, Transkei, Bophuthatswana, Venda, Ciskei e, mais recentemente, KwaNdebele, através de imposição contra a vontade manifesta de seu povo) significa o sucesso (pelo menos temporário) do verdadeiro modo de pensar que está por trás dessa política: a idéia do velho Império Romano de "dividir para conquistar". De um modo bastante cruel, quanto mais bem-sucedido o bantustão (e Kwazulu, sob o Chefe Buthelezi, é um exemplo de sucesso, deste ponto de vista), tanto mais ameaça e fragmenta a unidade dos negros e a sua resistência (veja o Capítulo 3).

Na década de 1970, a única resistência articulada e coerente a essa política veio do movimento de Consciência Negra — daí, por exemplo, o grande número de prisões de líderes da BPC no segundo semestre de 1976, para prevenir o protesto em massa que a organização estava planejando contra a inauguração de Transkei como um "país independente". Hoje essa resistência está muito mais generalizada e eficaz, reunida na organização que lhe serve de abrigo, a Frente Unida Democrática, mas é exercida nas diferentes formas que lhe são próprias pelos sindicatos negros e pelos jovens. Apesar disso, ainda continuam as remoções forçadas de comunidades, muito embora o governo insista em declarar o contrário; e o fim das desgraças provocadas por essa política só virá quando o próprio apartheid for derrubado.

Este capítulo deve ser lido juntamente com o Capítulo 12.

Escrevo o que eu quero

Vamos falar sobre os bantustões

Já se completaram agora quase dez anos desde que a idéia do bantustão foi introduzida na prática pelo governo nacionalista, como uma medida duradoura para a solução do "problema dos nativos". Sem dúvida a idéia de uma segregação territorial na África do Sul é antiga. Foi em 1913 que Sauer, um membro supostamente liberal do Ministério do Governo daquela época, sugeriu pela primeira vez que partes do país fossem reservadas para atender às aspirações da população nativa. Nos muitos anos que se seguiram, o percentual reservado para os nativos sofreu grandes variações, até que em 1936 estabeleceu-se a parcela atual de treze por cento.

Os nacionalistas, sob a "competente" orientação de seu teórico Verwoerd, converteram a política patente de discriminação e segregação desumanas na política do eufemístico "desenvolvimento em separado", que "garantia" o eventual crescimento até atingir a soberania completa de oito bantustões ou pátrias, que seriam Estados autônomos para servir às várias "nações" que compõem a população nativa da África do Sul.

A princípio, a idéia do desenvolvimento em separado foi inteiramente rejeitada por toda a população, inclusive por elementos do grupo africânder. Foi desaprovada pelos liberais, pelos progressistas, pelo Partido Unido, e, naturalmente, também pelos negros. Foi naturalmente considerada pelos negros como uma grande fraude, feita de propósito para diminuir o entusiasmo com que tinham começado a entrar na luta política mais ampla por seus direitos no país em que tinham nascido. Aqueles que participaram dessa idéia foram condenados por todos como traidores e capachos dos brancos, e ninguém os levou a sério. Ficou claro que haviam deliberadamente entrado num conluio maldoso com o inimigo.

Nas fileiras dos brancos a idéia também foi muito criticada e considerada extremamente imoral. No entanto, quando os elementos *verligte** do setor africânder começaram a mostrar interesse por essa ideologia, muita gente resolveu prestar mais atenção em seu significado. Tal atitude foi incentivada especialmente pelo ataque dos *verligte* contra o que chamavam de "apartheid mesquinho". Como repercussão típica da política oposicionista neste país, esses *verligte* receberam grande apoio da imprensa inglesa apenas devido à sua pequena diferença em relação à linha nacionalista ferrenha. Durante o processo, muitos encontraram mérito no ponto de vista *verligte* de desenvolvimento separado, basicamente porque diversos jornais haviam mudado sua política numa tentativa de apaziguar o movimento *verligte*.

Com tal contexto em mente, tornou-se necessário que nós, negros, reapresentássemos em termos muito fortes os argumentos contrários à idéia dos bantustões. Existem dois pontos de vista em relação aos bantustões. O primeiro é o da total aceitação, na esperança de que qualquer exigência feita pelos negros por meio de uma negociação pacífica irá levar o sistema da estrutura de poder branco a fazer maiores concessões. O segundo é o de que, enquanto estratégia, a filosofia dos bantustões pode ser aproveitada para a obtenção de nossos objetivos globais. Ambos os pontos de vista são perigosamente limitados. O primeiro exige pouca atenção, pois é evidente que se trata de uma traição e só pode ser aceito por pessoas que já venderam sua alma ao branco. O segundo gera muita confusão, parte da qual é, na verdade, uma aceitação inconsciente da idéia do bantustão em si pelas massas, que não conseguem perceber as nuanças do debate em torno dessa chamada estratégia.

Por que somos contra a idéia do bantustão? Os negros rejeitam tal abordagem por muitas razões, mas nenhuma é tão importante quanto o fato de que ela não passa de uma solução apresentada pelas mesmas pessoas que criaram o problema. Numa terra que por direito é nossa, encontramos pessoas que vêm nos dizer onde

* *Verligte*: liberal; em oposição a *verkrampte*: conservador.

ficar e que poderes vamos ter, sem sequer nos consultar. Fazem com que a idéia toda pareça ser a nosso favor, enquanto trabalham contra nossa existência; o exame superficial de alguns aspectos dessa política mostra isso muito claramente.

Geograficamente, ou seja, quanto à distribuição das terras, os bantustões representam uma fraude gigantesca que não pode receber apoio moral de ninguém. Vemos que 20 por cento da população detém o controle de 87 por cento da terra, enquanto 80 por cento "controlam" apenas 13 por cento. Para tornar essa situação ainda mais ridícula, nem uma única das chamadas "nações bantustãs" possui um território contínuo. Todas elas são formadas por pedacinhos dispersos da terra mais improdutiva. Em cada área, as regiões mais produtivas são ilhas controladas por brancos, nas quais se situam fazendas ou outros tipos de indústria de brancos.

Quanto ao aspecto econômico, os negros receberam um tratamento injusto. De modo geral, as áreas onde se localizam os bantustões são as menos desenvolvidas do país, muitas vezes inteiramente impróprias, seja para a agricultura, seja para a criação de gado. Nenhum bantustão tem acesso ao mar*, e em todos o direito sobre os minérios é estritamente reservado ao governo da África do Sul. Em outras palavras, os direitos dos bantustões se limitam à profundidade de 6 pés abaixo da superfície da terra**.

Soma-se a essas observações o fato de que os orçamentos operacionais concedidos aos bantustões para projetos de desenvolvimento são mantidos num nível muito baixo. Em todos os bantustões o controle da indústria e de seu crescimento está encerrado nas mãos da cooperativa de investimentos bantu a qual, embora criada sem fins lucrativos, é famosa pela exploração dos africanos que desejam tornar-se comerciantes e industriais em todos os bantustões. Essas chamadas indústrias da fronteira, que estão começando a surgir nos limites dos bantustões, são orientadas para a exploração da força de trabalho dentro dos bantustões. A maioria é subsidiada pelo governo e seus produtos são isentos de impostos. Apesar dessas vantagens, sempre pagam salários baixos que correspondem a cerca de um terço do que normalmente pagariam nas áreas urbanas. Além disso, é importante notar que essas indústrias localizadas em regiões de fronteira muitas vezes estão fora dos limites

* Isto é, a um grande porto.
** Este assunto foi e continua a ser objeto de negociações entre o governo da África do Sul e o dos bantustões e poderá sofrer alterações segundo entendimentos

geográficos dentro dos quais a maioria dos acordos de Conselhos Industriais operam; e uma vez que os operários negros não possuem sindicatos para defender seus direitos, eles ficam virtualmente à mercê de empregadores que não têm nenhuma obrigação de lhes pagar salários de acordo com os índices vigentes nas outras partes do país.

Do ponto de vista político, os bantustões são a maior fraude jamais inventada por políticos brancos (com a possível exceção da nova política federal do Partido Unido). As mesmas pessoas que são culpadas pela sujeição e pela opressão dos negros querem que acreditemos que agora podem conceber meios para os negros saírem dessa situação. A verdade é que as intenções de tal política são outras. Os motivos reais da implantação dos bantustões são os seguintes:

1. Criar um falso sentimento de esperança entre os negros, de modo a desencorajar qualquer outra tentativa de eles definirem suas aspirações de maneira coletiva;
2. Oferecer uma direção nova, mas falsa, para a luta do povo negro. Dificultando a obtenção até mesmo dos 13 por cento da terra, os poderes estabelecidos dividem nossas "lutas" em oito lutas diferentes por oito liberdades falsas há muito tempo estipuladas. Como conseqüência, esperam que esqueçam os 87 por cento da terra que estão nas mãos dos brancos;
3. Enganar o mundo exterior, levando as pessoas a acreditarem que existe alguma validade na teoria de múltiplas nações, de modo que a África do Sul pode agora voltar ao esporte, ao comércio, à política internacionais com a consciência tranqüila;
4. Incentivar ao máximo a competição e a hostilidade entre as tribos, o que certamente ocorrerá, de tal modo que a força e a resistência coletivas do povo negro possam ser fragmentadas.

Assim, a questão que surge imediatamente é saber se os líderes dos bantustões não percebem a improdutividade e a fraude implícitas nesse projeto. Temos alguns homens nesses bantustões que seriam excelentes líderes, se não tivessem decidido colocar seu destino na mão dos opressores. Alguns deles argumentam que não estão desistindo, mas continuando com a luta a partir de den-

tro. Não há nenhum modo de se atestar a veracidade dessas pretensões. Talvez não seja sequer necessário comprová-la, em especial porque, não importa como se encare a questão, a verdade é que a participação no estabelecimento dos bantustões engana a população negra de maneira bastante perigosa. Concentremo-nos aqui nos méritos e nos deméritos de se usar o próprio sistema para lutarmos contra ele e deixemos de lado esses líderes dos bantustões que acreditam sinceramente na política do apartheid. Afinal, como disse certa vez um escritor, não existe nenhuma maneira de evitar que imbecis se dediquem a causas inúteis.

Hoje, na África do Sul, a participação de alguns elementos na política dos bantustões levou parte do povo negro e também observadores políticos do mundo inteiro a reconsiderarem os bantustões, acreditando que algo pode ser obtido por meio de uma utilização sistemática da alternativa dos bantustões. Segundo o argumento deles, todas as outras formas de protesto, de discordância e oposição estão proibidas para os negros, e então podemos desmascarar o blefe do governo aceitando o que é oferecido, para conseguirmos nossos objetivos. O que a maioria das pessoas não enxerga é que o inimigo sabe muito bem o que nós queremos e que a teoria dos bantustões foi concebida exatamente para impedir que obtenhamos aquilo que queremos. Os autores do sistema são aqueles que melhor o conhecem e eles nos dão qualquer concessão que possamos exigir, de acordo com um plano preestabelecido por eles. Quando criaram essas plataformas fantoche, esses telefones de mentira, eles sabiam que alguns oportunistas poderiam querer usá-los para promover a causa dos negros e, por isso, fizeram todos os arranjos necessários para conseguir controlar esses "nativos ambiciosos".

Matanzima e Buthelezi* podem gritar até arrebentar os pulmões, tentando falar com Pretória por esse telefone de mentira. Ninguém está ouvindo em Pretória, porque o telefone é um brinquedo. As verdadeiras linhas diretas entre Pretória e a Zululândia, entre Pretória e o Transkei estão muito ocupadas dia e noite, com Torlage e Abrahams** contando para o sistema deles todos os passos que Matanzima e Buthelezi provavelmente darão daqui a três meses e qual a melhor maneira de o sistema responder a tais passos.

* Kaiser Matanzima, líder do Transkei, e Gatsha Buthelezi, de Zululândia.
** Na época, os "comissários" do Kwazulu e do Transkei, respectivamente.

O mais doloroso é que Matanzima e Buthelezi, talvez mais que qualquer um, têm uma percepção clara das limitações que os cercam. Pode até ser verdade que eles sejam extremamente dedicados ao progresso do povo negro e talvez à sua libertação. Com bastante freqüência manifestam um espírito de luta característico de uma coragem e uma determinação verdadeiras. Mas, se alguém quer lutar contra o inimigo, entre os dois revólveres oferecidos por ele não aceitará o que está descarregado, para depois desafiá-lo a um duelo.

Os líderes dos bantustões inconscientemente estão ajudando e sendo cúmplices na total sujeição do povo negro deste país. Dando a impressão, como estão fazendo agora, de que estão agindo, eles estão confundindo os negros a tal ponto que acreditam que alguma coisa importante está para acontecer. Como conseqüência, os negros estão sentados nas laterais do campo, aplaudindo entusiasmados enquanto Matanzima e Mangope* jogam. A situação está confusa também devido ao modo com que a imprensa dos brancos exagera as possibilidades abertas a esses líderes. Sem dúvida essa mesma imprensa sabe muito bem que é vantajoso para os brancos desviar a atenção dos negros. A imprensa dos brancos conhece muito bem as limitações da teoria dos bantustões; que está longe de ser aquilo que os negros querem, mas continua a exaltar a imagem de Matanzima e de Buthelezi a fim de atrelá-los ao caminho que já escolheram e de fazer com que as massas acríticas acreditem que uma grande vitória está prestes a ser conquistada. Além disso, ao divulgar amplamente os pronunciamentos dos líderes dos bantustões e atribuindo conotações bastante liberais a esses pronunciamentos, a imprensa dos brancos confundiu o mundo exterior, levando-o a pensar que na África do Sul não apenas existe liberdade de expressão, como os líderes dos bantustões estão conspirando ativamente para derrubar o governo branco, sem que o governo faça nada.

Assim, para a África do Sul branca é extremamente importante ter alguém como Buthelezi falando e dando a impressão que tem dado. Isso resolve muitos problemas de consciência que a África do Sul tem há tanto tempo. Afirma-se por aí que Buthelezi e a imprensa dos brancos são os melhores embaixadores que a África do Sul já teve.

* Lucas Mangope, de Bophuthatswana.

Para mim, como uma pessoa negra, é muito doloroso ver um homem que poderia facilmente ter sido meu líder tratado tão mal pelo mundo branco cruel e explorador. Torna-se evidente que tudo o que fizermos dentro do contexto dos bantustões provavelmente será explorado pelo mundo branco para o seu auto-engrandecimento. Quando um negro concorda com o governo, é um nativo exemplar, que valoriza a condição de ser guiado pelos brancos. Quando usa as plataformas dos bantustões para atacar aquilo de que não gosta, representa o tipo de líder militante negro que, na África do Sul, pode falar livremente e se opor ao sistema. Absolve o país da acusação de ser um Estado policial. Os escritórios de informações da África do Sul em todo o mundo têm longos relatórios sobre as atividades e os pronunciamentos dos líderes dos bantustões, para enfatizar o grau de imparcialidade e eqüidade que se encontra neste país.

Não, o negro tem de aprender a recusar o papel de fantoche num jogo de brancos. Esse tipo de política exige que tomemos nossas próprias iniciativas e que saibamos agir de acordo com o nosso próprio ritmo, e não segundo o ritmo criado para nós pelo sistema. Nenhum líder de bantustão pode me dizer que está agindo por sua própria iniciativa ao seguir a política dos bantustões. Neste estágio de nossa história, não podemos permitir que nossa luta seja tribalizada através da criação de políticos zulus, xhosas e tswanas pelo sistema.

Esses casulos tribais chamados "pátrias" não são nada mais que campos de concentração sofisticados, onde as pessoas negras têm permissão para "sofrer pacificamente". As pessoas negras precisam pressionar constantemente os líderes dos bantustões, para que saiam do impasse político criado pelo sistema.

Acima de tudo, nós, negros, deveríamos ter sempre em mente que a África do Sul é a nossa terra e que ela nos pertence integralmente. É preciso destruir a arrogância que faz com que os brancos venham de longe, da Holanda até aqui, para transformar nosso país numa espécie de Bálcãs, deslocando-nos de um lugar para outro. Abusam de nossa bondade, e nossa hospitalidade é voltada contra nós. Os brancos, que ao chegarem a este país eram apenas nossas visitas, agora nos empurraram para um canto que equivale a treze por cento de nossas terras e agem como maus anfitriões no restante do país. Temos de corrigir esta situação.

Abaixo os bantustões!!!

FRANK TALK

10. A Consciência Negra e a busca de uma verdadeira humanidade

Historicamente, a "Teologia Negra" é um produto norte-americano, proveniente da situação dos negros nos Estados Unidos. No início dos anos 70, seu expoente mais representativo era o Dr. James H. Cone, professor de teologia no Seminário Teológico da União, em Nova York, e autor de Black Theology and Black Power (Teologia Negra e Poder Negro) *— (Seabury, 1969) e de* God of the oppressed (Deus dos oprimidos) *— (Seabury, 1975; SPCK, 1977).*

Em meados de 1970, o UCM nomeou Sabelo Stanley Ntwasa como secretário itinerante para o ano de 1971, com o encargo específico de incentivar a reflexão e a produção de textos sobre a Teologia Negra. O livro Black Theology: the South African voice (Teologia Negra: a voz da África do Sul)*, editado por Basil Moore (C. Hurst and Co., London, 1973), é o resultado dos esforços feitos naquele ano, e o trabalho que se segue, escrito por Steve, é talvez a contribuição mais eloqüente para o livro — na opinião de quem aqui escreve, o melhor escrito que ele produziu.*

A Consciência Negra e a busca de uma verdadeira humanidade

Talvez seja conveniente começar examinando por que é preciso pensarmos coletivamente sobre um problema que nunca cria-

mos. Ao fazer isso, não quero me ocupar desnecessariamente com as pessoas brancas da África do Sul, mas para conseguir as respostas certas precisamos fazer as perguntas certas; temos de descobrir o que deu errado — onde e quando; e precisamos verificar se nossa situação é uma criação deliberada de Deus ou uma invenção artificial da verdade por indivíduos ávidos pelo poder, cuja motivação é a autoridade, a segurança, a riqueza e o conforto. Em outras palavras, a abordagem da Consciência Negra seria irrelevante numa sociedade igualitária, sem distinção de cor e sem exploração. Ela é relevante aqui porque acreditamos que uma situação anômala é uma criação deliberada do homem.

Não há dúvida de que a questão da cor na política da África do Sul foi introduzida originalmente por razões econômicas. Os líderes da comunidade branca tinham de criar algum tipo de barreira entre os negros e os brancos, de modo que os brancos pudessem gozar de privilégios à custa dos negros e ainda se sentirem livres para dar uma justificativa moral para a evidente exploração, que incomodava até as mais empedernidas consciências dos brancos. No entanto, diz a tradição que, sempre que um grupo de pessoas experimenta os agradáveis frutos da riqueza, da segurança e do prestígio, começa a achar mais confortável acreditar numa mentira óbvia e aceitar como normal que só ele tenha direito ao privilégio. Para acreditar seriamente nisso, o grupo precisa se convencer da veracidade de todos os argumentos que sustentam essa mentira. Portanto, não é de estranhar que na África do Sul, depois de séculos de exploração, as pessoas brancas em geral tenham chegado a acreditar na inferioridade do negro, a tal ponto que, embora o problema racial tenha começado como conseqüência da ganância econômica demonstrada pelos brancos, agora transformou-se num problema sério em si mesmo. As pessoas brancas agora desprezam as pessoas negras, não porque precisam reforçar sua atitude e, assim, justificar sua posição privilegiada, mas porque de fato acreditam que o negro é inferior e mau. Esse é o fundamento sobre o qual os brancos atuam na África do Sul e é isso o que faz com que a sociedade sul-africana seja racista.

O racismo que encontramos não existe apenas numa base individual; ele também é institucionalizado, para que pareça ser o modo de vida sul-africano. Embora ultimamente tenha havido uma tentativa frágil de encobrir os elementos abertamente racistas no sistema, ainda é verdade que esse mesmo sistema é sustentado pela existência de atitudes antinegro na sociedade. Para dar uma vida

ainda mais longa à mentira, é necessário que se negue aos negros qualquer oportunidade de provar acidentalmente que são iguais aos brancos. Por essa razão, há reserva de emprego, falta de treinamento em tarefas especializadas e um círculo restrito de possibilidades profissionais para negros. Absurdamente, o sistema retruca afirmando que os negros são inferiores porque entre eles não há economistas, não há engenheiros etc., embora os negros tenham sido impossibilitados de adquirir esses conhecimentos.

Para dar autenticidade à sua mentira e demonstrar a retidão de suas pretensões, os brancos vêm desenvolvendo esquemas detalhados para "resolver" a questão racial neste país. Desse modo, foi criado um pseudo-Parlamento para os "mestiços", e vários "Estados bantus" estão em vias de ser estabelecidos. Estes são tão independentes e afortunados que não precisam gastar nem sequer um centavo em sua defesa, pois não têm nada a temer da parte da África do Sul branca, que sempre virá socorrê-los em caso de necessidade. É impossível não ver a arrogância dos brancos e seu desprezo pelos negros, mesmo em seus esquemas de dominação modernos e bem planejados.

A estrutura de poder branco vem obtendo sucesso total em conseguir unir os brancos em torno da defesa do *status quo*. Jogando de modo habilidoso com o espantalho imaginário — o *swart gevaar* —, conseguiu convencer até os liberais obstinados de que há algo a temer na idéia de o negro assumir seu lugar legítimo no leme do barco sul-africano. Assim, após anos de silêncio, podemos ouvir a voz familiar de Alan Paton dizendo, lá longe, em Londres: "Talvez valha a pena tentar-se o apartheid". "À custa de quem, Dr. Paton?", pergunta um inteligente jornalista negro. Por isso os brancos em geral se apóiam mutuamente — embora se permitam algumas desavenças moderadas — quanto aos detalhes dos esquemas de dominação. Não há dúvida de que não questionam a validade dos valores brancos. Não enxergam nenhuma anomalia no fato de estarem discutindo sozinhos sobre o futuro de 17 milhões de negros — numa terra que é o quintal natural do povo negro. Quaisquer propostas de mudança provenientes do mundo negro são encaradas com a maior indignação. Até mesmo a assim chamada oposição, o Partido Unido, tem a ousadia de dizer aos mestiços que eles estão querendo demais. Um jornalista de um jornal liberal como o *Sunday Times*, de Johannesburgo, descreve um estudante negro — que está apenas dizendo a verdade — como um jovem militante impaciente.

Não basta aos brancos estar na ofensiva. Acham-se de tal modo mergulhados no preconceito que não acreditam que os negros possam formular os próprios pensamentos sem a orientação e a tutela dos brancos. Assim, até mesmo os brancos que vêem muitos erros no sistema tomam para si a responsabilidade de controlar a reação dos negros à provocação. Ninguém está sugerindo que não é responsabilidade dos brancos liberais se opor a tudo o que há de errado. No entanto, parece coincidência demais que os liberais — poucos como são — não apenas estejam determinando o *modus operandi* dos negros que se opõem ao sistema, como também se achem em sua liderança, apesar de envolvidos com o sistema. Para nós, seu papel define a abrangência da estrutura do poder branco: embora os brancos sejam o nosso problema, são outros brancos que querem nos dizer como lidar com esse problema. Eles fazem isso procurando desviar nossa atenção de inúmeras maneiras. Dizem-nos que a situação é mais a de uma luta de classes que uma luta racial. Eles que procurem Van Tonder no Free State* e digam isso a ele. Nós acreditamos que sabemos qual é o problema e vamos continuar fiéis a nossas conclusões.

Quero aprofundar um pouco mais nessa discussão porque está na hora de acabar com essa falsa coalizão política entre negros e brancos enquanto estiver fundamentada numa análise errônea de nossa situação, é preciso lutar para acabar com ela. Quero acabar com ela por outra razão: porque, no momento, constitui o maior obstáculo à nossa união. Ela acena aos negros ávidos por liberdade com promessas de um grande futuro, para o qual ninguém nesses grupos parece trabalhar com muito afinco.

Os brancos liberais apontam o apartheid como o problema fundamental da África do Sul. Argumentam que, para lutarmos contra ele, é necessário que formemos grupos não raciais. Entre esses dois extremos, proclamam, encontra-se a terra do leite e do mel pela qual estamos trabalhando. Alguns grandes filósofos consideram a *tese*, a *antítese* e a *síntese* os pontos cardeais em torno dos quais gira qualquer revolução social. Para os *liberais*, a *tese* é o apartheid, a *antítese* é o não racismo, mas a *síntese* é muito mal definida. Querem dizer aos grupos que encontram na integração a solução ideal. A Consciência Negra, no entanto, define a situação de maneira diferente: a *tese* na verdade é um forte racismo por parte do branco e, portanto, sua *antítese* precisa ser, *ipso facto*, uma

* Estado livre de Orange, parte da África do Sul. (N. T.)

forte solidariedade entre negros, a quem esse racismo branco pretende espoliar. A partir dessas duas situações, então, podemos ter a esperança de chegar a algum tipo de equilíbrio — uma verdadeira humanidade, onde a política de poder não tenha lugar. Tal análise define a diferença entre a velha e a nova abordagem. O fracasso dos liberais se encontra no fato de que sua *antítese* já é uma versão diluída da verdade, cuja proximidade da tese vai anular o equilíbrio pretendido. Isso explica o malogro das comissões do Sprocas* que não conseguiram nenhum progresso, porque já estão procurando uma "alternativa" aceitável para os brancos. Todos os que integram as comissões sabem o que está certo, mas todos eles procuram o modo mais conveniente de se esquivar da responsabilidade de dizer o que está certo.

Enxergar essa diferença é bem mais importante para os negros que para os brancos. Precisamos aprender a aceitar que nenhum grupo, por melhores intenções que tenha, poderá um dia entregar o poder aos vencidos, numa bandeja. Precisamos aceitar que os limites dos tiranos são determinados pela resistência daqueles a quem oprimem. Enquanto nos dirigirmos ao branco** mendigando, com o chapéu na mão, nossa emancipação, estaremos lhe dando mais autorização para que continue com seu sistema racista e opressor. Precisamos nos conscientizar de que nossa situação resulta de um ato deliberado da parte dos brancos, e não de um engano, e que nem milhares de sermões morais podem persuadir o branco a "corrigir" esse estado de coisas. O sistema não concede nada a não ser que seja exigido, porque formula até seu método de ação com base no fato de que o ignorante aprenderá, a criança se transformará em adulto e, portanto, as exigências começarão a ser feitas. O sistema se prepara para resistir às reivindicações da maneira que lhe parecer adequada. Quando alguém se recusa a fazer essas exigências e prefere ir a uma mesa-redonda mendigando sua libertação, está atraindo o desprezo daqueles que têm poder sobre ele. Por esse motivo precisamos rejeitar as táticas de mendigos que estamos sendo forçados a usar por aqueles que querem aplacar nossos senhores cruéis. É aqui que a mensagem e o grito da SASO: "Negro, você está por conta própria!" se torna relevante.

* Projeto de Estudo sobre o Cristianismo em uma Sociedade de Apartheid. Criado em 1968 pelo Conselho das Igrejas da África do Sul e pelo Instituto Cristão.
** *Whitey*, no original. Vide nota Cap. 2 (pág. 43).

O conceito de integração, cujos méritos são muitas vezes elogiados nos círculos de brancos liberais, está cheio de suposições não questionadas que seguem os valores brancos. É um conceito que há muito tempo foi definido pelos brancos e que os negros nunca examinaram. Baseia-se na suposição de que o sistema caminha muito bem, exceto por um certo grau de má administração exercida por conservadores irracionais da cúpula. Até mesmo os que argumentam em favor da integração muitas vezes se esquecem de escondê-la sob sua pretensa capa de harmonia. Dizem uns aos outros que, não fosse pela reserva de empregos, haveria um excelente mercado a ser explorado. Esquecem que estão se referindo a seres humanos. Consideram os negros apenas alavancas adicionais para algumas máquinas industriais complicadas. É esta a integração do homem branco — uma integração baseada nos valores de exploração, em que o negro competirá com o negro, um utilizando o outro como a escada que o conduzirá aos valores brancos. É uma integração na qual o negro terá que provar a si mesmo em termos desses valores antes de merecer a aceitação e a assimilação final, e na qual os pobres se tornarão mais pobres, e os ricos mais ricos, num país em que os pobres sempre foram negros. Não queremos ser lembrados de que somos nós, o povo nativo, que somos pobres e explorados na terra em que nascemos. Estes são conceitos que a abordagem da Consciência Negra quer arrancar da mente dos negros, antes que nossa sociedade seja conduzida ao caos por pessoas irresponsáveis provenientes do contexto cultural da Coca-Cola e do hambúrguer.

A Consciência Negra é uma atitude da mente e um modo de vida, o chamado mais positivo que num longo espaço de tempo vimos brotar do mundo negro. Sua essência é a conscientização por parte do negro da necessidade de se unir a seus irmãos em torno da causa de sua opressão — a negritude de sua pele — e de trabalharem como um grupo para se libertarem dos grilhões que os prendem a uma servidão perpétua. Baseia-se num auto-exame que os levou finalmente a acreditar que, ao tentarem fugir de si mesmos e imitar o branco, estão insultando a inteligência de quem quer que os criou negros. A filosofia da Consciência Negra, portanto, expressa um orgulho grupal e a determinação dos negros de se levantarem e conseguirem a auto-realização desejada. A liberdade é a capacidade de autodefinição de cada um, tendo como limitação de suas potencialidades apenas a própria relação com Deus e com o ambiente natural, e não o poder exercido por terceiros. O negro quer, portanto, explorar por conta própria o ambiente em que vive e testar suas potencialidades — em outras palavras, conquistar a liberdade por quaisquer meios que considerar adequados. Na essência desse pensamento está a compreensão dos negros de que a arma mais poderosa nas mãos do opressor é a mente do oprimido. Se dentro de nosso coração estivermos livres, nenhuma corrente feita pelo homem poderá nos manter na escravidão; mas se nossa mente for manipulada e controlada pelo opressor a ponto de fazer com que o oprimido acredite que ele é uma responsabilidade do homem branco, então não haverá nada que o oprimido possa fazer para amedrontar seus poderosos senhores. Por isso, pensar segundo a linha da Consciência Negra faz com que o negro se veja como um ser completo em si mesmo. Torna-o menos dependente e mais livre para expressar sua dignidade humana. Ao final do processo, ele não poderá tolerar quaisquer tentativas de diminuir o significado de sua dignidade humana.

Para que a Consciência Negra possa ser usada de modo vantajoso como uma filosofia a ser aplicada a pessoas que estão numa situação como a nossa, é necessário observar alguns aspectos. Como pessoas existindo numa luta contínua pela verdade, precisamos examinar e questionar velhos conceitos, valores e sistemas. Tendo encontrado as respostas certas, iremos então trabalhar para que todas as pessoas sejam conscientizadas, a fim de que tenhamos a possibilidade de caminhar no sentido de pôr em prática essas respostas. Nesse processo, precisamos desenvolver nossos próprios esquemas, nossos modelos e estratégias, adequados para cada necessidade e a situação, mantendo sempre em mente nossos valores e crenças fundamentais.

Em todos os aspectos do relacionamento entre negros e brancos, agora e no passado, vemos uma tendência constante por parte dos brancos de descrever o negro como alguém que tem um *status* inferior. Nossa cultura, nossa história, na verdade todos os aspectos da vida do negro foram danificados até quase perderem sua forma no grande choque entre os valores nativos e a cultura anglo-bôer.

Os missionários foram os primeiros que se relacionaram com os negros da África do Sul de um modo humano. Pertenciam à vanguarda do movimento de colonização para "civilizar e educar" os selvagens e apresentar-lhes a mensagem cristã. A religião que trouxeram era completamente estranha para o povo negro nativo. A religião africana em sua essência não era radicalmente diferente

do cristianismo. Nós também acreditávamos num só Deus, tínhamos a nossa comunidade de santos por meio da qual nos relacionávamos com nosso Deus, e não considerávamos que era compatível com nosso modo de vida prestar a Deus um culto separado dos vários aspetos de nossa vida. Por isso o culto não era uma função especializada que se expressava uma vez por semana num prédio especial, mas aparecia em nossas guerras, ao bebermos cerveja, em nossas danças, em nossos costumes em geral. Sempre que os africanos bebiam, primeiro se relacionavam com Deus derramando um pouco da cerveja como símbolo de sua gratidão. Quando algo ia mal em casa ofereciam a Deus um sacrifício para apaziguá-lo e para reparar seus pecados. Não havia inferno em nossa religião. Acreditávamos na bondade inerente do homem e, por isso, tínhamos certeza de que todas as pessoas, ao morrerem, se juntavam à comunidade dos santos — portanto, mereciam nosso respeito.

Foram os missionários que confundiram as pessoas com sua nova religião. Assustaram o nosso povo com suas histórias sobre o inferno. Descreveram o Deus deles como um Deus exigente que queria ser adorado, "senão...". As pessoas tinham que pôr de lado suas roupas e seus costumes, para serem aceitas na nova religião. Sabendo que os africanos são um povo religioso, os missionários incrementaram sua campanha de terror sobre as emoções das pessoas, com seus relatos detalhados a respeito do fogo eterno, do arrancar de cabelos e do ranger de dentes. Por alguma lógica estranha e distorcida, argumentavam que a religião deles era científica, e a nossa uma superstição — apesar da discrepância biológica que está na base da religião deles. Para o povo nativo essa religião fria e cruel era estranha e provocava freqüentes discussões entre os convertidos e os "pagãos", porque os primeiros, tendo assimilado os falsos valores da sociedade branca, foram ensinados a ridicularizar e a desprezar aqueles que defendiam a verdade de sua religião nativa. Depois, com a aceitação da religião ocidental, nossos valores culturais foram por água abaixo!

Embora eu não deseje questionar a verdade fundamental que está no centro da mensagem cristã, há um forte argumento em favor de um reexame do cristianismo. Tem provado ser uma religião muito adaptável que não procura acrescentar nada às ordens existentes, mas — como qualquer verdade universal — encontrar um modo de ser aplicada a uma situação específica. Mais que ninguém, os missionários sabiam que nem tudo o que faziam era essencial à propagação da mensagem. Mas a intenção básica ia muito

além da mera propagação da palavra. Sua arrogância e seu monopólio sobre a verdade, sobre a beleza e o julgamento moral os fizeram desprezar os hábitos e as tradições dos nativos e procurar infundir seus próprios valores nessas sociedades.

Aqui temos, então, o argumento em favor da Teologia Negra. Como não quero discutir a Teologia Negra a fundo, basta que eu diga que ela procura relacionar mais uma vez Deus e Cristo com o negro e seus problemas cotidianos. Ela pretende descrever o Cristo como um Deus lutador, e não como um Deus passivo que permite que uma mentira permaneça sem ser questionada. Ela enfrenta problemas existenciais e não tem a pretensão de ser uma teologia de absolutos. Procura trazer Deus de volta para o negro e para a verdade e a realidade de sua situação. Este é um aspecto importante da Consciência Negra, pois na África do Sul existe um grande número de pessoas negras cristãs que ainda se encontram atoladas em meio à confusão, uma conseqüência da abordagem dos missionários. Portanto, todos os sacerdotes e ministros religiosos negros têm o dever de salvar o cristianismo, adotando a abordagem da Teologia Negra e, assim, unindo o negro outra vez a seu Deus.

Também é preciso examinar atentamente o sistema de educação para os negros. No tempo dos missionários, essa mesma situação tensa já existia. Sob o pretexto de cuidarem da higiene, de adquirirem bons modos e outros conceitos vagos, as crianças eram ensinadas a desprezar a educação que recebiam em casa e a questionar os valores e os hábitos de sua sociedade. O resultado foi o que se esperava: as crianças passaram a encarar a vida de um modo diferente dos pais e perderam o respeito por eles. Ora, na sociedade africana, a falta de respeito pelos pais é um pecado grave. No entanto, como se pode impedir que a criança perca esse respeito quando seus professores brancos, que sabem tudo, a ensinam a desconsiderar os ensinamentos da família? Quem pode resistir e conservar o respeito pela tradição, se na escola todo o seu ambiente cultural é sintetizado numa só palavra: barbarismo?

Podemos, assim, ver a lógica de colocar os missionários na linha de frente do processo de colonização. Uma pessoa que consegue fazer um grupo de indivíduos aceitar um conceito estranho, no qual ela mesma é um perito, transforma esses indivíduos em estudantes perpétuos, cujo progresso nesse campo só pode ser avaliado por ele; o estudante precisa sempre se dirigir a ele para obter orientação e promoção. Ao serem obrigados a aceitar a cultura

anglo-bôer, os negros permitiram que eles mesmos fossem colocados à mercê do branco e que tivessem o branco como seu eterno supervisor. Só o branco pode nos dizer até que ponto estamos nos saindo bem, e instintivamente cada um de nós se esforça para agradar esse senhor poderoso que sabe tudo. É isso que a Consciência Negra procura arrancar pela raiz.

Segundo um escritor negro, o colonialismo nunca se satisfaz em ter o nativo em suas garras, mas, por uma estranha lógica, precisa se voltar para o seu passado e desfigurá-lo e distorcê-lo. Por esse motivo é muito desanimador ler a história do negro neste país. Ela é apresentada apenas como uma longa seqüência de derrotas. Os xhosas eram ladrões que iniciavam uma guerra por causa de propriedades roubadas; os bôeres nunca provocavam os xhosas, mas organizavam somente "expedições punitivas" para ensinar uma lição aos ladrões. Heróis como Makana*, que foram essencialmente revolucionários, são apresentados como desordeiros supersticiosos que mentiam ao povo dizendo que as balas se transformavam em água. Grandes construtores da nação, como Shaka, são apresentados como tiranos cruéis que freqüentemente atacavam tribos menores sem nenhuma razão, mas por um propósito sádico. Não apenas não há nenhuma objetividade na história que nos é ensinada, mas há muitas vezes uma terrível distorção de fatos, que enojam até um estudante desinformado.

Por isso, precisamos prestar muita atenção à nossa história se nós, como negros, quisermos nos ajudar mutuamente a nos conscientizarmos. Precisamos reescrever nossa história e apresentar nela os heróis que formaram o núcleo de nossa resistência aos invasores brancos. Mais fatos têm de ser revelados, assim como é preciso enfatizar as tentativas bem-sucedidas de construir uma nação, feita por homens como Shaka, Moshoeshoe e Hintsa. Diversos pontos requerem uma pesquisa minuciosa, para que possamos desvendar alguns importantes elos perdidos. Seríamos ingênuos demais se esperássemos que nossos conquistadores escrevessem sobre nós uma história não-tendenciosa, mas precisamos destruir o mito de que ela começou em 1652, ano em que Van Riebeeck chegou ao Cabo.

* Profeta xhosa do início do século XIX, condenado à prisão perpétua em Robben Island e que se afogou ao tentar escapar num barco. O fato de os negros se recusarem a aceitar que ele realmente havia morrido levou a uma esperança mística em seu retorno eventual.

Nossa cultura precisa ser definida em termos concretos. Temos de relacionar o passado com o presente e demonstrar a evolução histórica do negro moderno. Existe uma tendência de considerar nossa cultura uma cultura estática, que foi detida em 1652 e desde então nunca se desenvolveu. O conceito de "voltar para o sertão" sugere que não temos nada de que nos gabar além de leões, sexo e bebida. Aceitamos o fato de que, quando uma civilização se estabelece, ela devora a cultura nativa e deixa atrás de si uma cultura bastarda que só pode se desenvolver no ritmo permitido pela cultura dominante. Mas também precisamos nos conscientizar de que os princípios básicos de nossa cultura conseguiram em grande parte resistir ao processo de abastardamento e que, mesmo agora, ainda podemos provar que apreciamos um homem por si mesmo. Nossa sociedade é autenticamente centrada no homem, e sua tradição sagrada é a partilha. Temos de continuar rejeitando o modo frio e individualista de encarar a vida que é a pedra fundamental da cultura anglo-bôer. É necessário devolver ao negro sua tradição de valorizar as relações humanas, de respeitar as pessoas, suas propriedades, a vida em geral. Com isso, visamos reduzir o triunfo da tecnologia sobre o homem e o espírito materialista que lentamente se insinua em nossa sociedade.

Estas são características essenciais de nossa cultura negra, às quais precisamos nos agarrar. Acima de tudo, a cultura negra implica a nossa liberdade de inovar sem recorrer aos valores brancos. Essa inovação faz parte do desenvolvimento natural de qualquer cultura. E uma cultura, em essência, é a resposta conjunta de uma sociedade aos vários problemas da vida. Todos os dias experimentamos novos problemas, e tudo o que fizermos aumenta a riqueza de nossa herança cultural, desde que tenha o homem como seu centro. A introdução de um teatro e de uma arte dramática negra é uma dessas inovações importantes que precisamos estimular e desenvolver. Sabemos que nosso amor pela música e pelo ritmo ainda hoje é importante.

Fazendo parte de uma sociedade exploradora, na qual muitas vezes somos o objeto direto da exploração, precisamos desenvolver uma estratégia em relação à nossa situação econômica. Temos consciência de que os negros ainda são colonizados, mesmo dentro das fronteiras da África do Sul. Sua mão-de-obra barata tem ajudado a fazer da África do Sul aquilo que é hoje. Nosso dinheiro, que vem das cidades segregadas, faz uma viagem só de ida para as lojas e para os bancos dos brancos, e a única coisa que fazemos

durante toda a nossa vida é pagar para os brancos, seja com nosso trabalho, seja com nosso dinheiro. As tendências capitalistas de exploração, unidas à evidente arrogância do racismo branco, conspiram contra nós. Por esse motivo agora sai muito caro ser pobre na África do Sul. São os pobres que vivem mais longe da cidade, e por isso têm de gastar mais dinheiro com o transporte para ir trabalhar para os brancos; são os pobres que usam combustíveis dispendiosos e impróprios, como a parafina e o carvão, porque o branco se recusa a instalar eletricidade nas áreas dos negros; são os pobres que são governados por muitas leis restritivas mal definidas e que, por isso, têm de gastar mais dinheiro em multas por causa de transgressões "técnicas"; são os pobres que não têm hospitais e assim têm de procurar médicos particulares, que cobram honorários exorbitantes; são os pobres que usam estradas não asfaltadas, têm que andar longas distâncias e, por isso, têm de gastar muito com mercadorias como sapatos, que sofrem muitos estragos; são os pobres que precisam pagar pelos livros dos filhos, enquanto os brancos os recebem gratuitamente. Não é necessário dizer que são os negros que são pobres.

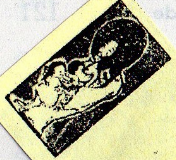
Portanto, temos de estudar de novo como usar melhor o nosso poder econômico, por menor que pareça ser. Precisamos examinar seriamente as possibilidades de criar cooperativas de negócios cujos lucros sejam reinvestidos em programas de desenvolvimento comunitário. Deveríamos pensar em medidas como a campanha "Compre de Negros", que certa vez foi sugerida em Johannesburgo, e estabelecer nossos próprios bancos em benefício da comunidade. O nível de organização entre os negros só é baixo porque permitimos que seja assim. Agora que sabemos que estamos por nossa própria conta, temos obrigação estrita de atender a essas necessidades.

O último passo da Consciência Negra é a ampliação da base de nossa atuação. Um dos princípios básicos da Consciência Negra é a totalidade do envolvimento. Isso significa que todos os negros precisam se posicionar como uma grande unidade, e nenhuma fragmentação ou desvio da corrente principal de acontecimentos pode ser tolerada. Por isso, precisamos resistir às tentativas dos protagonistas da teoria dos bantustões de fragmentar nossa abordagem. Somos oprimidos, não como indivíduos, não como zulus, xhosas, vendas ou indianos. Somos oprimidos porque somos negros. Precisamos usar esse mesmo conceito para nos unir e para dar uma resposta como um grupo coeso. Precisamos nos agarrar uns aos outros com uma tenacidade que vai espantar os que praticam o mal.

O fato de estarmos preparados para assumirmos nós mesmos as armas da luta nos levará a sair da crise. Precisamos eliminar completamente de nosso vocabulário o conceito de medo. A verdade tem que triunfar no fim sobre o mal, e o branco sempre alimentou sua ganância com esse medo básico que se manifesta na comunidade negra. Os agentes da Divisão Especial não farão com que a mentira se transforme em verdade e precisamos ignorá-los. Para uma mudança significativa da situação, precisamos arregaçar as mangas, estar preparados para perder nosso conforto e nossa segurança, nossos empregos e posições de prestígio, além de perder nossas famílias: assim como é verdade que "liderança e segurança são basicamente incompatíveis", uma luta sem baixas não é luta. Temos de tomar consciência do grito profético dos estudantes negros: "Negro, você está por conta própria!".

Alguns vão nos acusar de racistas, mas se utilizam exatamente dos valores que rejeitamos. Não temos o poder de dominar ninguém. Apenas respondemos à provocação do modo mais realista possível. O racismo não implica apenas a exclusão de uma raça por outra — ele sempre pressupõe que a exclusão se faz para fins de dominação. Os negros têm tido suficiente experiência como objetos de racismo para não quererem inverter as posições. Embora possa ser relevante falar agora a respeito do negro em relação ao branco, não podemos deixar que esta seja a nossa preocupação, pois pode ser um exercício negativo. À medida que avançarmos em direção à realização de nossos objetivos, falaremos mais sobre nós mesmos e nossa luta e menos sobre os brancos.

Saímos em busca de uma verdadeira humanidade e em algum lugar no horizonte distante podemos ver o prêmio a brilhar. Vamos caminhar para a frente com coragem e determinação, extraindo nossa força da difícil condição que partilhamos e de nossa fraternidade. Com o tempo, conseguiremos dar à África do Sul o maior presente possível: um rosto mais humano.



11. O que é Consciência Negra?*

Este é um extrato do testemunho dado por Steve no julgamento da BPC/SASO, na primeira semana de maio de 1976. Nos trechos do julgamento publicados neste livro, o advogado é David Soggot, assistente da defesa. O interrogatório da acusação foi feito por L. Attwell, assistente da promotoria. O processo foi conduzido pelo juiz Boshoff.

O acontecimento que deu origem a esse processo foi o comício pró-Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), em Currie's Fountain, Durban, em setembro de 1974, organizado por elementos da BPC e da SASO para celebrar o reconhecimento da Frelimo como o governo de fato de Moçambique. Apesar de o próprio governo da África do Sul ter reconhecido a Frelimo, quando o comício foi anunciado um comerciante branco declarou publicamente que, se fosse realizado, ele e outros compareceriam para acabar com a manifestação, e em vez de se dirigir ao comerciante branco, o ministro da Justiça "baniu" o comício. Na mesma ocasião, foi permitido que um comício organizado por portugueses em Johannesburgo, para protestar contra a Frelimo, fosse realizado sem nenhuma oposição do governo.

O banimento do Comício de Currie's Fountain foi seguido da prisão de líderes da Consciência Negra em Durban e em todo o país, e sua detenção sem julgamento, tendo permanecido incomunicáveis

* Este capítulo e o próximo são transcrições de relatórios oficiais de audiências em tribunal e foram traduzidos exatamente como se encontram no original, com repetições, interrupções etc. (N. T.)

durante muitos meses em Pretória. Por fim foram apresentadas acusações contra treze deles (embora quatro tenham sido depois liberados, alguns antes do início do julgamento, outros durante os primeiros estágios). Os dois companheiros mais próximos de Steve eram Aubrey Mokoape e Strini Moodley. A acusação foi formulada em termos tão abrangentes que se tornou evidente que o que estava sendo julgado era o próprio Movimento de Consciência Negra. Na verdade, pode-se dizer que esse julgamento teve para o movimento o mesmo significado que o famoso Julgamento da Traição teve para a Aliança do Congresso na década de 1950.

O processo se arrastou durante a maior parte do ano de 1975 e por todo o ano de 1976. No final, os nove que restaram foram considerados culpados por uma ou mais transgressões do Decreto sobre Terrorismo, o que significava uma sentença mínima obrigatória de cinco anos. Todos cumpriram pena de cinco ou seis anos em Robben Island.

A última parte deste capítulo, "A importância da linguagem", foi incluída por dois motivos: primeiro, como um exemplo do comportamento de Steve durante um interrogatório hostil; e, segundo, para demonstrar sua clara compreensão da diferença entre a utilização da língua por negros e por brancos. O incidente mencionado envolvia o Sr. Mthuli Shezi, então organizador da BPC. Segundo testemunhas oculares, num confronto com um funcionário branco da estrada de ferro, que estava molestando mulheres negras na estação de Germiston, ele foi jogado sobre os trilhos pelo funcionário e morto pelo trem que estava chegando.

Soggot: Bem, acho que isso nos traz ao segundo GSC* em 1971?
Biko: Sim.
Soggot: Não pretendo fazê-lo recordar tudo isso agora, mas apenas quero dirigir sua atenção para alguns aspectos das resoluções tomadas nesse GSC. Se olhar para o parágrafo 1: "A SASO é uma organização de estudantes negros..." Encontrou o trecho?
Biko: Sim.
Soggot: Quer, por favor, apenas ler esse parágrafo 1?
Biko: "A SASO é uma organização de estudantes negros que trabalha pela libertação do negro: em primeiro lugar da opressão psicológica efetuada por ele mesmo por intermédio de um complexo

* General Students' Council (Conselho Geral dos Estudantes).

de inferioridade e, em segundo, da opressão física proveniente do fato de viver numa sociedade branca racista."
Soggot: Agora, quanto ao conceito de Consciência Negra, há qualquer ligação com o que acabou de ler?
Biko: Sim, há.
Soggot: Quer dar ao Meritíssimo uma breve explicação a respeito dessa ligação?
Biko: Acredito que, basicamente, a Consciência Negra se refere ao negro e à sua situação, e acho que o negro neste país é submetido a duas forças. Em primeiro lugar, ele é oprimido por um mundo exterior por meio de mecanismos institucionalizados, por meio de leis que o impedem de fazer certas coisas, por pesadas condições de trabalho, salários baixos, condições de vida muito difíceis, uma educação inferior. Todos esses são fatores externos a ele. Em segundo lugar, e o que consideramos mais importante, o negro desenvolveu dentro de si um certo estado de alienação. Ele rejeita a si mesmo exatamente porque ele liga o significado de branco com tudo o que é bom. Em outras palavras, ele associa o que é bom, ele considera o que é bom equivalente a branco. Isso provém de sua vida e provém de seu desenvolvimento desde a infância.

Quando a gente vai para a escola, por exemplo, a escola não é igual à escola branca e, *ipso facto*, a conclusão a que se chega é que a educação que recebemos lá não pode ser a mesma que a recebida pelas crianças brancas. As crianças negras em geral têm uniformes velhos, se é que os têm, ou simplesmente não usam uniforme na escola, enquanto que as brancas sempre têm uniforme. A gente verifica, por exemplo, que na escola branca a organização dos esportes (essas são coisas que notamos quando somos crianças) é absolutamente completa e revela um bom treinamento, uma boa educação. O branco pode ter numa escola quinze times de rúgbi. Nós podemos conseguir da nossa três times. Cada um dos times brancos tem uniforme para cada uma das crianças que joga. Nós temos que partilhar nossos uniformes entre os nossos três times. Agora isso é parte da raiz de autonegação que nossas crianças recebem, mesmo enquanto estão crescendo. As casas são diferentes, as ruas são diferentes, a iluminação é diferente, e assim a gente tem a tendência de começar a achar que há qualquer coisa incompleta na nossa condição humana, e que o complemento vem junto com a brancura. Isso continua até a vida adulta, quando o negro tem de viver e trabalhar.

Soggot: Como o senhor vê isso continuando até a vida adulta? Pode nos dar exemplos?
Biko: Da vida adulta?
Soggot: Sim.
Biko: Eu citaria em especial um caso que me tocou, quando falava, em Durban, com um operário indiano que dirigia uma caminhonete para uma tinturaria. Ele estava descrevendo para mim um dia comum de sua vida, como ele vivia, e o modo como me descreveu foi: "Eu não trabalho mais para viver, eu vivo para trabalhar". E quando ele continuou a argumentar vi que o que dizia era verdade. Contou que tinha de acordar às quatro horas, ou quatro e meia, e andar a pé uma longa distância para chegar na hora de pegar o ônibus que o levava à cidade. Trabalhava lá o dia inteiro, o patrão mandava que atendesse a tantos chamados, e no fim do dia tinha de fazer o mesmo percurso de volta. Chegava em casa às oito e meia, nove horas, cansado demais para fazer qualquer outra coisa a não ser dormir, para chegar na hora para trabalhar de novo no dia seguinte.
Soggot: Até que ponto o senhor acredita que esse exemplo seja típico, ou atípico, de um operário negro vivendo numa área urbana?
Biko: Levando em conta alguma variação em termos de horário etc., e a situação de trabalho, esse é um exemplo bastante típico, exatamente porque as cidades segregadas são localizadas a grandes distâncias das áreas em que as pessoas negras trabalham, as condições de transporte são terríveis, os trens estão sempre superlotados, os táxis que os negros usam estão superlotados, toda a situação é perigosa, e quando o cara chega ao trabalho ele realmente passou por um mau pedaço. Ele começa a trabalhar, e não há tranqüilidade também no trabalho. O patrão o pressiona para arrancar dele até seu último esforço, a fim de aumentar a produção. É essa a experiência comum do negro. Quando volta para casa depois do trabalho, tendo viajado sob as mesmas condições, a única coisa que pode fazer é despejar sua raiva sobre a família, que é a última defesa que ele tem.
Soggot: Existem outros fatores que possa citar a fim de ilustrar, de explicar por que existe esse sentimento de inferioridade, tal como vocês o percebem?
Biko: Eu diria ... acho que falei um pouco a respeito da educação, mas acho que preciso dar mais detalhes sobre isso. Sendo um estudante negro, novamente a gente está exposto à competição com estudantes brancos em campos nos quais a gente está completamente despreparado. Somos provenientes de um ambiente essencialmente camponês e operário, não temos nenhum tipo de contato diário com uma sociedade altamente tecnológica, somos estrangeiros nesse campo. Quando se tem, enquanto criança negra, de escrever um trabalho para o JMB*, por exemplo, os temas dados correspondem muito bem à experiência dos brancos, mas você, sendo um estudante negro, é obrigado a lidar com uma coisa que lhe é estranha — não somente estranha, mas superior, num certo sentido. Devido à capacidade que a cultura branca tem de resolver tantos problemas no campo da medicina, ou mesmo em vários campos, você tende a considerá-la uma cultura superior à sua, você tende a desprezar a cultura do operário. Isso incute no negro um sentimento de ódio por si mesmo, o que vejo como um dos principais fatores que determinam seu modo de se relacionar consigo mesmo e com a vida.

E, naturalmente, para acomodar os problemas existentes, o negro desenvolve uma atitude de duas caras. Posso citar um exemplo típico. Havia um homem que trabalhava num de nossos projetos na Província Oriental do Cabo, fazendo a instalação elétrica; era um homem branco com um assistente negro. Ele tinha de ficar em cima do teto e o negro estava embaixo; e eles estavam trabalhando juntos, puxando os fios para cima e os conduítes para baixo e assim por diante. Mas o tempo todo tinha insulto, insultos e mais insultos por parte do branco: "Puxa isso aqui, seu idiota", esse tipo de coisa. É claro que isso me incomodou. Conheço o homem branco muito bem, ele fala direito comigo, de modo que à tarde nós o convidamos para o chá; eu pergunto para ele: "Por que você fala assim com este homem?" e ele me diz, na frente do cara: "Este é o único tipo de linguagem que ele entende, esse aqui é um sujeito preguiçoso". E o negro sorriu. Perguntei a ele se era verdade, e ele disse: "Não, já estou acostumado com ele". Aí eu me senti mal. Pensei por um momento: não entendo a sociedade negra. Depois de umas duas horas voltei até esse cara e perguntei: "Você acha mesmo isso?". O homem mudou, ficou muito amargo, me disse que queria largar aquilo a qualquer momento, mas o que é que ele podia fazer? Não tem nenhuma qualificação, não tem nenhuma garantia de conseguir outro emprego, seu emprego é para ele um tipo de segurança: ele não tem economias, se não trabalhar

* Joint Matriculation Board (Conselho Misto para Matrículas), o organismo administrativo para a educação secundária.

hoje não terá com que viver amanhã; ele tem que trabalhar, tem que agüentar. E se ele tem que agüentar, ele não ousa mostrar qualquer tipo de impertinência para com seu patrão. Então, acho que esse caso resume a atitude de duas caras do negro frente a toda essa questão da existência neste país.
Soggot: O uso da palavra "negro" na literatura e como parte da cultura ocidental, isso tem aparecido?
Biko: Desculpe, não entendi.
Soggot: O uso da palavra "negro", o que é que "negro" significa e como é usado na linguagem?
Juiz Boshoff: É um termo abrangente?
Biko: Se eu estou entendendo direito, acho que a referência à expressão "negro" na literatura comum normalmente é feita em associação também com aspectos negativos. Em outras palavras, fala-se do mercado *negro*, fala-se da ovelha *negra* da família, fala-se de ... O senhor sabe, tudo o que se considera ruim também é considerado negro.
Soggot: Nós entendemos isso; agora, naquele contexto... [*O tribunal intervém*.]
Juiz Boshoff: Mas a palavra "negro", lá, não tem nada a ver com o homem negro. Será que não é apenas um modo de dizer, usado através dos anos, porque em geral a escuridão, a noite, era um mistério para o homem primitivo? Quero dizer que incluo os brancos quando falo do homem primitivo, e quando ele fala a respeito de forças escuras está se referindo a fôrças que não pode explicar, e se refere à magia, à magia negra; não é esse o motivo?
Biko: Esse é sem dúvida o motivo, mas acho que foi criado através da História e por meio de referências comuns. Todas as atitudes que são relacionadas exatamente com esse tipo de associação — isso também tem a ver com o negro, e o negro vê que se diz isso da magia, do mercado negro, justamente porque, como ele, são coisas inferiores, coisas não desejadas, coisas rejeitadas pela sociedade. E, naturalmente, é típico (frente a essa lógica) que a brancura combina com os anjos, combina com Deus, com a beleza, sabe como é. Acho que isso ajuda a criar esse tipo de sensação de autocensura dentro do negro.
Soggot: Quando se usa uma frase como "Negro é lindo", então esse tipo de frase combina com os princípios da Consciência Negra?
Biko: Combina sim.
Soggot: Qual é a idéia que está por trás de um *slogan* como esse?

Biko: Acho que a intenção é que esse *slogan* sirva — e ele está servindo — para um aspecto muito importante em nossa tentativa de alcançar a humanidade. A gente está enfrentando as raízes mais profundas da opinião do negro sobre si mesmo. Quando a gente diz: "Negro é lindo", o que na verdade a gente está dizendo para ele é: "Cara, você está bem do jeito que você é, comece a olhar para si mesmo como um ser humano". Agora, na vida africana, especialmente, isso tem também certas conotações; as conotações sobre o modo como as mulheres se preparam para serem vistas pela sociedade, em outras palavras, o modo como sonham, o modo como se maquiam etc., que tende a ser uma negação do seu estado verdadeiro e, de certo modo, uma fuga da sua cor. Elas usam cremes para clarear a pele, usam coisas para alisar o cabelo etc. Acho que de certo modo elas acreditam que seu estado natural, que é um estado negro, não é sinônimo de beleza. Assim, só podem chegar perto da beleza se a pele delas for a mais clara possível, se os lábios ficarem bem vermelhos e suas unhas bem cor-de-rosa. De modo que num certo sentido, a expressão "Negro é lindo" desafia precisamente essa crença que faz com que alguém negue a si mesmo.
Juiz Boshoff: Sr. Biko, por que então vocês implicam com a palavra "negro"? O que quero dizer é que, na verdade, negro é uma referência inocente à qual se chegou através dos anos, do mesmo modo que branco. A neve é considerada branca e é considerada a forma mais pura de água, por isso simboliza a pureza. De modo que branco, nesse caso, não tem nada a ver com o homem branco.
Biko: Está certo.
Juiz Boshoff: Mas então por que vocês se referem a si mesmos como "negros"? Por que não pessoas "marrons"? Quero dizer que vocês são mais marrons do que negros.
Biko: Do mesmo modo como eu acho que as pessoas brancas são mais cor-de-rosa, e amarelas ou pálidas do que brancas.
Juiz Boshoff: Isso mesmo... Mas então, por que é que não usam a palavra "marrom"?
Biko: Não, eu acho que na verdade, historicamente, nós fomos definidos como pessoas negras, e quando rejeitamos a expressão "não brancos" e assumimos o direito de nos chamarmos a nós mesmos daquilo que achamos que somos, temos diante de nós muitas alternativas à nossa disposição, começando com "nativos", passando por "africanos", até "kaffirs", "bantus", "não brancos" etc., e nós escolhemos esta expressão exatamente porque consideramos que é a mais adequada.

Juiz Boshoff: Sim, mas então vocês meteram os pés pelas mãos, vocês usam a palavra "negro", que realmente tem uma conotação de forças escuras, há séculos?
Biko: Isso é verdade. Justamente porque essa palavra tem sido usada nesse contexto, nosso objetivo é escolhê-la como referência para nós e elevá-la a uma posição em que podemos olhar para nós mesmos de modo positivo. Porque não importa: se resolvemos ser chamados de "marrons", ainda vamos encontrar referências a negros num sentido inferior, tanto na literatura como em discursos de brancos racistas ou de pessoas brancas de nossa sociedade.
Juiz Boshoff: Mas vocês ainda dizem "magia negra" quando se referem à feitiçaria.
Biko: Ah, sim, dizemos magia negra, sim.
Juiz Boshoff: E vocês a usam num sentido bom ou num sentido ruim?
Biko: Nós não a rejeitamos, nós a consideramos parte do mistério de nossa herança cultural. Sentimos, por nós mesmos, que ela ainda não foi suficientemente analisada com os instrumentos científicos que temos agora à disposição.
Juiz Boshoff: Mas eu não estou perguntando a você sobre feitiçaria, estou me referindo à expressão. Vocês se referem a ela como magia negra?
Biko: Sim, nós nos referimos a ela como magia negra.
Juiz Boshoff: Mas então por que vocês usam "negra" aqui, em que sentido vocês usam "negro"?
Biko: Bem, nós entendemos que, quando falamos de magia negra neste país, é diferente de Londres, por exemplo, onde as pessoas falam de magia negra e se supõe que seja feitiçaria, mas não há nenhuma conotação que indique que ela vem da sociedade negra. No entanto, quando se fala de feitiçaria, de superstição, neste país, automaticamente as pessoas pensam no negro. Os brancos não são supersticiosos, os brancos não têm bruxas nem curandeiros*. Somos nós que temos isso.
Soggot: Não tenho tanta certeza de que ele está certo nisso... [*Risos.*]
Juiz Boshoff: É, nós temos muita feitiçaria.
Biko: Bem, certamente não é o nosso tipo de feitiçaria, nós temos muitos casos, tenho certeza... [*O tribunal intervém.*]
Juiz Boshoff: Bem, quantos brancos consultam curandeiros?
Biko: O senhor quer dizer nossos curandeiros?

* No original "witch-doctors", literalmente "médicos-feiticeiros". (N. T.)

Juiz Boshoff: Sim.
Biko: Bem, isso está certo, eles consultam sim. Mas os curandeiros e a feitiçaria são nossos.
Juiz Boshoff: E vocês acham ruim, quer dizer, o fato de que o branco culpa o negro pela feitiçaria, ou vocês não acham ruim?
Biko: Bem, em certos casos sim. Acho que a tendência é haver uma certa conotação depreciativa quando falam dos negros como criaturas supersticiosas, num certo ponto de nossa história, especialmente na época de Sir George Grey, quando ele falou a respeito do suicídio dos xhosas. A culpa disso é atribuída à feitiçaria, à superstição, e num certo sentido... [*O tribunal intervém.*]
Juiz Boshoff: Mas, agora, isso não faz muito mal a vocês? A feitiçaria, quero dizer. Quando faço meu circuito como juiz itinerante e tenho casos de assassinato perto de Sekukuneland ou até mesmo perto de Tzaneen, sempre temos casos de feitiçaria e fazem as coisas mais terríveis. Quando uma criança morre, eles acham que alguém deve ter enfeitiçado a criança e eles vão e matam algumas pessoas. Vocês não podem justificar esses atos, podem?
Biko: Não, nós não justificamos. Não aceitamos a superstição, não aceitamos a feitiçaria, mas tudo o que estamos dizendo é que há certas coisas dentro do campo global da magia negra que podem ser investigadas de um modo útil. Quero dizer que eu a rejeitaria tanto quanto o senhor, porque eu mesmo não acredito nela, mas eu não preciso desprezar as pessoas que acreditam nela, como a maioria de nossa sociedade parece fazer. Compreendo que tive contato com muito mais literatura e outras... culturas do mundo, eu diria, de modo que decidi que não há lugar para isso em minhas crenças. Mas ainda posso falar com compreensão com a pessoa que acredita nisso. Não a rejeito como sendo um bárbaro.
Juiz Boshoff: No entanto, suponho que a feitiçaria seja depreciada porque as pessoas fazem coisas irresponsáveis e ferem as outras.
Biko: Isso está certo, sim.
Soggot: Não é verdade que sua preocupação não é tanto com a reestruturação da palavra "negro" no mundo da lingüística, mas sim em alterar a reação dos negros em relação à própria negritude?
Biko: Eu certamente me preocupo com o homem, com o homem negro.
Soggot: E eu acho que o senhor estava falando sobre a sua maneira de compreender o sentimento de inferioridade e o ódio por si mesmo e tudo isso, do próprio negro?
Biko: Sim.

Soggot: No mundo da língua, qual é a posição do negro, como ele se sente?
Biko: Bem, acho que essa é uma outra área em que tive experiências, digamos, de dificuldades. Aqui na África do Sul temos uma sociedade que reconhece duas línguas principais, o inglês e o africâner, como as línguas oficiais. Essas são as línguas que devem ser usadas na escola, quero dizer, na universidade, ou no aprendizado de qualquer disciplina, quando se estuda como negro. Infelizmente, os livros que lemos estão em inglês, e o inglês é uma segunda língua para a gente. A gente provavelmente aprendeu em uma língua nativa, especialmente durante esses tempos de educação bantu até a sexta série; a gente tem que enfrentar o problema da língua para o JC e o *matric** e, antes de aprender o inglês bem, a gente precisa usá-lo para aprender as disciplinas na universidade. Em conseqüência, a gente nunca consegue compreender completamente tudo o que está num livro; certamente se compreende o parágrafo (estou pensando numa pessoa comum, não estou falando de casos excepcionais), a gente entende o parágrafo, mas não é bem capaz de reproduzir um argumento que estava num certo livro, exatamente porque não se conseguiu entender certas palavras que estavam ali. Isso faz com que, como negros, em geral não saibamos falar tão bem, e isso faz com que sejamos mais introvertidos. A gente sente as coisas mais do que fala sobre elas e isso se aplica ao africâner também — embora muito mais ao inglês. O africâner é uma língua desenvolvida essencialmente aqui, e acho que, em muitos casos, suas particularidades têm mais a ver com as línguas africanas; por outro lado, o inglês é uma língua completamente estrangeira, e por isso as pessoas acham difícil progredir além de um determinado ponto em sua compreensão.
Soggot: E em que medida a questão da língua se relaciona com o negro, ou mais especificamente com o estudante negro, e seu sentimento de inferioridade?
Biko: Um caso que é um exemplo disso ocorreu novamente durante os velhos tempos da NUSAS, em que os estudantes seriam algo que a gente, como negro, tinha experimentado em nossa vida cotidiana, mas nossa capacidade de falar não era tão boa quanto a deles. Além disso, havia entre os estudantes brancos um certo

* JC é o Junior Certificate (Certificado Júnior), exame oficial de conclusão do primeiro grau, e *matric* é o exame oficial de conclusão do segundo grau.

número que estava cursando M. A.*, recebendo *honours***, o senhor sabe, em certos assuntos, e que sabiam falar muito bem, eram muito inteligentes. A gente pode ser inteligente, mas não sabe falar tão bem, e é forçado a aceitar um papel subserviente dizendo "sim" para tudo o que eles dizem quando estão falando de coisas que nós experimentamos e eles não, porque a gente não consegue se expressar tão bem. Num certo sentido, situações como essa infundem num grande número de estudantes um sentimento de incapacidade. Tendemos a achar que não é só uma questão de língua, que tem algo a ver com a inteligência, que num certo sentido tendemos a achar que aquele cara é mentalmente mais bem-dotado que você.
Juiz Boshoff: Mas por que é que o senhor diz isso? O inglês não é a língua oficial da SASO?
Biko: É, sim.
Juiz Boshoff: Bem, então sua queixa é contra a língua, mas essa é exatamente a língua que está usando.
Biko: Não, não, não estou me queixando da língua. Estou apenas explicando como é que a língua pode ajudar a desenvolver um complexo de inferioridade. Não me queixo da língua. O caso em questão é que temos aproximadamente umas dez línguas, não podemos falar todas as dez línguas numa só reunião; precisamos escolher uma língua comum. Infelizmente, no entanto, no processo de aprendizado o que acontece é que você não entende suficientemente bem, e quando você está atuando lado a lado com pessoas que falam melhor que você, você tende a achar que é porque eles são mais inteligentes que você, que eles sabem dizer essas coisas melhor que você.
Juiz Boshoff: Mas sua língua tem muitos idiomatismos. Então não é mais fácil para vocês falarem o africâner, já que é mais parecido com a língua de vocês, que tem muitos idiomatismos?
Biko: De fato isso é verdade. Mas infelizmente o africâner tem certas conotações históricas que provocam mesmo uma rejeição por parte do negro, e essas conotações são políticas. Não estou argumentando a favor ou contra, mas elas existem.
Soggot: O ponto que o senhor está apresentando, portanto, conforme entendi, é que no aspecto da língua o negro se sente um pouco como um estrangeiro.

* *Master of Arts*: licenciatura em letras. (N. T.)
** *Honours*: literalmente "honras", reconhecimento acadêmico conferido aos estudantes que mais se distiguem. (N. T.)

Biko: Está certo.
Soggot: É isso que está querendo dizer ao Meritíssimo Juiz?
Biko: Sim.
Soggot: O senhor não está se queixando da língua, assim como a gente não se queixa a respeito do francês quando está em Paris?
Biko: Certo.
Soggot: Mas trata-se de um assunto que é preciso dominar. É isso o que está dizendo?
Biko: Correto, é isso, sim.
Soggot: Sr. Biko, falando ainda sobre a questão da inferioridade, se é que posso introduzir este ponto de um certo modo, o artigo "Escrevo o que eu quero", por Frank Talk, Aditamento 8 à Acusação — "O medo: um fator decisivo na política sul-africana" — quem escreveu isso?*
Biko: Fui eu que escrevi.
Juiz Boshoff: O senhor diz que foi o senhor quem escreveu?
Biko: Eu escrevi isso.
Juiz Boshoff: Trata-se do Aditamento 8? Isso foi escrito por Frank Talk?
Biko: Está certo.
Juiz Boshoff: Não é o número 9 que é Frank Talk?
Biko: Não, não, ele nunca foi Frank Talk, eu é que era Frank Talk. [*Risadas*.]
Soggot: Meritíssimo, a acusação alegou que ele compilou e/ou escreveu o artigo, mas na verdade nunca nem mesmo se sugeriu que o número 9 tenha escrito isso: Aditamento 9, Enfoque — "Asiáticos de Uganda e a lição para nós"?
Biko: Sim.
Soggot: Quem escreveu isso?
Biko: Eu escrevi.
Juiz Boshoff: Deixe-me ver isso de novo. Qual é?
Soggot: Meritíssimo, Aditamento 9. Na página 11 de "Escrevo o que eu quero", o senhor diz: "Só a vida numa cidade segregada já faz com que seja um milagre conseguir atingir a idade adulta". O que quer dizer com isso?
Biko: Refiro-me ao nível de violência nas cidades segregadas, que tende a introduzir uma certa incerteza a respeito daquilo que o amanhã vai trazer. Se eu levar um tipo de vida diferente e passar uma noite em sua casa, de algum modo sinto que não estou exposto ao que eu chamaria de elementos... o senhor sabe, eu não estou exposto aos maus elementos da sociedade. Quando se *está* numa

* Vide o Capítulo 8.

cidade segregada, muitas vezes é perigoso cruzar de uma rua para outra e, no entanto, conforme você vai crescendo, é essencial que os garotos sejam mandados para fazer serviços dentro e em volta da cidade segregada. Eles encontram esses problemas; estupros e assassinatos são aspectos muito comuns de nossa vida nas cidades segregadas.
Soggot: E qual é a situação de noite?
Biko: É especialmente durante a noite... quero dizer... Durante os poucos dias que passei em Mabopane, onde eu fico... [*O Sr. Soggot intervém*.]
Soggot: Isso fica perto de Pretória?
Biko: Perto de Pretória, *eu vi* dois casos de graves assaltos, um caiu na nossa porta, e não há nenhum relacionamento entre as pessoas assaltadas e a pessoa que está assaltando. A gente vê um velho sendo assaltado por vários jovens aparentemente sem nenhum motivo, a não ser, claro, que por ser final de mês ele possa ter algum dinheiro consigo. Isso não me surpreende, é uma experiência comum, mas assim mesmo nunca aprendi a aceitá-la, porque é um lembrete amargo do tipo de violência que está lá na nossa sociedade. Assim, quando afirmo que é um milagre se chegar à idade adulta, ou o que quer que eu tenha dito, o significado exato é precisamente esse: a gente escapa de todas essas possíveis áreas com armadilhas onde a gente poderia morrer sem nenhuma explicação. Não é porque se está bem guardado, não é porque você é bem protegido, é apenas um milagre, acontece.
Juiz Boshoff: Seria interessante saber qual atitude você tomaria nesse caso. Isso não justificaria o controle do afluxo de pessoas para essas áreas? As dificuldades não se dariam porque há um grande número de pessoas se infiltrando nessas regiões, inclusive os maus elementos, sobre os quais não se tem nenhum controle? Para lhe dar um exemplo, há alguns anos eu era o advogado dos negros aqui quando eles queriam mudar de lugar a cidade segregada negra de Newclare. Naquela época, acho que havia naquela cidade 37 mil pessoas que não tinham o direito de estar lá, que simplesmente entraram na cidade segregada, e elas estavam lá ilegalmente. Esse tipo de coisa não é a causa desse tipo de crime que se encontra numa cidade segregada?
Biko: Se olharmos para a situação de modo superficial, Meritíssimo, acho que sim. Mas há uma razão muito mais fundamental: é a falta de uma vida em abundância para as pessoas que vivem lá.

Com uma vida em abundância, é possível ter disciplina, as pessoas conseguem as coisas que querem. E como aqui não existe uma sociedade que oferece esse tipo de vida ao povo, eles têm de introduzir medidas como o controle de movimentações. A gente poderia dizer, é claro, que se você aplica leis de controle de movimentações, você reduz os crimes, e naturalmente isso está certo.
Juiz Boshoff: Veja... Pode continuar, mas há outro ponto que quero observar agora. O controle de movimentações geralmente garante que as pessoas que estão lá na cidade segregada tenham emprego, certo?
Biko: Certo.
Juiz Boshoff: Por outro lado, os que estão lá ilegalmente são pessoas sem emprego e provavelmente têm de roubar para poder viver. Ou seja, de outro modo elas não sabem como sobreviver.
Biko: Não quero discutir demais a questão do controle de movimentações... [*O tribunal intervém.*]
Juiz Boshoff: Não, não, só estou lhe perguntando como uma questão de interesse, porque vejo que eles aqui afirmam que o controle de movimentações é uma das razões pelas quais o negro é oprimido.
Biko: Sim, porque acho que a verdadeira questão em relação ao controle de movimentações é que, se esse controle é necessário, deve ser aplicado igualmente a todas as pessoas. Bem, acho inconcebível que numa sociedade seja necessário esse controle de movimentações, mas nos locais em que ele for aplicado, tem que ser aplicado sem nenhuma referência à cor; tem que ser aplicado a todo mundo. Não pode acontecer de um cara branco ter liberdade para se mudar para a Cidade do Cabo no dia seguinte, para Durban ou qualquer outro lugar sem ser fichado, e eu ter de passar por uma burocracia complicada para me mudar de uma área para outra.
Juiz Boshoff: Mas entre os brancos não existe essa situação, no sentido de que em geral as pessoas brancas têm emprego garantido. Não é assim? Infelizmente, não se pode dizer o mesmo em relação ao negro. Então, quando negros entram numa área já superpovoada, verifica-se que o crime vem junto com isso?
Biko: Do mesmo modo, Meritíssimo, existem grandes setores da população negra que têm pleno emprego no lugar para onde vão. Quando eu tive de me empregar em Durban, precisei passar por todo esse sistema de controle de movimentações. Em primeiro lugar, eu tinha um emprego, não tinha um competidor, eu era necessário e iam me ajudar a construir uma casa. Mas de um jeito ou de outro fizeram com que fosse difícil eu me mudar. Em segundo lugar, e isso é parte das queixas contra esse controle, trata-se de um sistema muito degradante.

Juiz Boshoff: Bem, o que em geral causa dificuldades é o modo de aplicar a lei?
Biko: Exatamente. Em alguns casos fazem você ficar nu diante de alguns médicos que supostamente estão tirando pus de você, porque você pode estar trazendo sífilis para a cidade. O modo como é feito é desumano. Três indivíduos são alinhados diante do médico, todos nus, e ele só tem de olhar para eles. Só posso sentir que estou sendo tratado como um animal. Quando você entra no quarto onde isso é feito, em Durban, há um grande aviso que diz: "Cuidado — nativos em estado de nudez". Bem, a gente tem de sentir que... o senhor sabe. Não é apenas a aplicação de uma lei boa, de algum modo parece haver uma certa violação calculada. O senhor sabe, eles estão tentando nos colocar em nosso lugar. Quero dizer que é esse o problema. Não queremos argumentar sempre contra a lei como tal. Algumas vezes a aplicação conta muito, e a quem é aplicada. Se for aplicada igualmente, então tudo bem.
Soggot: Sejam quais forem as causas, o que o senhor quer dizer é que existe uma insegurança em relação à vida física das pessoas nas cidades segregadas. Será que isso tem algum efeito no negro quanto ao seu sentimento de confiança ou de inferioridade, ou seja lá o que for?
Biko: O senhor se refere à insegurança nas cidades segregadas?
Soggot: À insegurança física.
Biko: Sim, acho que tem, sim. Acho que contribui para um sentimento de... bem, ajuda a aumentar o sentimento de insegurança, que é parte de um sentimento de imperfeição. Você não é um ser humano completo, você não pode ir embora quando quer, o senhor sabe, esse tipo de sentimento. O próprio conceito nos aprisiona.
Soggot: Agora, Sr. Biko, volto ao tema deste interrogatório, ou seja, à conscientização. Mas quero fazer uma pequena digressão: alguma vez esteve envolvido na observação mesmo de pessoas, de conversas de pessoas comuns?
Biko: Sim... [*O Sr. Soggot intervém.*]
Soggot: Isso foi na rua ou... [*pausa*]
Biko: O senhor se refere a algum tipo de pesquisa?
Soggot: Correto.
Biko: Sim.

Soggot: Poderia contar ao Meritíssimo, em síntese, o que foi isso?
Biko: Meritíssimo, essa foi uma pesquisa realizada em 1972, creio que o objetivo era a alfabetização. O método específico que usávamos enfatizava o ensino por sílabas. Nesse método não se ensina as letras isoladas do alfabeto, mas as sílabas, e começando sempre por palavras que tenham algum significado especial para o aluno, o que chamávamos de palavras geradoras. Assim, a introdução do trabalho consistia de uma pesquisa na área específica onde a gente ia trabalhar, o que nos levaria a vários segmentos da comunidade, a lugares em que a comunidade se reúne e conversa à vontade. Nosso papel então era especialmente passivo, a gente estava lá só para ouvir as coisas de que as pessoas estão falando, e também as palavras que estão sendo usadas, sendo os temas importantes; lá também usamos gravuras para ilustrar os temas sobre os quais estavam falando. Bem, eu estava envolvido nisso com um homem chamado Jerry Modisane e Barney Pityana... [*O Sr. Soggot intervém.*]
Soggot: Isso foi em Durban?
Biko: Sim, em Durban.
Soggot: Para quem faziam essa pesquisa?
Biko: Nós a estávamos fazendo para nós mesmos. Tinham me pedido para participar de um programa de alfabetização que fora preparado pela SASO.
Soggot: Bem, seja como for, o senhor ficava ouvindo as pessoas, certo?
Biko: Certo.
Soggot: Em que circunstâncias?
Biko: Bem, nós escolhemos as circunstâncias disponíveis. Nesse caso específico, escutamos as mulheres nas filas, enquanto esperavam para ser atendidas por um médico ou uma enfermeira numa clínica; algumas delas tinham bebês nos braços ou nas costas. Escutamos as pessoas nos botequins; andei por diversos botecos comprando cerveja. E também ouvimos as pessoas nos ônibus e nos trens.
Soggot: O que as pessoas falavam, se é que diziam alguma coisa, a respeito de suas condições de vida? E sobre os brancos, se é que o assunto a respeito dos brancos ou do governo dos brancos veio à tona?
Biko: Quando se observa tais situações, a primeira coisa que se nota é a repetição constante do que eu chamaria de fala de protesto contra a situação de opressão à qual o negro é submetido. Algumas

vezes o assunto é geral, outras vezes é específico, mas sempre continha o que eu chamaria de uma condenação global da sociedade branca. Muitas vezes com uma linguagem muito, muito forte, parte da qual não seria admissível num tribunal. Eu me lembro, por exemplo, de uma viagem de ônibus em que, na maioria das vezes, o assunto surgia conforme os lugares por que passávamos a caminho da cidade. Quando se sai de Umlazi, passa-se por um lugar onde existe um albergue chamado Gliblands; é um albergue para homens negros adultos. Bem, há certas restrições em albergues assim, como, por exemplo, a proibição de se levar mulheres para lá etc. Mas cada vez que passamos por lá de manhã é claro que há uma fila de mulheres saindo do albergue, e as pessoas começam a falar sobre isso, o senhor sabe... [*O Sr. Biko faz uma citação numa língua bantu**] [...] insinuando que esses homens solteiros têm uma porção de mulheres, e daí para a frente o tema vai se ampliando quase que automaticamente: por que eles não têm permissão, onde é que o branco acha que esses caras vão conseguir ter relações sexuais, esse tipo de coisa. A partir daí então, a coisa estoura. Em seguida o ônibus passa por dentro da área industrial chamada Jacobs; a gente passa pela parte sul de Jacobs e há uma fila constante de pessoas entrando e saindo de fábricas. A conversa passa a girar em torno de problemas trabalhistas etc. Não consigo me lembrar especificamente do que era dito, mas eles começam de novo a partir daí e sempre no centro desse tema se encontra a condenação da sociedade branca em geral. O senhor sabe, quando as pessoas falam nas cidades segregadas, elas não falam a respeito do governo, não falam sobre a assembléia da província ou sobre a câmara de vereadores; falam a respeito dos brancos e aqui, naturalmente, há outra conotação, referindo-se a estruturas óbvias, mas para elas são só "os brancos". E como eu digo, a linguagem muitas vezes é forte, o senhor sabe, muitas vezes a ponto de não ser admissível no tribunal, já que na verdade são palavrões.
Soggot: O senhor mesmo já viveu em Ginsberg Location, em Kingwilliamstown, não foi?
Biko: Vivi, sim.
Soggot: E essa é uma localidade rural bastante pobre?
Biko: É. É uma pequena cidade segregada de umas mil casas, um lugar muito pobre.
Soggot: De modo que o senhor conhece bem a vida lá, certo?

* Isto é, africana (cf. pág. 145, "testemunha faz citação em língua xhosa"). Provavelmente aqui a língua era zulu, já que o lugar era Durban.

Biko: Conheço, sim.
Soggot: A repetição (o eco) desse tipo de sentimento ocorria enquanto você estava vivendo ali?
Biko: Oh, sim, era muito comum.
Soggot: E vocês falam em opressão psicológica e física?... Em seus pensamentos cotidianos, as pessoas fazem referência a qualquer opressão, de qualquer forma ou tipo?
Biko: Sim, muitas vezes.
Soggot: Agora, Sr. Biko, quando vai conscientizar as pessoas, o objetivo é levar a elas as idéias da Consciência Negra?
Biko: Sim, é isso mesmo.
Soggot: Pode nos dizer se, quando conscientiza as pessoas, o senhor de algum modo se refere, relaciona o que diz, com as condições de vida delas e com os vários aspectos que contou ao Meritíssimo, como a questão da fome e do trabalho etc.?
Biko: Está certo, nós fazemos referência à situação do negro e às condições em que ele vive. Tentamos fazer com que o negro, ao se conscientizar, enfrente seus problemas de modo realista, tente encontrar soluções para os seus problemas, procure desenvolver o que poderíamos chamar de percepção, uma percepção física de sua situação, para ter condições de analisá-la e encontrar respostas para si mesmo. O objetivo atrás de tudo isso é realmente dar algum tipo de esperança. Acho que o tema central a respeito da sociedade negra é que ela tem elementos de uma sociedade derrotada, as pessoas muitas vezes têm a aparência de quem desistiu de lutar. Como o homem que me dizia que agora vive para trabalhar; ele se entregou a essa idéia. Bem, é basicamente contra esse sentimento de derrota que estamos lutando. As pessoas não devem simplesmente se entregar aos sofrimentos da vida, precisam desenvolver uma esperança, têm de desenvolver algum tipo de segurança a fim de estarem juntas para encarar seus problemas, e as pessoa precisam deste modo fortalecer sua dignidade humana. É este o ponto-chave da conscientização e da Consciência Negra.
Soggot: A pergunta que eu quero lhe fazer é a seguinte: essas pessoas não chegaram a se acostumar e a aceitar suas, como o senhor diz, condições existenciais, suas queixas, a insegurança, a falta de alimentação ou a alimentação inadequada etc.?
Biko: Acho que isso é apresentar a situação de um modo muito fraco. Acredito que é possível adaptar-se a uma determinada situação difícil, exatamente porque a gente tem de viver nessa situação

e tem de viver com ela todos os dias. Mas adaptar-se não significa esquecimento. A gente vai para a fábrica todos os dias, mas nunca aceita isso, nunca aceitou e continua assim durante toda a vida. Mas se adapta, no sentido de que é impossível continuar a viver num estado de conflito consigo mesmo. De certo modo a gente aceita, do jeito que o homem que trabalhava com o eletricista dizia para mim, o senhor sabe: "Ora, ele fala desse jeito". Esta é a explicação dele. Este é o seu modo de se adaptar à situação, sem pensar, mas bem no fundo de si mesmo ele sente a situação. Ele não pode continuar a responder todos os dias para ele: "Não me chame de garoto, não grite comigo, não me diga palavrões", porque existe também o fator do emprego que ele precisa manter. Ele se adaptou, mas não esquece, não aceita a situação, e acho que isso é importante.
Soggot: A outra pergunta que está relacionada é: Quando num documento da BPC ou da SASO — vamos chegar na BPC mais tarde, mas vamos tomar isso como exemplo — você se refere aos brancos ou ao governo branco como opressores, isso não modifica os sentimentos das pessoas ou suas atitudes em relação ao governo branco ou aos brancos?
Biko: Não, acho que apenas serve para estabelecer uma base comum para uma discussão. O que está contido nessa expressão em geral é o que o próprio negro normalmente diz a respeito do problema todo, com termos até mais fortes. Mas quando falamos sobre problemas comuns, ou os problemas que o negro enfrenta, o que se está fazendo é simplesmente estabelecer um ponto de partida para aquilo de que se está falando, e em geral o objetivo para a BPC ou a SASO é aumentar o número de membros, especialmente para a BPC.

A importância da linguagem

Attwell: E esse tipo de linguagem*? O senhor considera que isso é explosivo do ponto de vista racial?
Biko: Não. Acho que se isso for colocado de novo... se for colocado em zulu, o senhor veria que é o que qualquer velho... Se pegarmos um velho da aldeia e pedirmos que fale sobre Mthuli, em seu

* Referência a um documento que supostamente circulou durante o enterro.

enterro, certamente ele dirá o mesmo tipo de coisas. Se contarmos que Mthuli Shezi morreu porque um funcionário da estação o empurrou para cima dos trilhos, em alguma estação como acreditamos; e se dissermos que a briga começou quando Mthuli Shezi estava protegendo os direitos das mulheres na estação, que tinham sido molestadas por esse homem, como acreditamos; se pedirmos a qualquer velho para falar, com esse tipo de contexto, esse é precisamente o tipo de coisas que ele diria. Não necessariamente as mesmas palavras, mas palavras como "soldado" e outras vão entrar aí e uma condenação daquele tipo de homem, daquele tipo de mentalidade, que é o que está sendo condenado aqui. Não necessariamente o homem específico que o empurrou, mas o tipo de sociedade que dá esse tipo de mentalidade para um homem, para fazer com que ele sinta que pode livremente empurrar alguém para cima dos trilhos. É preciso condenar a sociedade inteira, pois aquele homem não fomentou sozinho esse tipo de sentimento contra os negros. Tal sentimento tem suas raízes numa sociedade que tem uma determinada história e um determinado relacionamento com os negros, de modo que ele sente, de alguma forma, que está certo ao fazer isso. Ele pode até sentir na sua própria mente pequena que ele está representando o seu povo corretamente ao empurrar essa pessoa para cima dos trilhos. Agora, quando nós falamos a respeito dele, temos, portanto, que refletir sobre a sociedade, e essa sociedade é uma sociedade branca. Acho que até um velho seria capaz de fazer essa associação, mesmo no interior da sociedade negra.
Attwell: A questão é que essas palavras não estão em zulu ou em qualquer outra língua, mas em inglês, certo?
Biko: Mas elas são compreendidas por pessoas que têm suas raízes nesse tipo de cultura: zulu, xhosa etc. Não importa em que língua sejam expressas, se em inglês, em africâner ou em qualquer outra, mas elas são compreendidas por pessoas que têm suas raízes em uma cultura determinada.
Attwell: O senhor diria que...
Biko: Eles não param para considerar uma palavra em si, o que ela significa, mas ouvem o parágrafo inteiro. E compreendem o sentido do conjunto. Não fazem uma análise do inglês, ouvem palavras negras quando alguém fala.
Attwell: É só o inglês que tem esta peculiaridade de dar um significado específico à palavra?

Biko: Não conheço outras línguas. Conheço um pouco de africâner, um pouco de inglês, um pouco de xhosa; o zulu e todas as outras línguas têm um ponto em comum: atribuir às situações não um significado analítico, mas um certo tipo de significado emocional. O inglês, por outro lado, tende a ser analítico. Você tem de usar uma palavra precisa, o senhor sabe, para transmitir um significado preciso. E eu acho que é esse o problema que estamos tendo, um problema de compreensão, quando olhamos para esses documentos.
Attwell: Mas esse não é um dos perigos que a BPC enfrentou? Representar o seu significado preciso por meio desta língua? Isso mostra que eles adotaram voluntariamente o inglês como sua língua oficial?
Biko: Estou dizendo que tanto os que redigiram este documento quanto aqueles a quem se destina não terão nenhuma dúvida em relação à sua comunicação. O senhor, que está no meio, que é um inglês e que considera uma a uma as palavras que conhece, o senhor pode ter problemas. Mas a pessoa que o redigiu e a pessoa que o apreende em meio a uma multidão não têm nenhum problema. Eles se entendem, sabem do que estão falando. O senhor poderá não entender, porque procura o significado preciso das palavras.
Attwell: Está sugerindo que, se eu traduzisse o documento para o africâner, palavra por palavra, literalmente, eu não teria a mesma impressão que tenho dele?
Biko: Literalmente?
Attwell: Literalmente, palavra por palavra, idêntico, em africâner.
Biko: Bem, não sei. Vamos pensar em termos de zulu e de xhosa, então neste caso vou ser perito. Mas de qualquer forma, tenho uma vaga impressão de que mesmo em africâner não seria possível transmitir o mesmo significado, traduzindo palavra por palavra.
Attwell: Por que a BPC escolheu o inglês para transmitir o seu significado?
Biko: Trata-se de uma comunicação com uma porção de pessoas que falam várias línguas, está certo, mas pelo menos todas elas sabem inglês. Não com certa sofisticação, mas até um certo ponto.
Attwell: E elas vão necessariamente traduzir isso na própria língua, para ver se...
Biko: Não é preciso traduzir isso na sua língua porque os seus valores como pessoa — fale ou não inglês — seus valores são afetados por sua cultura, de modo que o seu entendimento — você en-

tende um documento em termos da sua estrutura geral, que você tem, em termos de sua própria compreensão, e o que eu estou lhe dizendo é que nem uma única pessoa negra considera isso em termos do significado preciso de cada palavra. Depois que isso for lido, por exemplo, se perguntarmos a uma pessoa negra como é que os brancos... como é que esse documento descreve os brancos, ela não vai se lembrar das palavras exatas. Terá só uma vaga idéia. É só isso que estou tentando lhe dizer a respeito do significado da linguagem.

Attwell: Muito bem, então ela lê esse documento e a única coisa que permanece nele é uma impressão vaga ou geral?

Biko: Quanto às palavras precisas, o significado está lá.

Attwell: Qual é o significado disto?

Biko: Bem...

Attwell: Na BPC J. 2. Olhe para J. 1 e J. 2.

Biko: Trata-se de uma descrição da sociedade branca e, especificamente desse homem, quanto ao papel que ele estava desempenhando. Ele está no meio. De um lado, ele está retratando os direitos das mulheres; de outro, ele os está retratando dentro do contexto de uma sociedade particularmente violenta, está certo, que é a sociedade branca. E o que acontece é que ele morre. Bem, de uma maneira simbólica, ele morre como um soldado, um soldado que morre lutando por uma causa. Sua causa era proteger os direitos das mulheres; é isto basicamente o que o documento está dizendo. Não importa o que os indivíduos estejam dizendo, é isso que o homem para quem estão falando vai entender.

Attwell: Eu concordaria com o senhor que aqui ele foi transformado num símbolo da comunidade negra e que esse funcionário branco, seja quem for, foi transformado num símbolo do sistema branco?

Biko: Já expliquei por quê.

Attwell: E que impressão a pessoa que ler isso vai ter do sistema branco? Seja ele um zulu, um xhosa, um indiano ou qualquer outra coisa?

Biko: É a velha história de sempre, o senhor sabe. Trata-se de novo daquilo que ele conhece, certo? Agora, no enterro, é claro que o centro das atenções é o homem que está sendo enterrado. Se o senhor for a qualquer enterro de negros, será sempre do mesmo jeito. Procuramos trazer à luz as coisas boas a respeito da pessoa que morreu, estamos lhe prestando nossa última homenagem. Em seguida, falamos sobre o modo como ele morreu. O senhor sabe, esse é o comportamento comum em qualquer enterro entre os negros. Os enterros só são realizados nesse contexto. O homem, quem ele é, em que acreditou etc., o que representa? E o que fez com que ele morresse? Normalmente dizemos... em xhosa, por exemplo, haverá alguém para falar a respeito da vida daquela pessoa... [*a testemunha faz uma citação em língua xhosa*]. Haverá alguém para falar sobre a doença da pessoa... [*a testemunha novamente faz uma citação em xhosa*]. Isso é feito em qualquer enterro, de modo que, como orador, você terá de encontrar... Se eu for chamado a falar no enterro de alguém, preciso fazer todo o esforço para pesquisar a vida dessa pessoa e destacar tudo o que houver de bom nela. De modo que isso é muito lógico, e além disso é um enterro africano.

Attwell: Quero apresentar à sua consideração o seguinte: eles puseram em evidência tudo o que havia de bom no Sr. Shezi, todo o bem que possa ter existido, e deixaram de lado qualquer ponto fraco que ele possa ter tido. O que acha disso?

Biko: Isso se faz.

Attwell: E puseram em evidência todas as possíveis coisas más e desagradáveis que puderam apresentar a respeito dos brancos, ignorando todo o bem que possa ou não existir. O senhor concorda comigo?

Biko: Acho que eles não acabaram de mostrar todo o mal.

Attwell: Ainda não acabaram de mostrar todo o mal?

Biko: Não, não.

Attwell: O senhor teria ido mais longe?

Biko: A gente poderia ter ido mais longe, se quisesse.

Attwell: O senhor teria ido mais longe?

Biko: De quem está falando?

Attwell: Do senhor.

Biko: Não necessariamente eu, mas estou dizendo que qualquer um poderia ir mais longe, se quisesse. Se a intenção fosse tentar descrever a sociedade branca como má e usar isso para despertar a ira de todo mundo que estava lá, a gente poderia ter produzido toda uma ladainha de maldades, se quisesse. Isso mostra apenas a impessoalidade da morte, no sentido de que alguém, devido à mentalidade que adquiriu de uma sociedade que não tem nenhum respeito pelos negros, matou Shezi. Poderia ter sido impedido. É só isso que esta coisa está dizendo.

Attwell: Se eu o estou entendendo bem, então, o senhor considera que uma das maneiras possíveis de descrever ou provocar a hostilidade racial seria enumerar uma grande quantidade de coisas que os brancos fazem contra vocês?

Biko: Eu disse que se a intenção realmente for fazer com que esse tipo de sentimento venha à tona entre os negros, você pode novamente usar a concepção que eles têm da linguagem, você tem de usar uma linguagem muito viva. Tome um simples acontecimento, não o descreva agora em termos concretos, mas jogue com a maldade dos vários aspectos do acontecimento: é possível transmitir muitos desses para os negros e eles poderão ficar zangados. Isso é necessariamente o bastante para fazer qualquer um ficar zangado na sociedade negra. Isso é realmente considerado uma descrição das circunstâncias em que o homem morreu. Pois bem, precisamos culpar aquele cara que o empurrou, certo? E precisamos explicar também que não se trata de um ódio pessoal por Shezi. Aquele homem está retratando uma mentalidade que tomou emprestada de sua sociedade. Mas se tivéssemos de fazer com que a sociedade ficasse zangada naquele enterro, haveria uma série de coisas que poderíamos usar, e nós as descreveríamos com palavras precisas, calculadas, para provocar a emoção do negro, fazer as pessoas ficarem zangadas. Não é difícil fazer as pessoas ficarem zangadas, quando se quer. Portanto, essa não era a intenção aqui. A intenção era apenas descrever as circunstâncias em que o homem morreu. Só isso.
Attwell: O senhor diz que não é difícil fazer com que o negro fique zangado?
Biko: Se a gente quiser, basta descrever o que houver para dizer numa linda linguagem floreada, concentrando-se nos detalhes, e certamente se pode.
Attwell: O que mais o senhor acha que o homem que redigiu este documento deveria ter feito? Se essa fosse a intenção dele?
Biko: Tudo isto é um comentário imparcial sobre a evidência dos fatos, pelo menos sobre a situação concreta, sobre o que aconteceu naquele enterro, quero dizer, naquela estação. Um comentário imparcial.
Attwell: O senhor considera isto um comentário imparcial?
Biko: Um comentário completamente imparcial.

12. A justiça de nossa força


U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

Se o Movimento de Consciência Negra, como foi dito na introdução do Capítulo 9, era implacavelmente contra a política dos africânderes de "dividir para conquistar", política que criou os bantustões, qual era a concepção do movimento sobre o futuro da África do Sul? "Uma Azânia, uma Nação" era o lema da BPC, sendo Azânia o nome adotado pelos negros para a África do Sul, assim como Zimbabwe para a Rodésia, e Namíbia para a África do Sudoeste. Nestes trechos do testemunho prestado por Steve no julgamento, em resposta a perguntas capciosas feitas pelo Sr. Soggot, o advogado da defesa, ele define o que isso significa em termos de "uma pessoa, um voto", do lugar dos brancos numa sociedade aberta, das modificações necessárias a uma sociedade igualitária — de acordo com os critérios da cultura e da experiência africana — e, finalmente, de como alcançar o objetivo de uma única sociedade aberta e igualitária. A apologia que Steve faz dos métodos pacíficos se baseava na avaliação realista do movimento em relação ao poder contra o qual se opunha, mas também se apoiava no próprio otimismo inesgotável quanto ao poder da persuasão se a causa fosse justa. Ao menos naquele momento, maio de 1976, ele ainda acreditava que "este governo não se firmou necessariamente numa direção do tipo de Hitler". É preciso acrescentar que Steve sempre reconheceu a relevância de uma estratégia de luta de guerrilha, embora achasse também que por si só ela não seria suficiente.

Um efeito interessante do testemunho de Steve, e em particular de sua coragem durante um interrogatório hostil, me foi relatado pelo Sr. Ben Khoapa. Steve prestou seu depoimento e foi interrogado durante toda a primeira semana de maio de 1976. Os autos processuais foram divulgados na íntegra pelo jornal Rand Daily Mail. *Da noite para o dia Steve tornou-se alvo dos brindes em todos os botequins de Soweto. Manifestava-se enfim a autêntica voz do povo, alguém que não tinha medo de dizer abertamente o que todos os negros pensam mas têm medo demais para poder dizer. Para citar um exemplo, em resposta à pergunta do advogado da acusação: "O que o senhor pensa de africanos que trabalham para a Polícia de Segurança?", ele foi taxativo: "São traidores". E isso num tribunal cercado por membros armados da Polícia de Segurança, negros e brancos! Será que o exemplo da coragem deste único homem inspirou os meninos e as meninas de Soweto a enfrentarem a morte, como fizeram com tanta bravura apenas seis semanas mais tarde?* Não queremos sugerir que Steve foi o "responsável" pela insurreição espontânea do dia 16 de junho de 1976, mas a proximidade desses dois acontecimentos talvez não seja apenas uma coincidência fortuita. A coragem é contagiosa.*

Soggot: Sr. Biko, veja por favor a Resolução 42, na página 249. No parágrafo 2 há uma referência à definição de pessoa negra. Não quero incomodá-lo com isso, mas gostaria que tratasse do que se encontra no parágrafo 3: "A SASO acredita...". Poderia, por favor, ler a alínea (a)?
Biko: Pois não. "A SASO acredita: (a) Que a África do Sul é um país no qual negros e brancos vivem e continuarão a viver juntos."
Soggot: O que isso significa?
Biko: Bem, significa que nós aceitamos que a sociedade sul-africana atual é uma sociedade pluralista, para o desenvolvimento da qual todos os segmentos da sociedade contribuíram. Em outras palavras, estamos falando tanto dos grupos negros quanto dos brancos. Não temos nenhuma intenção de... sem dúvida nos consideramos pessoas que estão aqui e vão ficar aqui. E enfatizamos que não temos absolutamente nenhuma intenção de ver os brancos deixarem este país.

* Referência à famosa rebelião em que os estudantes se revoltaram contra a obrigatoriedade do uso da língua africâner e contra a má qualidade de ensino nas escolas negras. Mais de seiscentas pessoas foram mortas, a grande maioria composta por jovens. (N. T.)

Soggot: Deixarem?
Biko: Sim.
Soggot: D-e-i-x-a-r-e-m?
Biko: Exatamente. Queremos que fiquem aqui lado a lado conosco, mantendo uma sociedade para a qual todos vão contribuir proporcionalmente.
Soggot: Eu gostaria de saber... neste contexto... Poderia olhar para SASO G 1, Resolução 45? Na página 206.
Biko: Certo.
Soggot: Poderia ler a partir de "este país pertence..."?
Biko: "Portanto queremos declarar explicitamente que este país pertence aos negros e somente a eles". Os brancos que vivem no nosso... que vivem neste país [têm que viver] segundo os termos estabelecidos pelos negros e sob a condição de que respeitem o povo negro. Isto não deve ser encarado como um sentimento antibranco. Significa apenas que, considerando que na Europa os negros vivem segundo os termos estabelecidos pelos europeus, os brancos aqui serão submetidos às mesmas condições. "Queremos, além disso, declarar que em nossa opinião sempre será..."
Soggot: Poderia explicar o que a SASO queria dizer com essa resolução?
Biko: Bem, preciso explicar que eu não estava nessa reunião específica, mas a partir da leitura deste documento me parece que quer dizer que este país é essencialmente um país na África, um continente que naturalmente é sempre habitado pelos negros, e que os brancos... Entende-se que há brancos aqui e que eles podem morar neste país ou podem deixar o país, dependendo do relacionamento que tiverem com os negros e da aceitação das condições que os negros estabeleçam aqui num determinado momento. Não sei a que momento a resolução está se referindo.
Soggot: Da maneira como o senhor mesmo entende a posição a respeito do caminho para uma sociedade aberta, como as pessoas vão poder votar? Que direito de votar, por exemplo, o branco vai ter?
Biko: Bem, nós consideramos a votação estritamente na base de uma pessoa, um voto. Este é o tema que prevalece em nossas conversas.
Soggot: E era isso que prevalecia naquele momento?
Biko: Era o que prevalecia no momento em que adotamos o manifesto político e não tenho notícia de que tenha mudado.
Soggot: Sim, então veja o 3 (b), por favor, que está na SASO A. 1, página 249: De volta ao segundo...

Biko: Sim, estou vendo: "Que o branco precisa ser conscientizado de que ou se é parte da solução ou se é parte do problema". Acho que esta declaração se explica por si mesma. Numa situação em que se tem um acúmulo de privilégios dentro da sociedade para serem gozados unicamente ou principalmente por um setor da sociedade, tem-se certa forma de hostilidade de membros que estão em lados opostos, e o branco, especificamente, precisa decidir se é parte do problema — em outras palavras, se ele é parte da estrutura total de poder branco que nós consideramos um problema — ou se ele adere e se torna parte dos negros; este é o ponto central do problema. Eu acho que é isso que essa declaração específica está dizendo.
Soggot: E quanto ao 3 (c)?
Biko: "3 (c). Que, neste contexto, devido aos privilégios que lhes foram concedidos pela legislação e devido à manutenção de um regime de opressão, os brancos definiram a si mesmos como parte do problema". Mais uma vez acho que a declaração fala por si. Falando de modo geral, é a sociedade branca que vota na hora da eleição, são os brancos que elegem um governo, dando-lhe o poder, seja os nacionalistas, o partido, o Partido Unido ou o Partido Progressista. E é esse governo que mantém as cláusulas legais que criam problemas para os negros — problemas de opressão, problemas de pobreza, problemas de privação e problemas de autoalienação, conforme disse anteriormente. É a sociedade branca em conjunto. Alguns podem votar de um modo, outros podem votar de outro, mas todos eles pertencem a um colégio eleitoral — se é que podemos usar esse termo — de toda a sociedade, que juntamente com o governo é responsável por todas essas coisas ou pelo estabelecimento de todas essas cláusulas que se aplicam ao povo negro. E nesse sentido, portanto, perdem o direito de falar como planejadores, juntamente conosco, do nosso modo de decidir o nosso futuro. É o que essa resolução está dizendo. Eles definem a si mesmos, em outras palavras, como o inimigo.
Soggot: E o 3 (d)?
Biko: "Que, por conseguinte, nós acreditamos que os brancos precisam ser excluídos de todos os assuntos relativos à luta para a realização de nossas aspirações". Acho que isso também fala por si mesmo.
Soggot: Uma vez terminada a luta, qual é a proposta da SASO?
Biko: A proposta é simples: uma sociedade aberta; uma pessoa, um voto; nenhuma referência à cor.

Soggot: E o que o senhor quer dizer com "sociedade aberta"?
Biko: Nós consideramos que uma sociedade aberta é aquela que preenche todos os três pontos que acabo de mencionar. Onde possa haver livre participação no plano econômico, no social e em todos os três pontos para todos. O senhor sabe, oportunidades iguais etc.
Soggot: Quanto ao 3 (e), o senhor tem algum comentário a respeito?
Biko: "Que esta atitude não deve ser interpretada pelos negros como uma postura contrária aos brancos, mas apenas como um modo mais positivo de se conseguir uma situação normal na África do Sul". Trata-se mais uma vez de uma advertência aos membros da SASO de que não é nossa intenção criar um sentimento antibranco entre eles. Somos apenas forçados, por considerações históricas, a reconhecer que não podemos planejar lado a lado com pessoas que participam do conjunto exclusivo de privilégios dos brancos, para termos certeza de que todos os privilégios são partilhados. Não acreditamos — não temos mais confiança neles — que estejam prontos a partilhar conosco qualquer tipo de...
Soggot: Naquela época, em que tipo de brancos estavam pensando?
Biko: Quando falamos de?...
Soggot: Dessa atitude em relação aos brancos, da luta...
Biko: Nos brancos em geral.
Soggot: Que tipo de brancos tinha participado da luta com vocês, como fizeram os negros?
Biko: Principalmente os liberais, os estudantes, pessoas de esquerda, se é que podemos chamá-los assim. E, até certo ponto, os progressistas.
Soggot: Bem, e agora o 3 (f), Sr. Biko?
Biko: "Que seguindo esta orientação, portanto, embora não se deva legislar contra isso, deve ser desaconselhado um contato pessoal com os brancos, especialmente nas ocasiões em que ele tende a agir contra [...] que nos são caras". Bem, nós não tínhamos a intenção de nos transformar numa organização policial para vigiar a formação de amizades entre os indivíduos. Não tínhamos a intenção de dissuadir nenhum estudante negro, ou algum membro da SASO em particular, de estabelecer naquele momento um relacionamento de amizade, seja com o patrão de sua mãe, com o patrão de seu pai, com outro estudante ou qualquer pessoa branca dentro da sociedade. No entanto, sentíamos que onde houvesse qualquer possibilidade — estritamente dentro do campo político — de uma tal amizade agir contra crenças que nos são caras, teríamos de avisar as pessoas envolvidas.

Soggot: Bem, Sr. Biko, vou voltar a este documento para abordar também algumas das características predominantes da BPC. Meritíssimo, com sua permissão, posso então deixar de lado este documento por agora. Acredito que seja mais conveniente tratar de alguns temas de modo coletivo. Pode economizar tempo.
Juiz Boshoff: Antes de deixar de lado esse documento, quero saber do Sr. Biko: o senhor diz que sua gente defende a regra de uma pessoa, um voto?
Biko: Sim.
Juiz Boshoff: E esse é um conceito aplicável à situação africana? Já o encontrou em algum lugar da África?
Biko: Sim, nós o encontramos, até mesmo dentro deste país.
Juiz Boshoff: Deixando de lado este país, vamos tomar agora qualquer outro país da África. Existe a regra de uma pessoa, um voto em qualquer outro país?
Biko: Sim.
Juiz Boshoff: Que país?
Biko: Aqui em Botswana... para não ir muito longe.
Juiz Boshoff: Sim, esses estão sob a influência do contexto e das tradições sul-africanas. E saindo de perto das tradições sul-africanas?
Biko: Onde, por exemplo, Meritíssimo?
Juiz Boshoff: Bem, em qualquer lugar fora da África do Sul.
Biko: Existe em Gana. O conceito de uma pessoa...
Juiz Boshoff: Que partidos há em Gana?
Biko: Eu não saberia dizer que partidos existem lá agora.
Juiz Boshoff: Por que, então, diz que lá existe o conceito de uma pessoa, um voto?
Biko: Havia na época...
Juiz Boshoff: Sim, é verdade, havia. Isso não desapareceu já no tempo de Nkrumah?
Biko: Não desapareceu. O que acontece é que em Gana agora existe um regime militar, mas o conceito de eleições, seja para uma câmara de vereadores, seja para uma assembléia de província ou para qualquer das estruturas governamentais existentes, baseia-se no conceito de uma pessoa, um voto.
Juiz Boshoff: Bem, isso pode ocorrer para as entidades subordinadas, mas com relação ao voto mais importante, que afeta o país, há algum país na África onde existe o conceito de uma pessoa, um voto?

Biko: Sim, Meritíssimo. Vamos tomar por exemplo a situação do Quênia, onde tem havido um tratamento [?] natural da oposição.
Juiz Boshoff: Mas eu pensei que isso tinha desaparecido quando Odinga Oginga [*sic*] foi assassinado.
Biko: Não. Oginga Odinga não foi assassinado, ele ainda está vivo.
Juiz Boshoff: Tom Mboya?
Biko: Tom Mboya estava com o partido do governo, e o partido do governo ainda está no poder.
Juiz Boshoff: Sim, mas descobriram que ele tinha certos adeptos entre o povo e...
Biko: Acredito, Meritíssimo, que o senhor está confundindo Tom Mboya com Kariuki. Kariuki é que foi assassinado e foi Kariuki que tinha criado um certo pensamento entre o povo, mas ele também estava operando de dentro do partido do governo. Veja, no Quênia existe um bom exemplo do que um Estado de partido único pode conseguir por meio de pensamentos divergentes dentro do partido. De um lado, Kariuki era o defensor do homem comum, do trabalhador, do empregado no Quênia, contra todo o desenvolvimento de uma burguesia dentro do partido governante. Do outro lado havia Kenyatta, que se sentia constantemente atacado por Kariuki. Pois bem, Kariuki teve permissão para expor suas idéias no Parlamento, teve permissão para organizar reuniões nos quatro cantos do país, mas ainda operando de dentro do KANU, que é o partido governante. Esta é a essência de um Estado de partido único: não há nenhuma necessidade de dividir as pessoas e deixar que liderem outros partidos para...
Juiz Boshoff: Sim, mas Kariuki não sobreviveu a tudo isso, certo?
Biko: Bem, Meritíssimo, parece que muitos políticos não sobreviveram, como Verwoerd não sobreviveu. [*Risadas.*]
Juiz Boshoff: Mas agora veja: não foi a sua própria gente que o matou, não foram as pessoas do seu próprio partido que mataram Verwoerd?
Biko: Não sabemos quem matou Kariuki. Não foi provado.
Juiz Boshoff: Bem, quem eles acusaram de matar Kariuki?
Biko: Bem, há boatos lá de que provavelmente foi Kenyatta, de que provavelmente foi esse ou aquele. Não ficou provado, Meritíssimo. Mas sabemos que esse tipo de coisa acontece na política. Quero dizer que eu poderia fazer aqui uma afirmação que seria absurda. Na sociedade negra acredita-se que o assassinato do Sr. Verwoerd foi concebido dentro do Partido Nacionalista e o nome de certo político é mencionado. Esse é o tipo de crença que algumas

vezes pode surgir e as pessoas lá fora acreditam nisso. O mesmo se aplica a Kariuki.
Juiz Boshoff: Sim, mas o senhor só foi capaz de mencionar esse único país, o Quênia de 46.
Biko: Bem, tive a oportunidade de discutir sobre isso com dois quacres do Quênia que recentemente visitaram este país. É por isso que sei, as coisas vieram até mim. Também discuti a respeito de Botswana com pessoas de lá que visitaram o país. A questão é que não há muito intercâmbio de idéias entre a África e a África do Sul, porque não é tão fácil para as pessoas da África visitarem a África do Sul e vice-versa, já que não têm licença de se locomover pelo país, de modo que, sem base numa experiência própria e em diálogos com outras pessoas, não posso citar mais exemplos na África.
Juiz Boshoff: Bem, o senhor está preparado para dizer que o conceito de uma pessoa, um voto existe em outros países?
Biko: Sim, estou. Quero dizer muito francamente que os militares na África tendem a desempenhar um papel muito importante na política. Os militares, na África, tendem muitas vezes a decidir a convocar uma eleição, e a eleição é um tipo de golpe. Certo, mas então temos situações em todo o mundo onde existe o caos. Na Itália há um governo que renuncia praticamente a cada dois meses. Isso não pode ser evitado.
Juiz Boshoff: Sim, porque lá eles têm uma pessoa, um voto, não é? Como vê, esse é o problema.
Biko: Acho que o governo, como nós, também acredita em uma pessoa, um voto, porque quando estabeleceram os bantustões, eles deram uma pessoa, um voto para o Transkei, para a Zululândia, para Bophuthatswana etc. Eles não dizem às pessoas que só aqueles que podem... [?] ...podem votar. É uma pessoa, um voto. De repente estão suficientemente amadurecidos para...
Juiz Boshoff: Estou interessado em saber se vai dar certo, por isso estou lhe perguntando: o senhor acha que vai dar certo?
Biko: Parece que está dando certo, parece que está dando certo no Transkei.
Juiz Boshoff: Bem, o Transkei está apenas começando. Acaba de começar. Mas o senhor acha que vai dar certo no Transkei?
Biko: Acho que uma pessoa, um voto pode dar certo. Duvido é que o Transkei em si vá dar certo. [*Risadas.*]
Juiz Boshoff: Sim, mas por que diz isso?
Biko: Acho que...

Juiz Boshoff: Por que diz que uma pessoa, um voto vai dar certo e que o Transkei não vai dar certo? Quero dizer, é uma idéia contraditória, não?
Biko: Não. O senhor poderá descobrir, Meritíssimo, que, se Matanzima decidir levar a questão da independência do Transkei para um plebiscito, vai haver uma linda votação, uma eleição organizada, as pessoas votando seriamente, sem o uso da força, mas elas poderão rejeitar o conceito de um Transkei independente.
Juiz Boshoff: Poderão rejeitá-lo?
Biko: Poderão, sim.
Juiz Boshoff: Bem, isso já é outro assunto, e o senhor diria que... Vai culpar uma pessoa, um voto por isso?
Biko: Vou culpar... Não, vou culpar o apartheid. Vou dizer que o Transkei não deu certo e que uma pessoa, um voto deu certo.
Juiz Boshoff: A democracia não pressupõe uma comunidade desenvolvida, a democracia na qual se tem uma pessoa, um voto?
Biko: Sim, pressupõe. Pressupõe, e acredito que seja parte do processo de levar a comunidade a se desenvolver. Não se pode... Meritíssimo, quando as pessoas votam, quando se permite que votem, acho que é preciso dar a elas o direito ao voto, acho que, de certo modo, como governo se pode inventar [?] a maneira de garantir o exercício correto daquele voto, mas certamente voto lhes é concedido.
Juiz Boshoff: Sim, mas a democracia na verdade só é bem-sucedida se as pessoas que têm direito ao voto podem exercer esse voto de modo inteligente e honesto, não?
Biko: Sim, Meritíssimo, é por isso que na Suazilândia, por exemplo, onde algumas vezes há pessoas que não sabem ler o nome dos candidatos, eles usam sinais.
Juiz Boshoff: Certo, mas será que eles conhecem os assuntos do governo o suficiente para poderem influenciá-lo por meio de um voto? Quero dizer que com certeza é preciso conhecer aquilo em que se está votando, a respeito do que se está votando. Presumindo, então, que estão votando numa determinada política, tal como investimento estrangeiro, agora o que é que um camponês sabe sobre investimento estrangeiro?
Biko: Acredito, Meritíssimo, que num governo em que se permite que a democracia funcione, um dos princípios que normalmente se defende é o de um sistema de retorno, em outras palavras, uma discussão entre os que formulam a diretriz política e os que devem entender, aceitar ou rejeitar a diretriz política. Ou seja, é pre-

ciso que haja um sistema de educação política, e isso não implica necessariamente a alfabetização. Quero dizer que a África sempre governou seus povos por meio de vários chefes, Chaka e outros, que não sabiam escrever.

Juiz Boshoff: Sim, mas o governo agora não é muito mais sofisticado e especializado que naquele tempo?

Biko: E há maneiras de explicar essas coisas para o povo. As pessoas são capazes de ouvir. Elas podem não ser capazes de ler e escrever, mas são capazes de ouvir e de compreender as questões que lhes são apresentadas. E acredito que isso de fato está acontecendo em...

Juiz Boshoff: Bem, vamos pegar o Padrão Ouro: se tivermos de debater se o governo deve adotar ou não o Padrão Ouro, o senhor acredita que sabe o suficiente sobre o assunto para poder votar de um modo inteligente?

Biko: Eu mesmo?

Juiz Boshoff: Sim.

Biko: Acredito que provavelmente sei muito mais do que o africânder médio que anda na rua, Meritíssimo.

Juiz Boshoff: Bem, isso pode ser verdade, mas o senhor acredita que sabe o suficiente para poder votar de modo tão inteligente que o governo possa se basear nesse voto?

Biko: Sim, acredito que se ... eu tenho o direito de ser consultado por meu governo sobre qualquer questão. Se eu não puder compreendê-la, posso entregá-la a outra pessoa em quem eu confie, para que a explique para mim.

Juiz Boshoff: E como pode fazer isso? Quero dizer, o voto é seu, e o que acontece com as outras dez pessoas que têm direito a voto?

Biko: O mesmo se aplica a todas as outras pessoas, e é por isso que temos o processo político por meio do qual as coisas são explicadas. Quero dizer que o homem comum na Grã-Bretanha não consegue compreender por si mesmo as vantagens ou desvantagens de a Grã-Bretanha se envolver no mercado econômico global, mas, quando isso se torna objeto de um plebiscito, os organizadores políticos vão ao povo para explicar e conseguir votos para os seus pontos de vista. Assim, o indivíduo ouve o que várias pessoas têm a dizer e decide usar aquilo que ele tem, que é o voto. Mas, enquanto isso, ele não possui nenhum preparo específico para compreender esses aspectos técnicos do conjunto da sociedade.

Juiz Boshoff: Mas esta não é uma das razões pelas quais a Grã-Bretanha é, provavelmente, um dos países mais falidos do mundo?

Biko: Acho que prefiro encarar a questão de um modo mais positivo e dizer que é um país dos mais democráticos.

Juiz Boshoff: Sim, mas agora está falido, não?

Biko: Acredito que seja uma fase, Meritíssimo. A Grã-Bretanha já foi rica antes e pode, sabe, sair do buraco. Acho que é uma fase de sua história.

Juiz Boshoff: Sim, mas em algum momento alguma coisa saiu errada, e não será provavelmente por causa de sua democracia diferente?

Biko: Não penso assim, eu pessoalmente não penso assim. Acho que em parte todo o processo de descolonização foi o responsável pela desestabilização da Grã-Bretanha, por privá-la daquilo que conseguiam obter antes. Agora são forçados a contar com os próprios recursos e não têm muitos. É um país pequeno, menor que a Província de Natal. O que se pode fazer? Eles têm 56 milhões de habitantes, nenhuma terra para cultivar, muito poucas fábricas, a não ser...

Juiz Boshoff: Sim, mas agora o capitalismo está realmente se desenvolvendo. Será que a Grã-Bretanha não era poderosa e, por ser poderosa, se desenvolveu, tornou-se um império, e então é assim que é o capitalismo, é como uma bola de neve que cresce, e cresce?

Biko: Sim.

Juiz Boshoff: Mas ela deve ter tido um bom governo durante um certo período?

Biko: Acho que ela pode ter tido bons recursos num certo período, e pode ter apertado o cinto de tal modo que a distribuição de riquezas não chegou até os mais pobres, em certo período. Como durante o tempo de Adam Smith, e até mesmo o tempo da política de *laissez-faire** quando, o senhor sabe, as poucas pessoas que controlavam a indústria na Grã-Bretanha agiram de modo excessivo em todo o país, fabricando [*inaudível*], tornando-se ricas. E é claro que o governo ficou rico, mas o povo não. O povo ficou mais pobre e é por isso que agora na Grã-Bretanha, mais que em qualquer outro país... [*intervenção*]

Juiz Boshoff: Eles tinham voto?

Biko: Eles então tinham voto e gradualmente estão colocando no poder um governo mais socialista, contrário à exploração das pessoas. O senhor sabe, o povo está reformulando todo o processo, a riqueza precisa voltar para o povo.

* Em francês no original. Política de não-interferência. (N. T.)

Juiz Boshoff: Mas tudo isso não serve para mostrar que uma pessoa, um voto não é a solução de todos os problemas?
Biko: Acho que esse é um debate que está se travando no mundo agora, o debate entre a democracia e o comunismo, entre o capitalismo e...
Juiz Boshoff: Sim, todos têm desvantagens, não é?
Biko: Têm, sim.

Conduzido pelo Sr. Soggot, Steve agora explica algumas das modificações necessárias em uma sociedade sul-africana aberta, para expressar a experiência negra, a cultura negra e os valores negros.

Biko: Acho que precisamos em nossa sociedade que nós, os negros, tenhamos o poder de inovar, que tenhamos o próprio sistema, a partir do qual possamos nos expandir, a partir do qual possamos inovar, para dizer que é nisto que acreditamos, que é isto que aceitamos ou não aceitamos, coisas que são jogadas para nós, e a sociedade que é uma constante [*a testemunha fala de modo pouco inteligível*] física, o senhor sabe, as culturas se afetam mutuamente, como as modas, e não se pode deixar de ter contato com a cultura dos outros. Mas é preciso que tenhamos o direito de rejeitar ou aceitar qualquer coisa que nos seja apresentada. Atualmente existimos como uma espécie de ramo da cultura branca. O senhor sabe que constituímos aquilo que temos de chamar de subcultura, exatamente por causa de uma situação que nos obriga a agir de um certo modo. Por exemplo, se olharmos para a subcultura de se beber num botequim; bem, isso é muito comum na sociedade negra, o senhor sabe; todo o mundo bebe num botequim; eu bebo num botequim. Isso não pode ser atribuído *per se* a nosso passado de vida tribal, porque não tínhamos botequins em nossa vida tribal. Mas é uma subcultura que provém de não termos bares, não temos hotéis onde podemos beber, então o que fazemos? Ou somos gênios para termos inventado um botequim, e para bebermos no botequim, e a partir disso se desenvolve uma subcultura, o senhor sabe. O que estou tentando sugerir aqui, Meritíssimo, é que... [*o tribunal intervém*]
Juiz Boshoff: É a evolução, o fato do botequim simplesmente aconteceu.
Biko: Mas o fundamental é que é preciso que se tenha o direito de rejeitar ou aceitar qualquer tendência nova.

Soggot: Acho que a questão que mais nos interessa é saber se no primeiro dia da sociedade aberta, ou no dia seguinte, vai haver uma destruição geral — qualquer destruição ou condenação de uma cultura e de valores culturais existentes.
Biko: Acredito que haverá uma modificação geral.
Soggot: E que tipo de modificações se pensa fazer?
Biko: Mais uma vez acredito que vai depender muito dos processos de negociação e do resultado desses processos. Acredito que a SASO, em seus documentos e certamente nos muitos discursos proferidos por seus membros, insiste fundamentalmente numa cultura que aceite a dignidade humana do negro. Uma cultura que, basicamente, acolha os conceitos africanos de um modo suficiente para identificar-se como uma cultura africana. O que estamos dizendo agora é que no momento atual temos aqui uma cultura que é européia. Este país, Meritíssimo, parece uma província da Europa. O senhor sabe, para qualquer pessoa que perceba qual é o padrão de comportamento, o país parece ser uma província da Europa. Do ponto de vista de suas raízes, o país não tem relação alguma com o fato de estar localizado na África, e quando o Sr.* Pik Botha diz nas Nações Unidas: "*Nós somos africanos*", ele simplesmente não sabe o que está falando. Nós não nos comportamos como africanos, nos comportamos como europeus que estão na África. E não queremos ser africanos apenas do ponto de vista político, queremos ser pessoas que vivem na África. Queremos que nos chamem de africanos completos, nós — socialmente africanos — [*trecho inaudível*] disse que preciso compreender a África e o que a África significa. E não precisamos ir muito longe. Basta viver junto com o homem aqui, com o negro aqui, cuja contribuição proporcional para a cultura conjunta vai mudar a nossa cultura conjunta o suficiente para acolher a experiência africana. É certo que haverá a experiência européia, pois temos aqui brancos que descendem da Europa. Não discutimos isso. Mas, pelo amor de Deus, é preciso que haja também a experiência africana.

Por fim, Steve define os meios pelos quais o movimento pretende realizar o objetivo de uma única sociedade partilhada e aberta na África do Sul.

Soggot: Agora, Sr. Steve, enquanto ainda estamos tratando de temas globais, podemos agora tratar da questão da realização da

* *Mnr* no original, abreviação de *Meneer*, "senhor" em africâner.

liberdade de vocês? Eu gostaria... sei que isso é antecipar seu testemunho, mas gostaria de que neste contexto o senhor tratasse também da BPC. Vamos examinar os documentos da BPC amanhã.
Biko: Certo.
Soggot: Mas eu acredito que eles podem ser tratados, de modo útil, juntamente com os documentos da SASO. Poderia olhar para a mesma página, no parágrafo 4 (c)?
Biko: Sim.
Soggot: Quer ler isso, por favor?
Biko: "A SASO aceita a premissa de que, antes que os negros se juntem à sociedade aberta, eles devem cerrar suas fileiras para formar um grupo [*inaudível*], para se opor ao racismo explícito que é praticado pela sociedade branca, para planejar claramente seu rumo e negociar a partir de uma posição de força. A SASO acredita que uma sociedade verdadeiramente aberta só pode ser realizada por negros..."
Soggot: Bem, gostaria que o senhor parasse um pouco aí. Eu acho que, sem incomodá-lo com os próprios documentos, em BPC A.1, numa resolução há a frase seguinte — está na página 2 —, que diz: "Formar um movimento político que irá consolidar..." — parágrafo 4 — "consolidar os diferentes setores da comunidade negra com o objetivo de formar um bloco de poder". Encontrou? Sabe do que estou falando? Parágrafo 5: "O objetivo básico é a libertação total de todos os negros". Agora, poderia apresentar ao Meritíssimo Juiz a sua concepção, a concepção da SASO sobre a formação de... aqui se refere a um "grupo sólido", e na BPC a um "bloco de poder". E como imagina que a criação desse chamado bloco vai conduzir à sua libertação?
Biko: Antes de mais nada, aceito que em nossa análise o ponto principal é a existência, em nossa sociedade, de um racismo branco que foi institucionalizado e também protegido pelo apoio de uma maioria de brancos. Em outras palavras, uma criança branca não precisa decidir se quer ou não viver junto com os brancos, ela já nasce nessa situação. Ela é educada nas escolas e nas instituições dos brancos e, de certa forma, se encontra com todo o processo de racismo em vários níveis. Assim, procura ter uma atitude contra os negros. Portanto, os brancos estão unidos em torno dos privilégios que possuem e mantêm esse monopólio afastado da sociedade negra.
Soggot: E então?
Biko: Agora, então, vem a análise. Será que realmente vamos conseguir quebrar esse casulo, sabe, levar os brancos para longe do

conceito de racismo, o conceito de monopolizar os privilégios e a riqueza do país para si próprios, sem que eles estejam necessariamente juntos? Em outras palavras, é possível pregar para eles como indivíduos? Agora acreditamos que a sociedade branca na realidade não vai dar ouvidos a uma pregação. Eles não vão dar ouvidos a seus liberais. O Partido Liberal não vem crescendo no interior da sociedade branca e certamente nós, como negros, não somos capazes de permanecer parados, observando a situação.
Soggot: E então?
Biko: Nós só podemos provocar uma resposta da sociedade branca quando, como negros, falamos com voz decidida e dizemos o que queremos. Na época dos liberais a voz do negro não era muito ouvida, a não ser para repetir o que os liberais diziam. Agora chegou a hora em que nós, como negros, precisamos definir o que queremos, apresentá-lo aos brancos e, a partir de uma posição de força, começar a dizer: "Senhores, é isto o que nós queremos. Os senhores estão aqui, nós estamos aqui, é isto o que queremos". Agora, ao [*inaudível*] há um momento específico em que se iniciam as negociações. Na realidade, isso não é verdade. A única coisa que a BPC quer é conseguir a maioria do apoio negro, de modo que possa soar autenticamente [*inaudível*] em favor do povo negro. O senhor sabe que precisamos poder dizer amanhã que nós, como sul-africanos negros, não queremos um Transkei, e saber também que a sociedade branca sabe que estamos falando em nome da maioria dos negros deste país. Bem, mais uma vez o processo de negociação não é uma coisa que vai esclarecer esse ponto específico da história. Começa agora quando tomamos uma resolução numa conferência e dizemos que vamos comunicar o conteúdo dessa resolução às pessoas em questão, seja uma universidade, no caso da SASO, seja uma organização esportiva, uma organização de direção, no caso da BPC. Tudo isso é negociação. Estamos começando a dizer que é isso o que estamos pensando.
Soggot: E?
Biko: Neste momento nossa força é tal que temos de tratar de questões que são muito, muito secundárias. Ora, conforme vamos desenvolvendo mais força, começamos a enfrentar questão após questão, e tudo isso acontece durante um determinado período de tempo. E as coisas nem estão totalmente definidas como talvez seja sugerido por este texto que diz: "Organizem-se num globo sólido e depois comecem a negociar". Não está tão definido assim. Isso é uma frivolidade, é um modo de apresentar todo o processo num

único parágrafo. Na realidade o processo pode demorar bem mais de vinte anos de diálogo entre negros e brancos. Certamente não prevemos um fracasso. Nós certamente não temos alternativa. Temos analisado a história. Acreditamos que a história se move numa direção lógica determinada e, neste caso particular, a direção lógica é a de que qualquer sociedade branca neste país terá, eventualmente, que se entender com o pensamento negro.
Soggot: Sim?
Biko: Então, nós acreditamos que somos meros agentes nessa história. Há alternativas: de um lado temos grupos, que são conhecidos neste país, que optaram por uma outra forma de atuação, que optaram pela violência. Sabemos que o ANC e o PAC fizeram isso no passado; eles deram esse passo. Mas nós não acreditamos que essa é a única alternativa. Acreditamos que existe um modo de chegar aonde queremos através de meios pacíficos. E o próprio fato de termos decidido formar, efetivamente, um movimento de acordo com as regras demonstra que aceitamos certas limitações legais às nossas atividades. Aceitamos seguir esse rumo específico. Sabemos que o caminho para essa verdade específica está cheio de perigos. Alguns de nós são banidos, como eu. Outros são presos, como esses homens que estão aqui, mas inevitavelmente o processo se dirige para o mesmo lugar para onde nós acreditamos que a história também se dirige: a obtenção de uma situação em que os brancos precisam primeiro escutar. Não acredito que os brancos vão permanecer surdos para sempre. Acreditamos que esta é, sabe, a defesa de uma última trincheira, por assim dizer. Agora mesmo existem indícios de que o Sr. Vorster irá até Smith* para enfrentar as questões. É inevitável que ele saiba, intimamente, que em determinado estágio eu vou ter que falar com todo o mundo. Está bem, mas no momento é apenas um plano que foi posto de lado. Até mesmo toda a idéia de dar liberdade aos bantustões é um modo de aceitar as aspirações políticas do povo, o que é uma aceitação inevitável do que os negros pretendem alcançar. Mas nós rejeitamos isso. O que nós queremos é que nossos interesses sejam totalmente atendidos em todo o país e não apenas numa parte dele. De modo que não temos um programa paralelo, não temos nenhuma alternativa. Acreditamos fundamentalmente na justiça de nossa força e que um dia conseguiremos que os nossos interesses sejam atendidos dentro do país.

* Ian Smith, na época primeiro-ministro da antiga colônia da Rodésia, hoje Zimbabwe. (N. T.)

Soggot: O senhor considera que sua rejeição da solução através dos bantustões tem qualquer significado político? Neste momento?
Biko: Tem, sim.
Soggot: A BPC é uma organização forte, neste momento?
Biko: Bem, eu não diria que é forte. Quero dizer, não sei que idéia de força o senhor está usando; por exemplo, eu não a compararia com o Partido Nacionalista. Certamente tem seguidores. Provavelmente tem muito mais seguidores do que membros dentro do país. Mas parte do que se quer eliminar não está bem morto, ou seja, todo o conceito de medo. Os negros estão mergulhados no medo. Queremos tirá-los disso.
Soggot: Os negros estão mergulhados no medo?
Biko: No medo, sim. Eles têm medo das estruturas e das reações existentes, sabe, por parte do sistema*, de modo que eles não se manifestam. Na realidade, dentro dos bantustões há pessoas que vêm... que vêm dizer que concordam conosco, "mas sabemos que precisamos trabalhar para viver". Um homem que faz propaganda na Rádio Bantu aqui todos os dias — é uma espécie de programa de notícias diárias — veio um dia falar comigo e disse: "Sabe, eu não acredito naquilo que estou dizendo, mas me pagam para dizer isso". E eu acredito nele.
Soggot: Sr. Biko, o senhor diz que a sua rejeição atual tem um significado político.
Biko: Sim.
Soggot: E isso teria um significado maior, ou menor, caso a sua organização fosse considerada representante de fato dos negros?
Biko: Teria um significado muito maior.
Soggot: Poderia nos dizer como vê isso?
Biko: Vamos nos referir a toda a instituição do Transkei. Eu acredito que, se a BPC fosse uma organização estabelecida que reconhecidamente representasse o interesse majoritário do povo negro, e se a BPC dissesse "Nós não vamos aceitar o tipo de independência que está sendo concedida ao Transkei", haveria naquele bantustão uma ação conseqüente no sentido de as pessoas dizerem ao Matanzima delas que nós não queremos isso. Mas neste momento as pessoas negras estão agindo debaixo de um véu de silêncio, e suas capacidades de atuação não são conhecidas. E porque a BPC ainda não chegou totalmente à posição de ser considerada por toda e qualquer pessoa como representante da maioria

* A estrutura sul-africana de segurança.

do povo negro, mesmo quando falam sobre a independência do Transkei, não basta que as pessoas venham e digam que não querem essa independência, porque a BPC não desenvolveu o tipo de postura de falar pela maioria do povo negro.
Soggot: E presumindo que tivesse desenvolvido isso, que efeito o senhor imagina que teria sobre o governo?
Biko: Em relação a quê?
Soggot: Ao processo de negociação.
Biko: Acredito que o processo seria amenizado. Acredito que este governo vai inevitavelmente ouvir a opinião dos negros. Segundo o meu ponto de vista, este governo não está num rumo necessariamente semelhante ao de Hitler. Acredito que está procurando ganhar tempo. Segundo a interpretação que eles dão à situação neste momento, acham que podem continuar. O Sr. Vorster pode adiar alguns problemas e dizer: "Bem, a questão dos mestiços será resolvida pela próxima geração". Isto porque ele vê o caminho livre, até mesmo dada a espécie de timidez para a qual as pessoas negras foram empurradas. Mas acredito que, à medida que cresce o número de vozes que dizem "não", ele vai ouvir, ele vai começar a acolher os sentimentos das pessoas negras, e é aí que a negociação começa. O senhor sabe, qualquer questão que é ganha por causa de nosso "não" significa que estamos sendo ouvidos pelos que estão no poder.
Soggot: Acho que a sugestão que se pode fazer é que vocês estão organizando um bloco de poder. Vocês, então, irão enfrentar o Sr. Vorster e forçá-lo a se decidir pela guerra ou pela paz?
Biko: Sim. Eu disse ao senhor que nós não temos alternativa. Acreditamos que... Na verdade, todo o processo de negociação está então prejudicado em nossa operação. Nós não estamos interessados numa luta armada. Nós afirmamos claramente em nossos documentos que também não estamos interessados em métodos de enfrentamento, querendo dizer com isso manifestações que conduzam a violações claras das leis existentes, de tal modo que haja uma reação por parte do sistema, daquilo que vocês chamam de sistema.
Soggot: E então?
Biko: Pois bem, nossa operação é basicamente de negociação e não há nenhuma outra alternativa. Como eu disse, ela se baseia fundamentalmente no fato de que nós acreditamos ter interpretado a história corretamente e de que o branco, de qualquer modo, vai ter que aceitar eventualmente o inevitável.

Soggot: Meritíssimo, acho que eu não começaria a tratar do tema da BPC. Talvez o Meritíssimo considere que este é um momento conveniente para...
Juiz Boshoff: Quero apenas fazer uma pergunta a ele e depois podemos ter um intervalo. Acho que o Sr. Soggot está tentando lhe dizer o seguinte: presumindo-se que não encontremos erros em seus objetivos e em sua política como tais, no entanto não se poderia dizer que vocês estão tentando atingir seu objetivo de um modo tal que estão organizando um bloco de poder hostil, que está de certo modo orientado para a ação, e que se não conseguirem... se não ficarem satisfeitos quando chegar o momento de negociar, seu bloco de poder irá reagir e então vocês serão incapazes de controlar esse bloco?
Biko: Meritíssimo, eu não...
Juiz Boshoff: Talvez eu devesse colocar a questão de modo diferente. Quando afirmo que vocês o estão preparando desse modo, quero dizer que os meios que vocês empregam para organizar o bloco de poder e para conscientizar as pessoas têm o efeito de hostilizar os negros e, eventualmente, vocês terão uma situação na qual não serão capazes de controlar este bloco, se suas reivindicações não forem atendidas pelo gupo de brancos?
Biko: Contesta-se o primeiro ponto, Meritíssimo, não acho que os meios usados para a conscientização tenham esse efeito, de modo algum, de hostilizar os negros ou de criar algum antagonismo entre os negros. Pelo contrário, eu diria que na realidade nossos métodos criam esperança. Acho que isso precisa ser visto no contexto de uma situação na qual as pessoas negras não têm nenhuma esperança, não vêem nenhuma saída, são apenas pessoas derrotadas, vivem com sua miséria e bebem que é um horror, devido ao tipo de miséria...
Juiz Boshoff: Bem, é por isso que eu digo...
Biko: Então, quando falamos com elas, conscientizando-as, o que estamos de fato fazendo é reanimar a sua esperança.
Juiz Boshoff: Certo, mas a objeção não é contra a conscientização como tal, é contra o modo como se conscientiza, mostrando a elas que os brancos são seus inimigos.
Biko: Mais uma vez, como já disse antes, este é apenas um ponto de partida comum. Estamos falando a respeito daquilo que aquele homem sabe; estamos partindo daí para falar a respeito da maneira de prosseguir a partir daqui. Nós estamos dando a ele uma espécie de lar dentro de um grupo chamado Convenção do Povo Ne-

gro; se tiver problemas, procure a Convenção do Povo Negro [*trecho incompreensível*]. Estamos dizendo que é disso que trata a BPC. Nós nos posicionamos com convicção a favor do negro e compreendemos que são esses os problemas. E eles conhecem o problema. Não importa o que se diga a eles, conhecem o problema. Como eu digo, eles podem manifestar o problema deles de modo mais forte do que nós, mas agora prosseguimos a partir daí para criar algum tipo de esperança, algum tipo de oportunidade. E na realidade acho que estamos dando a eles um tipo de psicoterapia, para deixarmos de ser uma sociedade derrotada, para ser uma sociedade esperançosa; não se está distribuindo algum tipo de instrumento explosivo que vai se tornar incontrolável. Quando se fala de solidariedade negra, na verdade só estamos nos referindo ao sentimento de que estamos falando em nome da maioria dos negros. Não se pretende colocar um indivíduo dentro de uma sala e ensinar-lhe do ponto 1 até o ponto 20 para que ele decida... Não, ele apenas vai acreditar: a BPC fala em meu nome, a BPC é o meu movimento, certo, e agora os meus líderes estão negociando e é isto o que eles estão dizendo, sabe. E quando nós o consultamos, ele... diz: "Nós queremos isto" ou "Nós não queremos isto". É só isso. Num certo sentido, é o mesmo que ser membro do Partido Nacionalista. Não há nada de sinistro nisso. Você é apenas um membro, apenas apóia o partido que, para você, lhe dá a melhor esperança dentro de uma determinada sociedade. É disso que se trata quando se fala em solidariedade negra.

U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

13. A política americana em relação à Azânia

Este é um memorando para o senador Dick Clark dos Estados Unidos. Foi preparado às pressas porque Steve tinha sido solto depois de 101 dias de prisão por transgressão à seção 6 do Decreto sobre Terrorismo, fora solto menos de uma semana antes de seu encontro com Clark.*

A frieza e a lucidez do memorando de Steve se tornam ainda mais notáveis quando se considera que um elemento importante na prisão por transgressão à seção 6 é o isolamento total do prisioneiro numa solitária, sem acesso a nenhum livro, com exceção da Bíblia, e menos ainda a jornais ou rádio.

O leitor não deixará de notar que, no segundo dos "requisitos mínimos" de Steve, ele chegou o mais perto que podia — em termos legais — de pedir que o Sr. Carter, então presidente dos Estados Unidos, determinasse "boicotes comerciais, embargo de armas, retirada de investimentos etc.". Não se tratava de nenhuma declaração irresponsável, feita por um negro sem poder, que não tinha consciência dos sofrimentos que tal política ia trazer para seus companheiros negros. Steve e seus companheiros do movimento de Consciência Negra tinham plena consciência de que o sofrimento dos negros aumentaria se os EUA e seus aliados pusessem em prática essa política. O argumento deles,

* Na época, presidente da Subcomissão do Senado para a África. O senador Clark estava em Lesoto para uma conferência no African-American Institute (Instituto Afro-Americano).

entretanto, era o de que as pessoas não podiam sofrer, em termos materiais, além do que já estavam sofrendo psicologicamente (e, na maioria dos casos, inclusive materialmente); que ainda se poderia chegar ao eleitorado branco por meio de uma arma não violenta, tal como o boicote comercial; e que essa era uma alternativa aceitável para eles, em vez do crescente conflito de guerrilhas, que os brancos não podem vencer mas que só pode conduzir a uma situação mais demorada de sofrimento e derramamento de sangue para os negros, com sua herança de ódio e amargura.

Assim, Steve, falando dessa vez com uma autoridade madura e consciente como líder da verdadeira oposição aos nacionalistas em Pretória, faz o seu penúltimo apelo para aqueles que são os únicos que podem colocar um fim, de maneira relativamente não violenta, à tirania do apartheid. Sua última palavra seria a sua própria morte.

Memorando

Para: Senador Dick Clark
De: B. S. Biko
Assunto: A política americana em relação à Azânia (África do Sul)

Posso começar dizendo como lhe sou grato por sua decisão de me conceder a oportunidade de vê-lo? A título de esclarecimento, preciso salientar que não estou falando apenas em meu próprio nome, mas também no de muitos seguidores do Movimento de Consciência Negra, dentro e fora da prisão.

Tem ficado bastante óbvio para nós que estes são anos decisivos na história da Azânia. Os ventos de libertação, que vêm varrendo a face da África, chegaram até nossas próprias fronteiras. Não há mais nenhuma dúvida quanto à inevitabilidade da mudança — as únicas dúvidas que ainda permanecem são *como* e *quando*.

Neste estágio do processo de libertação, nós nos tornamos muito conscientes do papel desempenhado pelas grandes potências mundiais ao influenciarem na direção deste mesmo processo. Num certo sentido, os Estados Unidos — o seu país — vêm desempenhando um papel vergonhoso em suas relações com nosso país.

Dada a análise clara de nossos problemas, a opção para os Estados Unidos na formulação de sua política em relação à África do Sul de hoje é muito simples. Do ponto de vista político, os interesses de negros e brancos foram levados a posições diametralmente opostas. A escolha dos EUA está limitada a duas alternativas: ou reforçar o regime atual de minoria branca, ou ajudar de modo bem definido na realização das aspirações de milhões de pessoas da população negra, bem como dos brancos de boa vontade.

Estamos antecipando com alegria o advento de uma sociedade não-racial, justa e igualitária, na qual a cor, a crença e a raça não serão, de modo algum, pontos de referência. Escolhemos, de propósito, agir abertamente, porque há muito tempo acreditamos que, por meio do processo da negociação organizada, podemos penetrar até mesmo os ouvidos mais surdos e fazer com que seja registrada a mensagem de que nenhuma mentira pode viver para sempre.

Ao fazermos isso, estamos confiando não só em nossa própria força, mas também no fato de acreditarmos que o resto do mundo considera a opressão e a evidente exploração da maioria negra por uma minoria um pecado imperdoável, que não pode receber a absolvição de sociedades civilizadas.

Embora os políticos dos Estados Unidos falem muito e façam muitas declarações nesse sentido, vem sendo feito muito pouco para uma ação construtiva para exercer uma pressão organizada sobre o regime sul-africano de minoria branca. Além do pecado de omissão, os Estados Unidos muitas vezes têm sido decididamente culpados de trabalharem segundo os interesses do regime de minoria, em detrimento dos interesses dos negros. Parece que a política exterior dos Estados Unidos vem sendo orientada por um desejo egoísta de manter a dominação imperialista sobre este país, sem levar em consideração o sofrimento que os negros têm sido obrigados a suportar.

No entanto, a nova administração dos Estados Unidos precisa considerar que nenhuma situação permanece estática para sempre. Por sua intransigência política e seu preconceito racial, o regime sul-africano de minoria branca vem aumentando o nível de ressentimento entre os negros, até um ponto em que parece, agora, que o povo está preparado para usar de quaisquer meios a fim de realizar suas aspirações.

É igualmente óbvio que as alianças serão buscadas nos lugares onde forem mais significativas. Embora há poucos anos isso fosse apenas uma ameaça, hoje tornou-se iminente devido à situação da África Austral, que está mudando rapidamente.

Tudo isso realça a importância do papel que os Estados Unidos podem desempenhar na formação do futuro que virá. Devido a seus maus antecedentes, os Estados Unidos são uma segunda escolha ruim, em relação à Rússia, quando se trata de escolher um aliado, apesar da oposição dos negros a qualquer tipo de dominação por uma potência estrangeira. Entre os pecados de que os Estados Unidos são acusados estão grandes investimentos na economia da África do Sul, comércio bilateral com a África do Sul, intercâmbio cultural nos campos do esporte e da música e, recentemente, empreendimentos políticos conjuntos, como a atuação Vorster-Kissinger. Todas essas atividades dizem respeito aos brancos e aos seus interesses além de servirem para reforçar a posição do regime de minoria.

Portanto, os Estados Unidos precisam reexaminar de modo drástico sua política em relação à África do Sul. As conferências de última hora, ao estilo Kissinger, não vão funcionar porque um mediador precisa ter as mãos limpas.

Alguns requisitos mínimos talvez possam ser definidos neste estágio:

- O Sr. Carter deveria inverter a política que leva os Estados Unidos a considerarem o governo sul-africano um parceiro em iniciativas diplomáticas na África.
- O Sr. Carter deveria desenvolver imediatamente um novo tipo de envolvimento dos Estados Unidos na economia sul-africana — seja nos chamados bantustões, seja na África do Sul "branca", urbana. Enquanto para nós é ilegal apelar por boicotes comerciais, embargo de armas, retirada de investimentos etc., os próprios Estados Unidos têm toda a liberdade de decidir o preço que a África do Sul vai ter que pagar por manter diretrizes políticas odiosas.
- Nos casos de empresas norte-americanas que não se retirem por si mesmas, o mínimo que se pode esperar é que o governo dos EUA estabeleça regras rígidas para questões como remuneração, categoria salarial, reserva de empregos, sindicatos etc., para garantir completamente que os Estados Unidos não se envolvam na exploração dos negros sul-africanos.
- Os Estados Unidos devem deixar de demonstrar qualquer forma de tolerância para com líderes de bantustões que estão agindo como um modelo e com uma plataforma obviamente preparada para a perpétua sujeição dos negros. Convites para pessoas como Gatsha Buthelezi, Matanzima ou Mangope, bem como a concessão de qualquer forma de reconhecimento oficial ou semi-oficial para essas mesmas pessoas, constituem um flagrante insulto aos negros deste país.

- Os Estados Unidos precisam insistir para que a África do Sul reconheça a necessidade de organizações legítimas, não governamentais, tais como a Convenção do Povo Negro. Do mesmo modo, deve-se permitir que organizações banidas no passado, como o Congresso Nacional Africano, novamente atuem no país.
- Os Estados Unidos devem fazer um apelo para que prisioneiros políticos e pessoas banidas, como Nelson Mandela, Robert Sobukwe, Steve Biko, Govan Mbeki, Walter Sisulu, Barney Pityana sejam libertados e para que essas pessoas sejam integradas no processo político que vai dar forma ao que está por vir.
- Os visitantes oficiais dos Estados Unidos que vêm a este país devem insistir em se encontrar com a liderança negra autêntica, representada pelas pessoas citadas acima, e se recusar a qualquer tipo de envolvimento na farsa política unilateral que Kissinger parece ter aceitado.
- O Sr. Carter precisa se manifestar depressa em relação à questão da Namíbia. A SWAPO é reconhecida por nós, negros, como uma organização indispensável na formulação de qualquer plano para a independência da Namíbia.

É evidente que o papel desempenhado pelas várias potências mundiais influenciará o rumo dos compromissos assumidos. Se os Estados Unidos se orientarem para um total apoio à luta pela libertação dos negros, terão chance de influenciar as tendências políticas e de ser considerados verdadeiros amigos. Pelo contrário, até agora seu papel tem sido considerado como um incentivo ao regime de minoria, tudo à custa do negro.

Por isso, o Sr. Carter sem dúvida tem consciência de que está assumindo o poder num momento em que a influência norte-americana na África tornou-se particularmente significativa. Se ele se colocar do lado daqueles cujo justo direito não pode ser questionado — terá usado a enorme influência que os Estados Unidos possuem de forma legítima e útil. Se, por outro lado, ele ajudar os que estão tentando fazer o tempo parar, então aos olhos dos negros deste país os Estados Unidos terão manchado o próprio nome de modo irreparável.

STEVE BIKO
1º de dezembro de 1976

TERRITÓRIO AFRICANO
U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)

14. Nossa estratégia para a libertação

Nesta entrevista, realizada na primeira metade de 1977, Steve recapitula a história e os objetivos daquilo que ele mesmo podia então chamar de Movimento de Consciência Negra. Historicamente, a observação mais interessante se encontra quase no final do item "A ameaça vermelha", quando Steve almeja a integração, em "um único grupo libertador" do ANC, do PAC e do Movimento de Consciência Negra. Mas a entrevista toda constitui um relato impressionante do pensamento do Movimento de Consciência Negra, formulado por seu fundador quase dez anos depois de sua criação, e pouco tempo antes de sua derradeira prisão e morte.

Nossa estratégia para a libertação

Stephen Biko: Várias de nossas organizações estão agindo em níveis diferentes. Esta história começa depois de 1963, 1964. Como deve se lembrar, houve muitas prisões neste país provenientes de atividades clandestinas realizadas pelo PAC e pelo ANC. Isto levou a um certo enfraquecimento político, especialmente da população negra, e por causa disso não havia nenhuma participação dos negros na articulação de suas próprias aspirações. Toda a oposição àquilo que o governo estava fazendo com os negros vinha, de

fato, de organizações brancas, principalmente de grupos de estudantes, como a NUSAS, do Partido Liberal, do Partido Progressista. Os negros que estavam dizendo coisas que tinham sentido eram muito menos numerosos em comparação com os velhos tempos, e estavam espalhados entre essas organizações específicas.

Quando cheguei à universidade (Universidade de Durban), o que ocorreu em algum momento de 1966, de acordo com minha própria análise e a de meus amigos, havia algum tipo de anomalia nessa situação, na qual os brancos eram, de fato, os principais participantes em nossa opressão e, ao mesmo tempo, os principais participantes na oposição a essa opressão. Isso pressupõe, portanto, que neste país os negros não estavam, em nenhum estágio, compartilhando do esforço de mudar a opinião política. A situação era totalmente controlada por brancos, naquilo que chamávamos de "totalidade" de poder branco, naquele tempo.

Assim nós argumentamos que quaisquer mudanças que venham a ocorrer só podem surgir como resultado de um programa elaborado por negros — e para que os negros fossem capazes de elaborar um programa precisavam derrotar o único elemento importante na política que estava trabalhando contra eles: um sentimento psicológico de inferioridade, que era cultivado deliberadamente pelo sistema. E assim, do mesmo modo, para que os brancos pudessem escutar os negros, eles precisavam derrotar o único problema que tinham, que era um problema de "superioridade".

A única maneira de conseguir realizar esse objetivo era, naturalmente, encarar o negro de um modo novo, em termos de ver o que há nele que faz com que se deixe desacreditar tão facilmente. Em primeiro lugar, dizíamos que, como estudantes negros, não podíamos participar de organizações multirraciais, que eram organizações brancas, devido ao número esmagador de estudantes brancos nas universidades deste país.

Em segundo lugar, essas organizações se concentravam principalmente nos problemas que afetavam a comunidade estudantil branca.

Em terceiro lugar, naturalmente, quando se tratava de questões políticas, eles sabiam formular suas idéias muito melhor que a média dos estudantes negros, já que possuíam uma formação superior. Além disso, por serem mais numerosos, detinham a maioria de votos em qualquer debate. Isso queria dizer que a NUSAS, como organização, apresentava opiniões políticas que eram muito influenciadas pela branquidão dessa organização em particular.

Assim, em 1968, começamos a organizar o que hoje se chama SASO — Organização dos Estudantes da África do Sul —, que se baseava firmemente na Consciência Negra, cujo ponto central era que o negro devia melhorar sua posição através de uma visão positiva daqueles sistemas de valores que fazem com que ele se distinga na sociedade.

Como, por exemplo?
Primeiramente, achávamos que este país específico é quase como uma ilha da Europa na África. Quem percorrer toda a África vai encontrar aspectos da vida africana que são valorizados culturalmente em todo o continente. Mas neste país — de algum modo, qualquer visitante que venha para cá tende a ser levado a quase acreditar que está na Europa. Ele nunca vê negros a não ser em funções subservientes. Tudo isso por causa da dominação cultural do grupo que agora se encontra no poder.

A redução do medo

Até que ponto têm sido bem-sucedidos?
Temos sido bem-sucedidos no sentido de termos reduzido o elemento medo na mente dos negros. No período de 63 a 66, os negros tinham um medo horrível de se envolver na política. As universidades não estavam formando nenhuma liderança útil para os negros, porque todo mundo achava mais cômodo perder-se numa determinada profissão, ganhar dinheiro. Mas, de lá para cá, os estudantes negros vêm considerando que o papel fundamental deles é se prepararem para desempenharem funções de liderança nos vários aspectos da comunidade negra. Através de nossa formulação política das aspirações dos negros, muitos deles passaram a considerar a necessidade de se levantar e tomar uma posição significativa contra o sistema. Fala-se muito mais em política agora, há muito mais debate político e muito mais condenação do sistema por parte de pessoas negras comuns do que jamais houve, talvez desde 1960 e antes.

Estou me referindo aqui a todo o sistema opressor de educação, sobre o qual os estudantes estão falando. Depois de se queixar disso, o governo quer fortalecer ainda mais aquilo contra o que os estudantes estão protestando, trazendo a polícia e carros blindados e cachorros — quase soldados, por assim dizer.

A reação dos estudantes então foi em termos do seu orgulho. Não estavam dispostos a serem acalmados, nem mesmo com revólveres apontados contra eles. E por isso aconteceu o que aconteceu. Algumas pessoas foram mortas. Essas revoltas só continuaram a acontecer, constantemente, porque em nenhum momento os jovens estudantes — e nem, por falar nisso, em algum ponto, os seus pais — estavam dispostos a ter medo. Todo mundo viu isso como um ato deliberado de empregar medidas opressoras para tentar acalmar as multidões negras, e todo mundo estava decidido igualmente a dizer para a polícia, a dizer para o governo: "não seremos amedrontados por sua polícia, por seus cachorros e por seus soldados". Agora, este é o tipo de ausência de medo sobre o qual estamos falando que eu considero como um determinante importante na ação política.

Desde o último mês de junho, uns quatrocentos jovens negros foram mortos.
Na realidade, 499.*

Não acha que isso vai intimidá-los?
Não. Acho que foi um instrumento muito útil para uma aliança entre jovens e velhos. Antes disso havia uma diferença entre os pontos de vista da velha geração e os da geração mais jovem. A geração mais jovem estava indo depressa demais para a velha geração. A velha geração estava dividida entre a política dos bantustões, de um lado — velhas fidelidades que não eram alianças progressistas, para com grupos como o ANC, o PAC, sem nenhum resultado na ação —, e havia aqueles que estavam amedrontados demais para se mexer.

Vocês são contra a liderança dos bantustões?
Sim, claro. Somos contra os líderes dos bantustões, até mesmo contra os melhores dentre eles, como Gatsha Buthelezi.

Diga alguma coisa a esse respeito.
Nossa atitude, neste caso, é de que não se pode, ao buscar as aspirações dos negros, consegui-las a partir de uma plataforma que foi feita para a opressão dos negros. Consideramos que todas essas

* Na verdade, morreram muito mais. (N. T.)

plataformas dos chamados bantustões foram criadas deliberadamente pelo governo nacionalista para conter as aspirações políticas dos negros e para apresentar plataformas pseudopolíticas, a fim de que dirigissem suas aspirações para elas.

Agora, homens como Gatsha Buthelezi, Matanzima, Mangope, etc., todos eles participam do jogo do branco de conter as aspirações dos negros. Não acreditamos que seja possível de nenhum modo fazer com que essas plataformas desempenhem um papel útil. Acreditamos que o primeiro passo principal a ser dado por qualquer líder político negro é destruir uma plataforma assim. Destruí-la, sem lhe dar qualquer tipo de respeitabilidade. Uma vez que se entre nela, que se participe dela, esteja você no partido do governo ou na oposição, você estará na verdade santificando-a, conferindo-lhe respeitabilidade.

Assim, em um certo sentido, pessoas como Buthelezi, como Matanzima, como Mangope participam de um jogo de brancos e participam à custa do negro. Eles estão conduzindo os negros a uma luta dividida — levando-os a falarem como zulus, como xhosas, como pedis —, o que é uma característica totalmente nova na vida política dos negros neste país. Nós falamos como um todo integrado, dirigindo-nos a um inimigo comum, e rejeitamos qualquer um que queira destruir essa união.

Nossa opinião é que devemos atuar como um todo integrado, a fim de realizar uma sociedade igualitária para a totalidade da Azânia. Por isso, para nós, tudo o que reforce pontos de vista restritos a uma determinada tribo, pontos de vista racistas ou que sejam de alguma maneira setoriais, é abominável. Nós o odiamos e procuramos destruí-lo. É por essa razão, portanto, que não podemos considerar nenhum tipo de coalizão com qualquer um dos líderes dos bantustões, mesmo com os assim chamados melhores entre eles, como Gatsha Buthelezi, porque eles se destroem a si mesmos em virtude do tipo de argumentos que apresentamos.

A ameaça vermelha

O governo, é claro, disse que toda essa inquietação é devida à agitação comunista. O senhor é comunista?
Nós não somos, de modo algum, comunistas. E também não acredito, nem por um momento, que a agitação seja devida à agitação

comunista. Eu sei com certeza que tem havido participação de muita gente na agitação; isso, de qualquer modo, pode ser visto através de alguns sinais. Mas a razão fundamental que está por trás da agitação é uma simples falta de paciência, por parte dos jovens, com um governo que se recusa a mudar, que se recusa a fazer mudanças no campo da educação — que é o alvo deles, os estudantes — e que também se recusa a fazer mudanças na situação política mais ampla.

Bem, quando esses jovens começaram com os seus protestos, estavam falando sobre [o uso exclusivo do] africâner [nas escolas negras], estavam falando sobre a educação bantu e levavam isso a sério. Mas o governo reagiu de modo autoritário, presumindo, como sempre tem feito, que estava numa posição de poder total. Mas uma vez na vida se depararam aqui com um grupo de estudantes que não estavam dispostos a ser jogados de um lado para o outro, o tempo todo. Eles decidiram se mexer e naturalmente todo o país reagiu...

Há lições a serem tiradas de toda essa agitação, na situação do ano passado. Em primeiro lugar, acho que os negros se mexeram um pouco e agora eles conhecem o grau de dedicação que podem encontrar entre os seus próprios companheiros quando são chamados à ação. E agora, sabem qual é o tipo de reação que vão receber dos vários setores da população — dos jovens, dos mais velhos e assim por diante.

A segunda lição, claro, é a reação do governo e da população branca em geral. O governo reagiu de um modo e a população branca também reagiu de outro modo. Não pretendemos entrar em detalhes aqui, mas lendo esses jornais é possível ter alguma idéia do nível de medo que prevalecia na sociedade branca num dado momento, especialmente logo depois do primeiro massacre em Soweto, quando havia um medo real na comunidade inteira, em todo o país. Ninguém sabia exatamente onde a próxima ocorrência ia surgir.

Como essas lições vão ser expressas no futuro?
Acho que qualquer repetição de distúrbios dessa natureza só pode levar a um planejamento mais cuidadoso e a melhores previsões, conseguindo assim obter os resultados desejados de modo mais amplo do que através dessa situação espontânea que tivemos, por exemplo, no ano passado.

Acredita que através desses meios vão conseguir realizar uma mudança real nesta sociedade?
Vejo isso apenas como uma forma de expressar o descontentamento interior. Sou de opinião de que neste país o processo inteiro de mudança vai ser demorado. Depende inteiramente do ponto até o qual o governo nacionalista está preparado para se agarrar ao poder. Minha própria análise é que eles estão querendo se agarrar ao poder e lutar até o fim.

Agora, o conflito só seria evitável se nós estivéssemos preparados para evitá-lo. Aqueles que estão buscando algo, isto é, aqueles que querem justiça, que querem uma sociedade igualitária, só podem ir ao encalço de suas aspirações de acordo com a resistência apresentada pela oposição. Se a oposição está preparada para lutar até o fim, então o conflito não pode ser evitado.

Agora, nós como BPC — sou membro do Movimento de Consciência Negra, era membro da BPC antes de ser banido e, agora, segundo me disseram, fui nomeado presidente honorário da BPC —, a linha que a BPC segue é a de utilizar o mais possível os meios não-violentos dentro do país, e é por isso que nós existimos.

Mas há pessoas — e existem muitas pessoas — que perderam a esperança na eficácia da não-violência enquanto método. São de opinião de que o atual governo nacionalista só pode ser derrubado por pessoas que atuem numa facção militar.

Não sei se é essa a resposta final. Acho que no fim vai haver uma totalidade dos efeitos de certo número de agentes de mudanças que operam na África do Sul. Eu, pessoalmente, gostaria de ver um número menor de grupos. Gostaria que grupos como o ANC, o PAC e o Movimento de Consciência Negra decidissem formar um único grupo de libertação. Acredito que só quando os negros estiverem assim dedicados e unidos em sua causa é que poderemos obter os maiores resultados. É o futuro que vai dizer se isso vai ser conseguido através da forma de um conflito ou não. Não acredito, nem por um minuto, que vamos pôr de lado, voluntariamente, a nossa crença numa posição de não-violência neste momento. Mas não posso predizer o que vai acontecer no futuro, visto que não posso predizer o que o inimigo vai fazer no futuro

Nenhum cronograma

Pode fazer qualquer conjetura sobre o número de anos que podem ser necessários para que a mudança ocorra?

Esse é um exercício muito difícil. Não quero me envolver nesse tipo de exercício. Alguns falam em cinco anos, outros em dez. Acho que ainda não estamos no estágio em que se pode estabelecer um cronograma preciso.

O senhor fala numa sociedade igualitária. Está se referindo a uma sociedade socialista?
Sim. Acho que não se pode negar o fato de que agora na África do Sul há uma distribuição tão má da riqueza, que qualquer forma de liberdade política que não toque na distribuição adequada da riqueza não terá sentido. Os brancos trancaram, dentro de uma pequena minoria deles mesmos, a maior parte da riqueza do país. Se tivermos uma mera mudança de caras naqueles que estão em posições de mando, o que vai provavelmente ocorrer é que os negros continuarão a ser pobres e poderemos ver alguns negros se infiltrando na chamada burguesia. Nossa sociedade será dirigida quase do mesmo modo que ontem. Assim, para que surja uma mudança significativa, é preciso haver uma tentativa de reorganizar todo o padrão econômico e as diretrizes econômicas, dentro deste país.

A BPC acredita numa combinação criteriosa de uma empresa privada muito reduzida com uma participação do Estado na indústria e no comércio, especialmente em indústrias como a mineração — ouro, diamantes, asbesto e outros —, como a silvicultura, e, é claro, a total posse da terra. Então, com esse tipo de combinação criteriosa dos dois sistemas esperamos chegar a uma distribuição mais eqüitativa da riqueza.

O senhor visualiza um país no qual negros e brancos possam viver juntos, amigavelmente, com as mesmas condições?
Correto. Visualizamos uma sociedade completamente não racial. Não acreditamos, por exemplo, nas chamadas garantias para os direitos das minorias, porque garantir o direito das minorias implica reconhecer partes da comunidade com base na diferença racial. Acreditamos que em nosso país não haverá nenhuma minoria, não haverá nenhuma maioria, só as pessoas. E essas pessoas terão o mesmo *status* perante a lei e terão os mesmos direitos políticos perante a lei. De modo que, num certo sentido, será uma sociedade completamente não racial, igualitária.

Mas será que o enorme número de negros, depois de tudo o que eles experimentaram, vai ser capaz de viver sua vida sem manifestar sentimentos de vingança, de...

Acreditamos que é dever do movimento político de vanguarda, que traz a mudança, educar a perspectiva do povo. Do mesmo modo como os negros, que nunca viveram num sistema econômico socialista, vão ter que aprender a viver em um. E do mesmo modo como eles, que sempre viveram numa sociedade racialmente dividida, vão ter que aprender a viver numa sociedade não racial. Eles têm muita coisa para aprender.

Tudo isso precisa ser levado até eles e explicado às pessoas pelo movimento de vanguarda que está liderando a revolução. De modo que não tenho nenhuma dúvida em minha mente de que as pessoas — e eu conheço o povo, em termos de meu próprio contexto, onde eu moro — não são necessariamente vingativas, nem têm um ponto de vista sádico. O negro não tem más intenções em relação ao branco. O negro só tem raiva do branco quanto ao seu desejo de se fortalecer em uma posição de poder para explorar o negro. Não há nada mais além disso.

Não precisamos de maiorias artificiais, de leis artificiais para nos fortalecer no poder, porque acreditamos que uma vez que tenhamos obtido o poder, o nosso número, por si só, vai nos manter lá. Não temos o mesmo medo que o governo de minoria branca sempre tem tido, que tem conduzido às suas muitas leis destinadas a mantê-lo lá.

Direito de voto livre

Como sabe, o principal argumento do governo é sempre o de que o negro simplesmente não está hoje em um nível de civilização para poder ter toda a sua influência política. Acredita no direito de cada pessoa ter um voto?
Sim, nós acreditamos nisso. Totalmente. Totalmente: uma pessoa, um voto, sem nenhuma qualificação de nenhum tipo, com exceção das qualificações normais que existem em todo o mundo.

Não acha que o negro, de fato, é bem capaz...
O negro é bem capaz e o branco sabe disso. A ironia desse tipo de situação é que, quando o governo branco negocia uma assim chamada independência para o assim chamado Transkei, não fala em termos de um direito a voto com qualificações. No Transkei, todo transkeiano vota. Existem políticos nacionalistas brancos que

argumentam que esse é um sistema que vai funcionar no Transkei. Mas, de algum modo, quando se trata do país mais amplo, os negros não podem votar porque não compreendem os padrões econômicos sofisticados daqui. Eles não entendem nada. Eles precisam operar em um nível diferente. Tudo isso é bobagem. Tem o objetivo de fortalecer o branco na posição na qual se encontra hoje. Nós vamos acabar com isso de uma vez. Vai haver um direito a voto completamente não racial. Negros e brancos vão votar como indivíduos em nossa sociedade.

Tudo isso é fascinante. Como estrangeiro, como visitante, só posso dizer que minha impressão é que certamente será um caminho muito longo e provavelmente muito sangrento.

Existe essa possibilidade. Sim, existe essa possibilidade. Mas como disse antes, será determinada unicamente pela reação do Partido Nacionalista. Se eles foram capazes de ver que, na Rodésia, Smith precisa negociar com os líderes negros da Rodésia...

Acho que o conflito é inevitável dada a reação previsível do sistema atual. E esse conflito pode ser bem generalizado e extenso e demorado. Meu maior medo é que, de acordo com esta análise atual, o conflito só pode se dar numa base generalizada entre negros e brancos.

Não temos grupos suficientes que possam formar coalizões com negros — isto é, grupos de brancos — no momento atual. Quanto mais grupos assim surgirem tanto melhor, para minimizar esse conflito.

Muito obrigado, Sr. Biko.

15. Sobre a morte



U.C.P.A.
(UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS)
TERRITÓRIO AFRICANO

Estas palavras foram tiradas de uma entrevista com um homem de negócios americano, realizada alguns meses antes da derradeira prisão e da morte de Steve, mas que só foi publicada no New Republic *no dia 7 de janeiro de 1978. Elas dispensam qualquer comentário.*

A gente ou está vivo e orgulhoso, ou está morto. E quando se está morto, a gente não liga mesmo. E o modo como se morre pode ser, por si mesmo, uma coisa que cria consciência política. Assim, a gente morre nos tumultos. Para um número muito grande, na verdade, não há realmente muito o que perder — quase que literalmente, dado o tipo de situações de que provêm. E assim, se a gente puder superar o medo pessoal da morte, que é uma coisa altamente irracional, sabe, então a gente está a caminho.

E no interrogatório o mesmo tipo de coisa se aplica. Eu estava falando com um policial e disse a ele: "Se quer que façamos progresso, a melhor coisa é falarmos. Não tente nenhum tipo de brutalidade, porque simplesmente não vai funcionar". E isso também é absolutamente certo. Porque eu simplesmente não podia imaginar o que poderiam fazer comigo, que me fizesse de repente ficar mais maleável para eles. Se eles falarem comigo, bem, certamente vou ser afetado por eles como seres humanos. Mas no minuto em que eles usarem de brutalidade, estão imprimindo em minha mente o fato de serem da polícia. E eu só conheço um modo de tratar com a polícia e é o de colaborar o mínimo possível. E as-

sim eu me fecho. E eu disse isso a eles: "Depende de vocês". Tivemos uma luta de boxe no primeiro dia em que me prenderam. Um cara tentou me dar uma bordoada com um porrete. Fui para cima dele como um touro. Acho que ele tinha recebido instruções para chegar só até um certo ponto, e não mais, e usando as mãos abertas de modo a não deixar nenhuma marca no rosto. E naturalmente ele disse exatamente o que o senhor estava dizendo agora há pouco: "Vou matá-lo". Ele pretendia me intimidar. E minha resposta foi: "Quanto tempo você vai levar?". É claro que eles estavam observando minha reação. E eles podiam ver que eu não estava nem um pouco preocupado. Se eles me espancam, é uma vantagem para mim. Posso usar isso. Eles tinham acabado de matar alguém na cadeia — um amigo meu —, uns dez dias antes de eu ter sido preso. Agora, teria sido uma prova tremendamente útil se eles me espancassem. Pelo menos isso mostraria que tipo de possibilidades havia, que tinham levado à morte desse cara. Assim, eu queria que eles fossem em frente e fizessem o que pudessem, para que eu pudesse usar isso. Eu não estava realmente com medo de que a violência deles pudesse me levar a revelar coisas que eu não quisesse, porque eu não tinha nada a revelar sobre essa questão em particular. Eu estava agindo a partir de uma posição muito boa, e eles estavam numa posição muito fraca. Minha atitude é: não vou permitir que eles executem fielmente o programa deles. Se eles querem me surrar cinco vezes, só podem fazer isso sob a condição de eu deixar que eles me surrem cinco vezes. Se eu reagir impetuosamente, de maneira idêntica e oposta, logo no primeiro golpe, eles não vão ser capazes de contar os quatro golpes seguintes, sabe. É uma luta. De modo que se eles pretendiam me surrar só até um certo ponto, e não mais, minha idéia é fazer com que vão além do que eles pretendiam e devolver o máximo que eu puder, de modo que se torne uma coisa incontrolável. Percebe qual era o único problema que esse cara tinha comigo? Ele não podia realmente lutar comigo porque isso queria dizer que ele teria que revidar, como um homem. Mas ele tinha recebido instruções, sabe, sobre como bater, e agora essas instruções não valiam mais, porque era uma luta. E assim ele tinha que se retirar e receber outras instruções. Assim, eu disse para eles: "Escutem, se vocês querem fazer isso do seu modo, vão ter que me algemar e amarrar meus pés juntos, de modo que eu não possa reagir. Se me deixarem reagir, certamente vou reagir. E tenho medo de que poderão ter que me matar no decorrer do processo, mesmo que não seja essa a sua intenção".

impressão e acabamento por
W. Roth & Cia. Ltda.

Digitalizado por Ayòdélé Adégunsìkè e Abisogun Olatunji Odudwa.

do país, são artigos, cartas, entrevistas, trechos do seu julgamento. Neles, Biko denuncia a tática de "dividir para conquistar", utilizada pelo estado de apartheid para manter a maioria negra sob seu jugo. Ele argumenta ainda em favor de uma reavaliação global da história de seu país, que devolva aos negros o senso de sua dignidade e da riqueza de sua cultura.

Sem fazer apelo à violência, Biko conclama seu povo a uma estratégia militante de libertação, que não seja direcionada nem limitada pela tutela dos brancos liberais. O título de seus escritos, dado por ele mesmo — **Escrevo o que eu quero** —, é bem representativo desse espírito: eu escrevo aquilo que EU quero, e não aquilo que o sistema do apartheid quer que eu escreva; eu penso e ajo como EU quero e não como eles pretendem que eu pense e aja.

No Brasil, onde quase 50% da população é de origem negra ou mestiça, a leitura atenta desses textos é indispensável para todos aqueles que almejam uma sociedade mais justa.

do país, são artigos, cartas, entrevistas, trechos do seu julgamento. Neles, Biko denuncia a tática de ''dividir para conquistar'', utilizada pelo estado de apartheid para manter a maioria negra sob seu jugo. Ele argumenta ainda em favor de uma reavaliação global da história de seu país, que devolva aos negros o senso de sua dignidade e da riqueza de sua cultura.

Sem fazer apelo à violência, Biko conclama seu povo a uma estratégia militante de libertação, que não seja direcionada nem limitada pela tutela dos brancos liberais. O título de seus escritos, dado por ele mesmo — **Escrevo o que eu quero** —, é bem representativo desse espírito: eu escrevo aquilo que EU quero, e não aquilo que o sistema do apartheid quer que eu escreva; eu penso e ajo como EU quero e não como eles pretendem que eu pense e aja.

No Brasil, onde quase 50% da população é de origem negra ou mestiça, a leitura atenta desses textos é indispensável para todos aqueles que almejam uma sociedade mais justa.

ISBN 85 08 03625 6

''Sou contra a estratificação da sociedade em superior-inferior, branco-negro, que faz do branco um perpétuo professor e do negro um perpétuo aluno (e um mau aluno, além do mais). Sou contra a arrogância intelectual dos brancos que faz com que acreditem que a liderança branca é uma condição **sine qua non** neste país, e que os brancos têm um mandato divino para imporem o seu ritmo ao progresso. Sou contra o fato de que uma minoria de colonizadores imponha todo um sistema de valores ao povo nativo.''

Steve Biko

*

''O pensamento de Steve Biko é absolutamente atual no contexto das relações raciais do Brasil. Esperamos que ele seja fonte de inspiração para a reflexão e ação política dos movimentos negros brasileiros e demais setores sociais comprometidos com a defesa dos direitos humanos fundamentais e com a construção de uma ordem social justa e igualitária.''

Do prefácio de Benedita da Silva